

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

SÍLVIA LÚCIA PEREIRA DUARTE

TRADIÇÃO E RITUAIS
30 anos das mulheres no Exército Brasileiro

São Paulo

2024

SÍLVIA LÚCIA PEREIRA DUARTE

TRADIÇÃO E RITUAIS
30 anos das mulheres no Exército Brasileiro

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

São Paulo

2024

D812t Duarte, Sílvia Lúcia Pereira.
Tradições e rituais [recurso eletrônico] : 30 anos das mulheres no
Exército Brasileiro / Sílvia Lúcia Pereira Duarte.
170 f.

Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) –
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.
Orientador: Rosana Maria Pires Barbato Schwartz.
Referências bibliográficas: f. 156-166

1. Interdisciplinaridade. 2. Representação. 3. História oral. 4
Exército Brasileiro. 5. Mulheres. I. Schwartz, Rosana Maria Pires
Barbato. *orientador (a)*. II. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Marcela da Silva Matos – CRB 8/10691

Folha de Identificação da Agência de Financiamento



Autor: Sílvia Lúcia Pereira Duarte

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Arte e História da Cultura

Título do Trabalho: Tradições e Rituais - 30 anos da mulheres no Exército Brasileiro

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria: ○○○○
- Outro: ○○○○

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.


SÍLVIA LÚCIA PEREIRA DUARTE

TRADIÇÃO E RITUAIS
30 anos das mulheres no Exército Brasileiro


Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, Arte e História da Cultura.

Aprovada em 05 de agosto de 2024.


BANCA EXAMINADORA



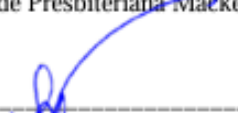
Prof.ª. Dr.ª. Rosana Maria Pires Barbato Schwartz
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Lamartine Gaspar de Oliveira
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª. Dr.ª. Mirtes de Moraes Correa
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª. Dr.ª. Lucia Helena Polleti Bettini
Universidade São Caetano do Sul



Prof. Dr. Luiz Eduardo Pesce de Arruda
Centro de Altos Estudos de Segurança "Cel PM Nelson Freire Terra", CAES, Brasil.

À Jorge, meu companheiro de vida, pela paciência, apoio e incentivo

À Lucia, minha mãe, pelo exemplo de determinação e resiliência e

À Guilherme, meu filho pela compreensão das horas de afastamento

Dedico.

Agradecimentos

Há quase cinco anos, quando em outubro de 2019, decidi voltar a vida discente no princípio com receio de não dar conta ou quem sabe não ser boa o suficiente, mas agora quando após o mestrado estou a concluir o doutorado, meu coração se enche de gratidão a Deus por ter me dado perseverança, resiliência e força, foram momentos de incerteza, cansaço, desespero, mas sempre com Sua Presença.

A minha mãe, sua leitura atenta contribui com meus textos e apresentações, agradeço a companhia nesta caminhada, e seu constante incentivo.

A Jorge, meu companheiro de jornada há mais de 35 anos, obrigada pela paciência, por priorizar meu tempo para estudo e todo o incentivo. Além de participar como entrevistado.

A Guilherme, meu filho, saber que meu retorno ao estudo o incentivou a querer mais, muito me alegra. Sua entrevista foi reveladora, me ver pelos seus olhos foi uma grata e feliz surpresa.

A minha orientadora do Doutorado Professora Doutora Rosana, obrigada pela paciência e compartilhamento de conhecimentos, somente o trabalho conjunto nos permite o engrandecimento.

À Professora Doutora Mirtes com quem fiz o estágio docente e pude perceber sua paixão em ensinar, as impressões trocadas sobre a maternidade, o papel da mulher na nossa cultura e sociedade, contribuíram na elaboração e contextualização das entrevistas.

Á Professora Doutora Lucia Helena Polleti Bettini por ter aceitado participar desta banca e contribuir com meus escritos.

Ao Professor Doutor Luiz Eduardo Pesce de Arruda, Coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo, com larga experiência em fatos históricos desta cidade por aceitar participar desta banca e contribuir com meus escritos.

Ao Professor Doutor Lamartine Gaspar de Oliveira, Diretor do Centro de Educação, Filosofia e Teologia – CEFT a Universidade Presbiteriana Mackenzie, com Especialização em Altos Estudos de Política e Estratégia – CAEPE, pela escola Superior de Guerra em 2016 e admirador do Exército Brasileiro, por ter aceitado participar desta banca e pela sua contribuição com minha tese.

Ao meu orientador do Mestrado e membro de minha banca de qualificação, Professor Doutor Luis Mauro, lembro quando comecei os estudos ainda com medos e inseguranças e seu olhar quando da qualificação do doutorado ratificando a percepção do meu crescimento enquanto pesquisadora.

Ao Professor Doutor Wesley, pela escrita conjunta e o compartilhamento do conhecimento, além de dedicar parte do seu tempo para contribuir com minha pesquisa.

Aos professores com quem tive aulas nesta caminhada entre mestrado e doutorado: Professor Doutor Cláudio Novaes Pinto Coelho, Professora Doutora Marli dos Santos, Professor Doutor José Eugênio de Oliveira Menezes, Professora Carol Frazon Terra, Professor Doutor João Clemente de Souza Neto, Professora Doutora Ingrid Hötte Ambroggi, Professora Doutora Isabel Orestes Silveira, Professora Doutora Rosangela Patriota Ramos e a Professora Doutora Mirian Celeste Ferreira Dias Martins, meu muito obrigada pelo conhecimento compartilhado.

A Senhora Mariana Minguini Rodrigues, secretária do PPGEAHC, seu assessoramento facilitou em muito as questões administrativas, sua simpatia constante é um porto seguro nas dúvidas sobre os procedimentos.

Aos colegas de trabalho no Exército, aos colegas dos grupos de pesquisa - Núcleo de Estudos de História da Cultura, Sociedades e Mídias da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Teorias e Processos da Comunicação da Faculdade Cásper Líbero - e aos colegas de sala de aula meu sincero agradecimento pelas conversas, paciência e apoio nos últimos anos, nada se constrói sozinha.

Ao Exército Brasileiro por autorizar a realização do doutorado, flexibilizar horários para que eu pudesse cumprir as atividades discentes e proporcionar um vasto campo de pesquisa.

À CAPES, pela concessão da bolsa PROSUC II, cujo apoio permitiu a manutenção do doutorado, sendo um incentivo ao crescimento pessoal e da área de pesquisa.

Ao final desta jornada as palavras: “gratidão”, “vínculo” e “compartilhamento” não saem da minha mente e coração. Que possamos compartilhar nossos estudos e pesquisas futuras para aumentar nossos vínculos compartilhando um mundo mais equitativo.

**“Toda vez que uma mulher se defende,
sem nem perceber que isso é possível,
sem qualquer pretensão,
ela defende todas as mulheres.”
Maya Angelou**

Resumo

Esta tese problematiza os trinta anos do ingresso das mulheres no Quadro Complementar de Oficiais do Exército e contextualiza as mudanças nos paradigmas culturais e estruturantes em uma Instituição tradicional. Utiliza a metodologia da História Oral de Paul Thompson e Alessandro Portelli para obter relatos de vivências e trajetórias de integrantes (centrada em datas de ingresso, profissões e histórias de carreira distintas), além das motivações que as impulsionaram para ingressar no exército. As bases teóricas da História Cultural, sob as lentes da História de Si, proporcionam obter um panorama destes trinta anos, compreender as narrativas oficiais nos registros/documentos e entrelaçar os depoimentos com as experiências da pesquisadora. Carlo Ginzburg e Roger Chartier desvelam os indícios que apontam para seguir os rastros dessa crescente integração e sua representação social, com as (des)continuidades históricas em meio ao novo e dissonante. Contribui para os estudos sobre o papel da mulher e percebe que a sociedade em constante movimentação está a consolidar a equidade de condições de trabalho em sua plenitude.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Representação; História Oral; Exército Brasileiro; Mulheres

Abstract

This thesis problematizes the thirty years since women entered the Army's Complementary Staff of Officers and contextualizes the changes in cultural and structuring paradigms in a traditional Institution. It uses the Oral History methodology of Paul Thompson and Alessandro Portelli to obtain accounts of the experiences and trajectories of members (centered on dates of entry, professions and different career histories), in addition to the motivations that drove them to join the army. The theoretical bases of Cultural History, through the lens of the History of Self, provide an overview of these thirty years, understand the official narratives in the records/documents and intertwine the testimonies with the researcher's experiences. Carlo Ginzburg and Roger Chartier reveal the signs that point to following the trails of this growing integration and its social representation, with historical (dis)continuities amidst the new and dissonant. It contributes to studies on the role of women and realizes that society in constant movement is consolidating equality in working conditions to its fullest.

Keywords: Interdisciplinary; Representation; Oral History; Brazilian Army; Women

Resumen

Esta tesis problematiza los treinta años transcurridos desde el ingreso de las mujeres al Estado Mayor Complementario del Ejército y contextualiza los cambios de paradigmas culturales y estructurantes en una Institución tradicional. Utiliza la metodología de Historia Oral de Paul Thompson y Alessandro Portelli para obtener relatos de las experiencias y trayectorias de los miembros (centradas en fechas de ingreso, profesiones y diferentes trayectorias profesionales), además de las motivaciones que los impulsaron a incorporarse al ejército. Las bases teóricas de la Historia Cultural, a través del lente de la Historia de Sí mismo, brindan un panorama de estos treinta años, comprenden las narrativas oficiales en los registros/documentos y entrelazan los testimonios con las experiencias del investigador. Carlo Ginzburg y Roger Chartier revelan las señales que apuntan a seguir los pasos de esta creciente integración y su representación social, con (dis)continuidades históricas en medio de lo nuevo y disonante. Contribuye a los estudios sobre el papel de la mujer y es consciente de que una sociedad en constante movimiento está consolidando al máximo la igualdad en las condiciones de trabajo.

Palabras clave: Interdisciplinario; Representación; Historia oral; Ejército brasileño; Mujer;

Lista de Figuras

Figura 1: Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 – Igualdade de Gênero.....	30
Figura 2: Execução do meio-sugado	38
Figura 3: Platinas de ombro com as patentes do Exército Brasileiro	39
Figura 4 Padronização de penteado segmento feminino Figura 4: RUE – Regulamento de Uniforme do Exército – Encarte Fonte: https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206ed27ee6af97c	45
Figura 5: Padronização de penteado segmento feminino	46
Figura 6: Padronização de unhas e esmaltes do segmento feminino.....	47
Figura 7: Linha do tempo das mulheres paraquedistas militares.....	49
Figura 8: Quadro representando uma mulher paraquedista militar	49
Figura 9: Foto de uma militar paraquedista em instrução de simulador	50
Figura 10: Capitã Sílvia durante solenidade militar início dos anos 2000	53
Figura 11: Tenente-Coronel Sílvia durante solenidade cívico- militar em 2019	53
Figura 12: Quadro de vagas 2024.....	55
Figura 13: Capa do vídeo da BLT-2 Exercício Agulhar Negras	57
Figura 14: Gráfico da faixa etária das entrevistadas no Exercício Agulhas Negras.....	59
Figura 15: Gráfico da escolaridade das entrevistadas no Exercício Agulhas Negras	60
Figura 16: Perfil das entrevistadas	66
Figura 17: Jorge e Guilherme ano de 1999.....	77
Figura 18:: Capa da Revista Verde-Oliva Ano XX N° 133 Ago 1992 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF	84
Figura 19:: Página 14 da Revista Verde-Oliva Ano XX N° 133 Ago 1992 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF	84
Figura 20: Páginas 24 e 25 da Revista Verde-Oliva Ano XXI N° 136 Jun 1993 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF	85
Figura 21:: Capa da Revista Verde-Oliva Ano XXXII N° 187 Jan/Fev/Mar de 2006 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF	86
Figura 22: Título da matéria de capa da Revista Verde-Oliva Ano XXXII N° 187 Jan/Fev/Mar de 2006 - Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF	86
Figura 23: Revista Verde-Oliva Ano XLII N° 230 Edição Especial - Dez 2015 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF	88
Figura 24: vídeo de 08 de março de 2023.	89

Figura 25:: Batalhão de Guarda Presidencial – com seu uniforme histórico	95
Figura 26: “A Proclamação da República” quadro de Henrique Bernardelli.....	105
Figura 27: Formatura de compromisso ao primeiro posto	106
Figura 28: Monumento a Benjamin Constant.....	108
Figura 29: Monumento a Floriano Peixoto.....	109
Figura 30: Detalhe da alegoria feminina no Monumento à Floriano Peixoto	110
Figura 31: Detalhe da alegoria feminina na parte de baixo do Monumento à Floriano Peixoto	110
Figura 32: Clotilde de Vaux, a Religião da Humanidade, obra de Décio Villares.....	110
Figura 33: Primeira bandeira republicana do Brasil.....	113
Figura 34: Maria Quitéria.....	122
Figura 35: Estátua de Maria Quitéria na Praça da Soledade em Salvador – BA.....	123
Figura 36: Cláudia Leite vestida de Maria QuitériaFonte: https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/02/claudia-leitte-homenageia-maria-quiteria-em-trio-em-salvador.html	126
Figura 37: Placa comemorativa colocada em Tanquinho, em 1973, 150º aniversário da Independência.....	127
Figura 38: Retrato de Rosa da Fonseca e seus filhos	128
Figura 39: Recorte de jornal sobre o concurso Pró Monumento à Duque de Caxias.....	132
Figura 40: Recorte de jornal sobre a Taça Duque de Caxias.....	133
Figura 41: Monumento idealizado por Emendabili, chamado de “Passagem da Ponte”,	134
Figura 42: Vista da estátua equestre de Duque de Caxias de Victor Brecheret	135
Figura 43: Vista lateral da estátua equestre de Duque de Caxias de Victor Brecheret	135
Figura 44:Gráfico conhecimento sobre Maria Quitéria.....	141
Figura 45: Gráfico conhecimento sobre Rosa da Fonseca	141
Figura 46: Gráfico conhecimento sobre Luiz Alves de Lima e Silva	141
Figura 47: Gráfico conhecimento sobre Duque de Caxias	141
Figura 48: Recorte da matéria do Jornal Folha de São Paulo sobre ação do STM	148

Lista de Abreviaturas

ADI - Ações Diretas de Inconstitucionalidade
AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
BGP – Batalhão de Guarda Presidencial
BLT – Base Logística Terrestre
CEP – Centro de Estudos de Pessoal
CIdEx – Centro de Idiomas do Exército
CCOPAB – Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil
Com Soc – Comunicação Social
COpPazNav - Centro de operações de Paz de caráter Naval
EB - Exército Brasileiro
EsAEx – Escola de Administração do Exército
ESFCEEx – Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército
EsPCEEx – Escola Preparatória de Cadetes do Exército
EsSEEx – Escola de Saúde do Exército
FEB – Força Expedicionária Brasileira
FFAA – Forças Armadas
FT - Força Terrestre
IME – Instituto Militar de Engenharia
LMB – Linha Militar Bélica
ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
OM – Organização Militar
ONU - Organização das Nações Unidas
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PNR – Próprio Nacional Residencial
PGR – Procuradoria Geral da República
QCO – Quadro Complementar de Oficiais
QG – Quartel General
RG – Registro Geral
RUE – Regulamento de Uniformes do Exército
STF – Supremo Tribunal Federal
STM – Superior Tribunal Militar

TAF – Teste de Aptidão Física

TFM – treinamento Físico Militar

UNITAMS - Missão Integrada de Assistência a Transição no Sudão

Sumário	
Agradecimentos	7
Resumo	11
Abstract	11
Resumen	11
Lista de Figuras	12
Lista de Abreviaturas.....	14
Sumário	16
Introdução	18
Capítulo 1 – O papel social da mulher no Exército Brasileiro	33
1.1 O relato pessoal	36
1.2 A atuação das mulheres na Instituição Militar	52
1.3 Exercício Agulhas Negras pela ótica de algumas de suas integrantes.....	56
Capítulo 2 – Percepções e imaginários	63
2.1 Perfil das entrevistadas	65
2.2 Impressões e experiências vividas delas, deles e da Instituição	66
2.2.1 – Maternidade.....	67
2.2.2 – Vida Familiar.....	70
2.2.3 – Carreira Militar.....	72
2.2.4 Missão de paz.....	75
2.3 – Vozes Masculinas	76
2.4 – Imagens veiculadas pelo Exército Brasileiro sobre as militares.....	82
Capítulo 3 O Exército e a Nação	90
3.1 A formação da nacionalidade e do Exército Brasileiro	92
3.2 Atributos da Profissão Militar.....	114
Capítulo 4 Patronas e Patrono	120
4.1 Maria Quitéria – Patrona do Quadro Complementar de Oficiais “mulher soldado”	121
4.2 Rosa da Fonseca – Patrona da Família Militar	127
4.3 Duque de Caxias – Patrono do Exército Brasileiro	130
4.3 (In) Visibilidades e (des) conhecimento das Patronas e do Patrono.....	139
Proposições e considerações.....	144
Referências:	156
Apêndices.....	167
Apêndice 1 – Questionário de pesquisa – modelo	168

Apêndice 2 – Termo de Consentimento	169
Apêndice 3 – Termo de Consentimento com autorização para divulgação de dados pessoais e uso de imagem.....	170

Introdução

**“Não existe nenhum problema no mundo
que não seja resolvido melhor por uma equipe diversa.
Nenhum!
Cada membro da equipe traz uma perspectiva diferente,
a partir das suas próprias experiências de vida”
Oprah Winfrey**

A curiosidade, a necessidade e vontade de aprender motivam mulheres e homens a descortinarem o passado, rever costumes, recriar artefatos e relações à sua volta. Assim, surgem as indagações, tanto pessoais quanto profissionais, e por acreditar que o conhecimento deve ser compartilhado, esta tese foi escrita para problematizar as questões do feminino no Exército Brasileiro (EB), questionar as mudanças nos paradigmas culturais e estruturantes em uma instituição tradicional, além de refletir sobre o trabalho feminino e suas perspectivas de futuro. A definição da metodologia contextualiza a inserção da mulher no Exército, em especial no Quadro Complementar de Oficiais (QCO), e por meio de depoimentos transcreve suas vivências para observar, os indícios sobre as mudanças ocorridas no trabalho da mulher a partir da segunda metade do século XX.

Os pressupostos da História Cultural são a amálgama teórica para uma reflexão epistemológica dos questionamentos a partir das impressões, subjetividades e muitas vezes sentimentos das entrevistadas. Com a escuta¹ de várias experiências foi possível obter indícios sobre a percepção do ingresso das mulheres, suas motivações, as vivências, as dificuldades, as oportunidades encontradas e os óbices ao desenvolvimento da carreira, bem como na vida pessoal e os caminhos que precisam ser percorridos, para manter e incrementar a participação feminina em instituições perenes e tradicionais. Segundo Walter Benjamin (1892-1940), a experiência pressupõe a permanência da tradição e por meio dela, revive impressões passadas, muitas vezes inconscientes, mas que proporcionam aprendizados coletivos que podem apresentar novos caminhos. Neste caso para refletir e problematizar a inserção da mulher no exército. Além disso para Benjamin a experiência sofre influência do meio, então ao analisá-la deve-se ter cuidado em não reproduzir posturas, apesar das permanências culturais. O diálogo com os autores das bases teóricas escolhidas leva a entender e ressaltar a importância do papel da mulher e sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade e da humanidade, além de refletir sobre as oportunidades e evidenciar assimetrias sociais. Segundo Sandra Jathay Pesavento (2003), a História Cultural permite recolher fragmentos do micro e descortinar questões para a interpretação e reflexão dos significados das atitudes e da produção do conhecimento em distintas épocas, sendo a cultura uma forma de expressão da realidade.

¹ "A escuta da escuta" é um dos métodos possíveis para cocriar uma linguagem comum e centrar a reflexão no trabalho analítico detalhado apresentado por um colega (Faimberg, 2010, on line).

A tese trará relatos por meio da História de Si, pois a autora, também é militar do QCO, ciente da necessidade do olhar afastado para o saber científico, porém a sua observação participante e a escuta ativa durante sua vivência no EB, foram utilizadas na obtenção das narrativas que evidenciam a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, bem como na esfera pública, o que cria a necessidade de deixar um legado de conhecimentos que permitam às futuras gerações a busca de oportunidades mais igualitárias. “... uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção” (Barros, 2005, p. 128). Desta forma as análises feitas aqui, embora sejam relacionadas a fatos já ocorridos, serão contextualizadas e refletidas nas imbricações com a atualidade, para refletir as atitudes humanas e as permanências sociais. O momento atual com suas (des)continuidades e (in)visibilidades propicia uma mudança nos paradigmas estruturantes e questiona o papel do trabalho feminino, em especial no EB, os indícios da contribuição da mulher nas atividades profissionais levam a uma maior participação em todos os campos de atuação.

A verdade, as impressões e as vivências são carregadas das construções históricas de cada uma, assim buscar-se-á diferentes narrativas e olhares sobre os acontecimentos nos trinta primeiros anos da mulher no QCO. Em 1992 ingressaram no EB as primeiras 49 mulheres, esta pesquisa coleta vivências das militares desde as pioneiras até as que ingressaram em 2022, procurando mulheres com trajetórias de vida e carreira diversas², para que se possa por meio da alteridade estabelecer as confluências e divergências, atualizar a abordagem do trabalho feminino e refletir perspectivas de futuro. A incorporação sistemática e planejada do feminino modificou o paradigma da estruturação do sentimento de segurança, afinal, este historicamente pressupõe o masculino. Durante anos acreditou-se na inabilidade feminina para o desenvolvimento dessas atividades. Por isso o objetivo é apresentar as experiências das integrantes, além de responder, compreender e problematizar estas questões ao analisar a constituição do Exército Brasileiro, sua cultura, valores, ética e missão, os pilares da instituição – hierarquia e disciplina, o estabelecimento do masculino para a defesa do território, as diversas interações de mulheres no EB, a estruturação do ingresso da mulher por meio de concurso público no ano de 1992 e os parâmetros para a decisão como reflexo das mudanças sociais ocorridas a partir da segunda metade do século XX.

² Na figura 19 são apresentados os perfis das entrevistadas e o motivo de suas escolhas entre as militares do QCO, suas histórias não são mais importantes do que as outras apenas pretendem delimitar experiências diversas.

A História Oral contextualiza o entrelaçamento entre os relatos das integrantes e da autora. A possibilidade de ouvir outras integrantes e coletar suas narrativas, que embora não expressam todas as impressões possíveis, são um recorte do tempo presente carregados de historicidade. Muito ainda pode ser pesquisado sobre o tema, mas esta é uma contribuição por meio de múltiplas narrativas de fragmento da história dos comuns, a história das mulheres no exército.

Nos anos 1960 a 1970 os historiadores e sociólogos perceberam a importância metodológica da História Oral, que permite a entrevistada acessar suas memórias, como um instrumento capaz de ressaltar as vivências do sujeito comum, nesta tese, as memórias individuais permitem construir um relato multifacetado com experiências diversas, para tanto, foram convidadas integrantes do QCO, que relataram suas experiências singulares para ajudar a compreender um período histórico da instituição ao revelar características próprias e dos lugares e missões onde atuaram. “As entrevistas, como todo testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informação, e podem fornecer informações tão válidas quanto as que se obtém de qualquer outra fonte humana” (Thompson, 1998, p. 315). Todo pesquisador deve atentar-se a estas questões destacadas por Thompson. Ao privilegiar as experiências femininas, são restauradas trajetórias individuais, ainda segundo o autor, a História Oral ressalta a importância de cada experiência pessoal na construção da história e na utilização desta como aprendizagem para o futuro, pois além das comunicações orais, há a análise de expressões e gestos, toda a comunicação não verbal da entrevista. As entrevistadas serviram em locais diferentes e, é possível que embora pertençam a mesma instituição, suas vivências e experiências tenham peculiaridades que após a análise permitirão uma interpretação sobre variáveis institucionais. Destaca-se que a pesquisa tem o recorte de mulheres pertencentes ao QCO, há a preocupação constante nas pesquisas da proximidade do entrevistado e do entrevistador nesta tese em questão este fato precisou ficar em segundo plano, pois o objetivo da pesquisa é trazer as experiências de integrantes com tempos diversos na instituição³.

O que as pessoas contam tem uma história que suas palavras e ações traem [...]; uma história que explica por que usam as palavras que usam, dizem o que dizem e agem como agem. [...] Suas afirmações não são simplesmente

³ As entrevistas com integrantes com menos tempo de instituição poderão ressaltar se estas militares percebem diferenças institucionais apontadas pelas integrantes do início da mulher no QCO.

declarações sobre a “realidade”, mas comentários sobre experiências do momento, lembranças de um passado legado por precursores e antecipações de um futuro que desejam criar. (Costa, 1998, p.15).

O objetivo é por meio da inferência, classificar e entender as convergências e divergências que denotam a assimilação das mulheres nestes trinta primeiros anos de inserção de forma estruturada no Exército Brasileiro, coletando índices intrínsecos nas mensagens proferidas, como aponta Carlo Ginszburg (2007). Outro cuidado necessário são as ideias estereotipadas que podem ser identificadas nas entrevistas, elas precisam de um tratamento específico e a verificação de em qual período os fatos narrados ocorreram. Este cuidado se faz necessário para a objetividade científica, que se pretende conseguir por fragmentação, baseada principalmente na delimitação sistêmica: exclusivas, objetivas e adequadas, pois segundo Gabrielle Rosenthal (2014) ao narrar uma vivência corre-se o risco de inseri-la no campo temático atual com os valores e a contextualização que suas consequências trouxeram a experiência.

Procura-se um distanciamento a partir da interseção com outras experiências, o que propiciará o entendimento da importância da atuação feminina no EB, sob as lentes da autora e na perspectiva de análise da História Cultural. Assim sendo, o relato direto das pessoas envolvidas permite retratar sentimentos, percepções, vivências e refletir o passado no momento presente. Desta forma, pode-se perceber que a oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo, além das múltiplas temporalidades que envolvem as relações humanas (Le Goff, 1990).

Em março de 2024 a autora completou vinte e oito anos de ingresso no Exército Brasileiro, como integrante da quinta turma do QCO que possui mulheres, até hoje a inclusão da mulher na carreira das armas ainda causa surpresas e curiosidades, como é atestado quando há participação em encontros, simpósios, seminários e congressos ou quando pessoas que não conhecem a atividade profissional descobrem militares mulheres, percebe-se o estereótipo permanente e generalizado da figura do militar como um ente masculino, até a digitação apresenta marcações de erro quando escreve-se: “a militar”.

Ao deslocarem para fora o sujeito da construção teórica tradicional, que representa uma instância geral do discurso e trabalharem a ideia da autobiografia como uma possível invenção do “eu” no discurso narrativo, questionam a separação entre ciência e experiência, vida e trabalho, arte e política, teoria e escrita literária (Leiroz, 2008, on line).

A análise da inserção da mulher no mercado de trabalho produtivo e em especial no exército, é um tema de pesquisa realçado pela atualidade, porém presente desde que os hominídeos disputam territórios, as perspectivas mudam de acordo com a cultura vigente e revisitar estas vivências pela ótica atual permite investigar e quem sabe compreender a inserção da mulher em uma instituição onde a Cultura Organizacional, a identidade e a imagem, possuem perenidade e tradição, afinal o EB integra a própria gênese da Nação. “... instituições tradicionais se voltam para o culto do passado e reproduzem na liturgia de seus atos todo um ritual de reatualização da memória” (Ortiz, 1994, p. 107). O que pode ser descrito pela criação de patronos e a realização de solenidade cívico-militares, que será contextualizado no terceiro capítulo.

A partir dos estudos de micro-história de Carlo Ginzburg (2007) começaram os questionamentos da importância de ouvir as integrantes QCO, num momento em que o quadro completa trinta anos e que o Exército forma sua primeira turma de mulheres oficiais combatentes.

O antropólogo analisa uma comunidade qualquer não por ela mesma, mas porque através dela levanta questões. As pesquisas antropológicas têm uma ligação com a história do gênero humano que não é diacrônica. Ora, no campo da história aconteceu exatamente o contrário: a partir do século XVIII, XIX, surgiram temas que se justificavam por si mesmos sobretudo porque estavam ligados a histórias nacionais. (Abreu, Gomes e Oliveira, 1990, p. 260).

De forma abrangente e por meio do debate teórico e epistemológico a escrita de pesquisas acadêmicas pode construir narrativas retóricas, porém sempre observando os diálogos entre história e ficção que se tornam mais tênues, em especial na História Oral e História de Si, onde as experiências e vivências permeiam o saber acadêmico. Além de permitir colocar a mulher comum no centro da narrativa, pois segundo Carlo Ginzburg (2007) através da escuta atenta dos comuns, subalternos, percebe-se as nuances culturais e quem sabe agregar mudanças ao futuro.

Esse acesso direto à observação, em termos de análise histórica é extremamente complexo, pois a verdade da autora tem muito das suas expectativas e crenças por isso optou-se por confrontá-la com os relatos das entrevistadas para tentar minimizar os desvios de sentido. Além disso impressões trocadas em conversas informais com outras militares no decorrer de sua carreira são durante todo o relato reveladas e problematizadas.

Os ego-escritos contextualizam quanto da própria experiência o pesquisador relata em seus textos, mesmo quando não é em primeira pessoa, porém essa análise sociológica ao ser mesclada com outras realidades e contextos pode contribuir para a composição de um período, foi desta forma que foram planejados os relatos pessoais, não como uma biografia, mas na possibilidade de uma escuta atenta ao outro e uma mescla com as próprias experiências.

Ressalta-se, sempre, a singularidade de cada entrevistada e da pesquisadora na composição do todo que é a inclusão do feminino no exército. Ainda segundo Pierre Bourdier (2004) esta experiência precisa ser analisada de modo distanciado, como um objeto de estudo para se ajustar a necessidade sociológica e produzir reflexões, não devendo ser pensada como uma autobiografia, para que o pesquisador não caia na armadilha de entender sua experiência como algo singular, nas sim como um emaranhado de vivências comum a sociedade de sua época.

As informações coletadas estão imbricadas com a análise da formação da identidade brasileira, descritas por Marilena Chauí (2001) e Sérgio Buarque de Holanda (2014), além da reflexão sobre a cultura tão intrínseca na organização pela descrição da História Cultural de Pesavento (2003). As narrativas das militares trazem a história oral contada pelos comuns e remetem a Paul Thompson (1998) e Carlo Ginzburg (2007) ao pensar na importância da memória e nos seus possíveis impactos em decisões futuras, pois como diz Walter Benjamin (2022) a experiência de um ser é partilhada pela comunidade a que esta pertence o que leva a circularidade historiográfica das interações culturais, e as representações coletivas de Roger Chartier (2002), sem esquecer a hermenêutica e suas possibilidades de interpretação.

Os efeitos dessa dupla revolução da história, estruturalista e “galileana”, não foram poucos. Graças a ela, a disciplina pôde assim reatar com a ambição que fundara no início deste século a ciência social, em particular em sua versão sociológica e durkheimiana: ou seja, identificar estruturas e regularidade, portanto, formular relações gerais. (Chartier, 2002, p.83).

A representação social da mulher, disseminada principalmente no positivismo coloca-a como um ser de segunda categoria que precisa ser domada e tutelada e através das representações há a possibilidade de analisar o quanto destes conceitos permeiam a cultura e as interpretações conforme descrito pela professora Rosana MPB Schwartz (2017) em sua análise da Quarta Conferência sobre a mulher da ONU.

As regularidades e as permanências na cultura ocasionam a repetição de posicionamentos, atitudes e na análise que se faz sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho com as particularidades do exército que sofre influências destas estruturas e da cultura vigente.

Esta tese foi desenvolvida na linha de pesquisa Cultura e Artes na Contemporaneidade, do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, concentrando questionamentos sobre as assimetrias das percepções e interações e segundo Pesavento a História Cultural preocupa-se em resgatar como a diferença é percebida. As informações e reflexões deste trabalho trazem discussões de como instituições podem agregar ao seu dia a dia o novo sem perder seus pilares tradicionais e, de forma interdisciplinar, objetiva contribuir nas análises das transformações sociais, em especial no trabalho feminino, e como isto modifica as relações sociais e a forma de ver o outro, ou melhor a outra. Além de refletir como o EB se relaciona com seu público interno e como as e os integrantes da instituição se percebem e se relacionam. Os reflexos desta nova forma na interação e no desenvolvimento das políticas públicas e nas representações do contexto social, bem como o incremento da participação feminina no EB e o impacto na identidade institucional.

A exposição de alguns fatos relacionados às militares que incorporaram no Serviço Militar Voluntário em 2018 exemplifica como foi a experiência naquele ano, em que se completava vinte anos desta forma de ingresso. Durante o período de convívio com elas a escuta ativa, permite a autora a percepção das atividades de trabalho diário. As entrevistas durante um exercício trazem a mulher para uma simulação de situação de emprego da Força Terrestre⁴, numa análise de microuniverso semelhante ao todo. O que permite verificar sentimento e vivências de militares temporárias

O entrelaçamento de diversas narrativas e as experiências de vida das militares retratam um importante momento de transformação institucional e social, afinal há o incremento do trabalho feminino por todos os campos.

⁴ A Força Terrestre (F Ter), instrumento de ação do Exército Brasileiro, é estruturada e preparada para o cumprimento de missões operacionais terrestres (Presidência da República, on line, 2006).

A historiografia do feminino e do masculino sofreu diversas mudanças no decorrer da vida em sociedade e foi necessário que as mulheres se organizassem como sujeito político⁵ para saírem da (in)visibilidade. No final do século XIX as teorias higienistas, consideravam o feminino um ser masculino invertido e desprovido de inteligência que lhe permitisse atuar na esfera pública, esta concepção sofre abalos constantes a partir da Revolução Industrial onde há necessidade de mão de obra e as mulheres demonstram grande resistência física, (Schwartz, 2017) na primeira metade do século XX começam as lutas por direitos igualitários como o direito à escolher quem as representaria, as sufragistas e a importância de tomar as próprias decisões ou de poder tomar decisões que influenciariam a coletividade. Há ainda as Grandes Guerras Mundiais, mesmo nesta época de exceção, a presença feminina sofre com ideias preconcebidas. Como é perceptível nas citações de Svetlana Aleksievitch. “Fui designado comandante da divisão. O Comissário do regimento avisou: “Estude, capitão: você não vai receber uma divisão comum, e sim uma de meninas. A metade é de moças, e isso exige uma atitude especial, atenção e cuidados especiais” (Aleksievitch, 2016, p.162). Os oficiais de carreira estavam ressabiados e desconfiados das mulheres em atividades fins como este capitão que recebeu mulheres na artilharia. Afinal a atividade militar foi institucionalizada como uma atividade masculina, embora existam episódios com participação feminina, atualmente mesmo com o crescimento da participação da mulher em atividades de trabalho remuneradas, ainda é possível perceber que atividades ligadas a defesa apresentam predomínio de mão de obra masculina.

Não é por acaso que os ambientes da violência organizada, armas e conhecimento da técnica militar estão basicamente nas mãos dos homens. (...) as instituições militares constituem o mais importante espaço de significação da cultura ocidental e do seu padrão de masculinidade predominante (...) onde a imagem do herói militar (...) ocupa uma posição central (Martins, 2015, ps. 57,58)

Na Alemanha nazista o papel da mulher era basicamente o esperado, reproduzir e criar os herdeiros da “raça pura”, porém com o crescimento do esforço de guerra elas passaram a ocupar funções de professoras, enfermeiras e secretárias que também podem ser consideradas profissões femininas afinal são de cuidado e assessoramento. Com o crescimento do nazismo elas também assumiram novas funções inclusive de matadoras, embora fossem consideradas

⁵ Nessa perspectiva, o sujeito político é aquele que, reconhecido em sua diferença e singularidade, exerce sua participação cidadã em contextos públicos na defesa de direitos das particularidades das diferenças culturais e de minorias. (Taylor, 1998).

sexo frágil, almejavam conquistar um status e uma liberdade até então vetado ao feminino. Segundo Wendy Lower (2014), na busca por mostrar seu valor e lealdade ao regime as mulheres nazistas cometeram diversos crimes de guerra, mas a história coloca-as como incapazes ao percebê-las como vítimas de uma sociedade que as reprimia e em determinado momento ter uma liberdade para escapar do que lhes era imposto.

Nas mãos dos revolucionários fanáticos, essa ciência de desigualdade humana tinha que ser levada ao extremo. Manipulações biológicas e esterilizações eram insuficientes para alcançar as metas de perfeição ariana através de engenharia social, e a segregação também não era suficiente. A única solução total, “final” do problema da degeneração racial era destruir o contaminador, começando pelos alemães “defeituosos” (Lower, 2015, p.135)

Assim os primeiros extermínios ocorreram no início do confronto pelas enfermeiras nazistas, aquela época as alemãs acreditavam no progresso pela “raça pura”. Poucos relatos são encontrados sobre a participação das mulheres, independente da crença sobre nazismo, fascismo, comunismo, ou seja, de seu país de origem, mas esta vertente nos leva a perceber que embora a cultura ocidental atribua ao masculino as atividades bélicas, as mulheres sempre ansiaram por participar da vida pública.

As mulheres da resistência, também muitas vezes eram colocadas como adjacentes, ou seja, contribuía para a causa, mas não eram protagonistas. Uma das atividades que era vedada as mulheres era a espionagem, porém Virgínia Hall, conhecida como a “dama manca” pelos alemães participou ativamente de atividades de espionagem, organização da resistência francesa e auxiliou a preparação para o dia D, afinal lutar por um ideal e pela paz está acima de ser homem ou mulher.

Na segunda metade do século XX a pílula anticoncepcional dá a mulher um maior controle de seu corpo e maiores possibilidades de decisão e no Brasil a segunda onda feminista ganha a participação de mulheres jovens e centram suas discussões na cultura que as desqualificava, segundo Mary Del Priore (2020, p.226) “... por serem mulheres, eram consideradas menos inteligentes e mais frágeis que os homens. A exigência da beleza e juventude eram igualmente discutidas”.

A Instituição Exército Brasileiro por estar inserida na sociedade assimila estas diversas mudanças, como é possível verificar com as enfermeiras na Segunda Grande Guerra. Ao final do século XX em 1992, ocorre a inserção da mulher de forma estruturada este acontecimento motiva as reflexões desta tese que problematiza o papel da mulher, a importância de seu trabalho e as dificuldades para obter oportunidades iguais.

“Estamos a progredir, mas alguns reflexos são difíceis de morrer e as mulheres continuam sub-representadas nas reuniões de alto nível em que participo”, sublinhou a embaixadora francesa junto da NATO, Muriel Domenach, em entrevista à Euronews (Chadwick, Sacadura, 2023, on line).

A possibilidade de gerar vida do corpo feminino desde os primórdios da organização social gera cobiça, estranhamento e medo. Seriam as mulheres seres divinos? A divisão do trabalho nas sociedades antigas deixou o cultivo, a colheita a criação da prole e a organização do espaço de convívio com o feminino. Ao masculino coube a caça e a segurança, porém em muitos momentos toda a força de trabalho era necessária; seja para gerar renda ou durante conflitos bélicos, para um esforço de guerra. Assim o feminino, considerado frágil e voltado as atividades internas, precisou se reinventar e para surpresa das sociedades daquele momento mostrou-se forte e capaz. O grande receio desta força, a possível tomada de poder e mudança no status quo, gera a desconfiança e a criação de uma crença da incapacidade feminina que até os dias atuais reverbera na sociedade.

No século XVIII, com a Revolução Industrial, segundo Schwartz, há a urbanização e a estratificação da sociedade nas camadas mais pobres todos precisam contribuir com a obtenção de renda. Não há sindicatos, as jornadas de trabalho são extenuantes e de sete dias por semana, não há prevenção a natalidade ou licença maternidade, as mulheres retornavam as fábricas logo após o parto e a sociedade amedrontou-se frente a este ser com força e determinação.

É a época de diversas descobertas médicas e da crença na ciência, então cria-se perspectivas do feminino que impactam o pensamento dos séculos seguintes, como a histeria e a necessidade de domá-la, levando às mulheres a perderem sua autonomia.

A humanidade cria conflitos e na primeira metade do século XX com as duas Grandes Guerras Mundiais, necessita de toda a força de trabalho, o que impulsiona as mulheres a

deixarem seus lares, desta vez, até o momento, não teve volta e cada dia conquista-se mais espaço.

O Brasil e seu exército não ficam imunes a estes acontecimentos, a Revolução Industrial e as duas grandes Guerras modificaram a estrutura social e cultural, porém como a cultura é um processo de aprendizagem social, mas as mulheres continuaram a representar um papel secundário na sociedade.

A quebra de paradigmas criou a necessidade de estudar as transformações sociais e o ingresso do feminino no mercado de trabalho, segundo Maria Izilda de Santos Matos, Rosana M.P.B. Schwartz e Andrea Borelli, estas mudanças tiveram um incremento a partir dos anos de 1960, impulsionadas pelo uso de contraceptivos orais e um maior controle da mulher sobre seu sistema reprodutivo. Em 1975 a ONU instaura o Ano Internacional da Mulher.

No Brasil nesta mesma época começam as lutas por cidadania, contrárias a violência e a dupla jornada de trabalho. Ainda segundo as pesquisadoras as mulheres entram em cena e os estudos sobre suas realidades. “(...) na década de 1990, os estudos se ampliaram e diversificaram em termos temáticos, de abordagens e focalizando diferentes momentos (...). Alguns temas foram priorizados como (...) o imaginário feminino” (Matos, Borelli, Schwartz, 2022, p.32).

Nesta mesma década de 1990 o Exército Brasileiro começa o ingresso da mulher de forma estruturada por meio do Quadro Complementar de Oficiais, que recebe profissionais formados, homens e mulheres para atividade meio⁶. Após a segunda Grande Guerra Mundial, esta foi a primeira vez que as mulheres puderam ingressar no exército e de forma estruturada, ou seja com a possibilidade de seguir carreira⁷.

Portanto, a narrativa das entrevistadas permeará todas as análises sobre convergência e divergência na percepção das mulheres, bem como na percepção da pesquisadora. Procurando indícios que levem a perceber os caminhos percorridos até o momento e os caminhos a serem

⁶ Áreas meio são as atividades administrativas, de ensino e apoio que permitem ao Exército estar preparado para o combate.

⁷ Os profissionais concursados podem permanecer na Força Terrestre até irem para a reserva e em caso de uma guerra serem reconvidados, a isto chama-se seguir carreira.

percorridos no futuro pelo Exército Brasileiro e pelas suas integrantes no sentido de tornar a sociedade mais igualitária e contribuir com o atingimento do objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS) 5 das Nações Unidas “Alcançar a igualdade entre homens e mulheres e empoderar todas as mulheres e meninas.”



Figura 1: Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 – Igualdade de Gênero

Fonte: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>

A estruturação foi baseada na divisão em capítulos, na introdução apresenta-se as motivações, objetivos e metodologia que serão utilizadas nas análises.

No primeiro capítulo foi abordada a emancipação feminina as mudanças sociais que ocasionam a participação da mulher na vida pública, afinal este movimento da sociedade é que permite a assimilação da mulher em carreiras e funções antes inimagináveis e levam aos questionamentos. Ainda, neste primeiro capítulo por meio da História de Si, a pesquisadora relata suas experiências singulares sempre com a preocupação de não ser uma narrativa bibliográfica, mas contextualizada com os relatos obtidos de outras militares no decorrer de sua carreira, além das impressões que peculiaridades de procedimentos, vestimentas e normas a fizeram refletir sobre a contextualização desta tese pois seus questionamentos iniciaram-se anteriormente ao ingresso no doutorado.

No segundo capítulo a metodologia da História Oral permite a escuta atenta das vivências diversas de outras militares, desta forma objetiva-se que a tese seja uma narrativa do momento presente e trace um panorama que evidenciará as conquistas e óbices para a emancipação da mulher no trabalho e em especial no Exército Brasileiro. Decidiu-se por separar em tópicos mais citados pelas entrevistadas, assim percebe-se algumas posturas que permanecem nas escolhas, atitudes e imaginário da mulher. A instituição EB por estar inserida na sociedade reflete o posicionamento desta. Ainda neste capítulo há a escuta de dois homens

de gerações diferentes que convivem com a pesquisadora e revelam a visão do outro sobre o trabalho da mulher. A esta visão adiciona-se as imagens veiculadas em algumas publicações institucionais sobre o trabalho da mulher militar no decorrer destes trinta anos desde o ingresso das 49 primeiras militares mulheres do QCO. Algumas imagens veiculadas na Revista Verde-Oliva e no Instagram do Exército foram retratadas para evidenciar as mudanças na representação sobre as militares, refletir sobre o aumento da inserção do trabalho feminino nas mais diferentes rotinas e a imagem que a instituição quer ressaltar destas profissionais. Sabe-se que estas imagens não refletem a totalidade das publicações e não se pretende analisá-las nesta tese, porém elas contextualizam as mudanças na representação institucional a respeito das mulheres e podem levar a questionar se as militares se veem representadas e procurar convergência e divergências nas colocações e percepções. Neste estudo multi e transdisciplinar o interesse em coletar os dados e interações de cada integrante pode levar a uma melhor radiografia da instituição, conforme propõe Eliana Almeida de Souza Rezende (2016), o pesquisador precisa construir pontes que integrem o conhecimento e não o compartimentar.

O terceiro capítulo aborda a vida em sociedade, a necessidade de segurança que é o embrião do desenvolvimento de todos os exércitos que já existiram e os atuais; partindo desta análise foi realizado um recorte sobre a formação do (EB) e seus atributos, sua participação na formação da nação e a participação nos conflitos regionais, onde aumenta sua importância enquanto instituição responsável pela segurança do país.

No quarto capítulo, os ambientes históricos levam a uma análise das patronas: Maria Quitéria, a patrona do Quadro Complementar de Oficiais e Rosa da Fonseca, patrona da família militar e de Duque de Caxias, patrono do Exército. Ressalta-se que apenas em Maria Quitéria utiliza-se análises de fontes diversas, no relato de Duque de Caxias e Rosa da Fonseca ressalta-se a narrativa oficial do EB destes dois “vultos” históricos. Ao final há uma análise das diferenças nas narrativas de cada uma destas personalidades.

Nas proposições e considerações finais o entrelaçamento da História Cultural ressalta a contribuição do trabalho da mulher para a sociedade e em especial a instituição Exército Brasileiro, por meio da História Oral as entrevistadas mulheres, partícipes do tempo atual e de suas (des)continuidades salientaram suas experiências e vivências, corroborada pela fala de dois homens que convivem com a pesquisadora, já por meio da História de Si foi possível captar a percepção individualizada da pesquisadora que se entrelaça às outras falas e documentos que

retratam o momento presente e carregados de intencionalidade em contribuir para um futuro de maior equidade.

Aos depoimentos colhidos em entrevistas une-se as percepções dos diversos discursos institucionais ao longo do período e as mudanças sociais que impactam o trabalho das mulheres para procurar indícios que levem a entender o papel do trabalho feminino na instituição e sua crescente inserção, porém ainda resta a conquista de oportunidades iguais para as mulheres, como será apresentado nos capítulos da tese, em especial no quadro de vagas para a escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX) e a não presença de mulheres na atividade fim, assunto que está no centro de discussões na Procuradoria Geral da República, pois o acesso às carreiras públicas é um direito universal da cidadã e do cidadão brasileiro. Além disso, esta tese ressalta o caráter interdisciplinar que a inserção da mulher indistintamente em todas as carreiras representa para a sociedade e as mudanças advindas desta complexa igualdade. Afinal “Se os homens **e as mulheres (grifo nosso)** são iguais em estado de natureza, essa igualdade também deverá imperar no estado social, eis a função essencial do Estado” (Santana, Bueno, 2022, p.16). As discussões sobre o acesso da mulher à carreira militar passam por um momento de transformações e perspectivas de equidade.

Capítulo 1 – O papel social da mulher no Exército Brasileiro

**“Sou o exemplo do que é possível
quando meninas,
desde o início de suas vidas,
são amadas e nutridas pelas pessoas em volta”
Michelle Obama**

Na introdução contextualiza-se a metodologia utilizada, as motivações para a escrita desta tese e para a problematização do trabalho da mulher na instituição militar, este capítulo reflete sobre as mudanças no papel social da mulher e através da História de Si ressaltar a importância das experiências pessoais que contextualizadas com a observação participante evidenciarão vivências para analisar a atuação feminina no exército pela ótica das mulheres que o integram e por meio da percepção das experiências pessoais de cada integrante problematizar a inserção da mulher no EB.

Outra representação da mulher muito divulgada pelos cientistas e intelectuais do final do século XIX: a mulher-criança. Nesse sentido, Castro se esforça para mostrar, por meio de vários gráficos, as curvas do crescimento cerebral para homens e mulheres. A linguagem dos números é traduzida como evidência de que desde o nascimento a mulher apresenta um volume cerebral inferior, encerrando a curva por volta dos 20 anos com um valor aproximado ao volume cerebral de um menino de dez anos. [...] a inferioridade cerebral feminina, uma ideia muito divulgada nos textos científicos e na literatura da época (Martins, 2004, p.252).

No século XIX a tutela e a inferioridade feminina são parte do conhecimento científico, então as mulheres lutam para serem percebidas e reconhecidas como indivíduos, pois a crença predominante era da necessidade de tutela e uma mulher não tutelada levaria a prejuízos de sua reputação e sua família.

Em sua dissertação de Mestrado em Educação, José Ricardo Freitas Nunes (2012) ressalta que Tobias Barreto⁸ já na segunda metade do século XIX, defende a educação para mulheres através de uma escola pública secundária para uma formação profissional, um avanço para a época pois “Essas ideias se confrontavam com a mentalidade tradicional de intelectuais religiosos e positivistas⁹, criando uma resistência em aceitar uma reforma educacional voltada para as mulheres, um projeto defendido por Tobias Barreto e seus signatários” (Nunes, 2012, p. 93). Portanto embora naquele momento a crença dominante fosse da incapacidade feminina, existiam alguns expoentes com o pensamento inovador que questionavam a representação feminina, afinal esta passou por diversas fases como da imagem diabólica à deusa e naquele momento era reduzida aos estudos médicos e suas verdades positivistas e higienistas.

⁸ Membro da Academia Brasileira de Letras, poeta do condoreirismo, escola literária brasileira que defendia temáticas sociais e de ideias igualitárias no século XIX.

⁹ Movimento surgido na França em meados do século XIX que defendia que o conhecimento científico era o único verdadeiro e que deveria nortear as outras áreas do saber.

Nesta época as mulheres já almejavam e lutavam¹⁰ por oportunidades igualitárias, mesmo sendo a formação intelectual feminina voltada a conhecimentos desenvolvidos em tarefas do lar, como prendas domésticas e boas maneiras. Embora as ideias positivistas ressaltassem a necessidade de um povo instruído, as mulheres precisavam ser mantidas sob a tutela de seus pais e posteriormente maridos, então a elas era permitido tarefas de cuidar: como professoras, enfermeiras e parteiras. O trabalho remunerado representava uma quebra de paradigmas, mas como a educadora e salvadora mantinha o status quo da sociedade vigente.

As aulas mistas começam em 1880, as moças podiam frequentar as escolas normal, mas não as universidades. “... as moças podiam frequentar essas escolas, mas não desejar a universidade, pois a liberdade que conquistaram era vigiada e não podia representar a quebra dos grilhões domésticos e conquista do espaço público” (Schwartz, 2017, p.137).

Os homens determinavam quais carreiras as mulheres poderiam almejar, validados pelo Estado e a Igreja Católica que excluía socialmente quem tentava romper estas estruturas. Porém o magistério, sem representar uma ruptura no papel social, dá as mulheres uma chance de ter seu sustento sem depender de um homem. Não existe perspectiva de ingresso no Exército.

O herói militar, em geral, é associado a ente masculino, próximo do mito do “salvador” ou do “príncipe”. Segundo Goffman (2002) o indivíduo diante de outros tende a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade. Esta característica é ampliada em instituições perenes e esperada de seus integrantes pelos mais diversos segmentos da sociedade (Duarte, 2021, p.270).

Esta percepção do herói como um ente masculino relega ao gênero feminino o lugar de ser indefeso que necessita de um “salvador” ou “príncipe encantado”, porém no decorrer da história as mulheres sentem a necessidade de lutar pelos seus ideais e por sua pátria.

A mulher preparada para o casamento e para ser dona de casa tinha no matrimônio o seu destino natural e a solteirice eram malvistas e causava pena. A literatura romântica ressaltava esse desejo e o de encontrar o príncipe encantado que iria lhe proteger até o final da sua vida. Com a Segunda Guerra Mundial, as mulheres puderam atuar mais concretamente no campo político em decorrência da sua participação em movimentos filantrópicos e de ajuda aos feridos de guerra, viúvas e

¹⁰A primeira onda do feminismo surgiu em meados do século XIX, onde as reivindicações eram pelo reconhecimento de direitos políticos, sociais e econômicos para as mulheres, que eram subordinadas socialmente pelo estatuto civil. (Caetano, 2017, p. 4).

desamparadas, além de participarem mais intensamente dos meios de produção, trabalhando nas fábricas, lojas, mercados dentre outras tarefas do espaço público (Bettini, Schwartz, 2023, p.266).

No esforço realizado na Segunda Guerra Mundial, toda a força de trabalho foi necessária, então a mulher pode e teve a necessidade de assumir novas funções e assim conquistou certa autonomia, que está a ser consolidada.

Esta tese problematiza esta crença comum sobre a (in) visibilidade da mulher como um ser com direitos, oportunidades e condições de acesso igualitário a todos os tipos de profissões. Procura-se entender os conceitos que levam a crença das diferenças entre as mulheres e os homens¹¹ e como alcançar o ODS 5.

1.1 O relato pessoal

O relato preocupa-se em não se tomar um personalismo, mas conforme nos coloca René Rémond (1989); o testemunho quando contextualizado com outras experiências pode contribuir para a problematização e o questionamento, ressalta convergências nas experiências singulares. Segundo Alberto Lins Caldas, (2004) este exercício é uma hermenêutica do presente, onde a interpretação dos fatos permeia a experiência do pesquisador e cria conhecimento para a sociedade.

Através da História de Si a autora conta suas experiências profissionais, em particular a vida militar, e procura retratar as variáveis das e dos sujeitos que integram o EB. Assim, na história dos comuns relatar um período e retratá-lo nas pequenas ou grandes conquistas diárias, como o alojamento para troca de roupas.

Na infância e parte da adolescência a autora morava no subúrbio do Rio de Janeiro, era o final da década de 1970 e início da década de 1980, o Brasil vivia um período de exceção, afinal de 1964 a 1984 existiram os governos militares¹². Passava grande parte do dia na casa dos avós. O avô era míope usava óculos bem grosso, o que o impossibilitou de ser piloto da

¹¹ Nesta tese são problematizadas as diferenças entre mulheres e homens nos campos da vida pública e profissional, não há reflexão sobre as várias nuances de diferenças entre as mulheres.

¹² Após maio de 1968, os movimentos sociais adquirem pautas definidas, como o movimento de mulheres, negros, meio-ambiente e hippie.

Força Aérea, ele seguiu outros caminhos, tinha apenas um filho que provavelmente por incentivo dele era militar, nutria o sonho de ter um neto militar, porém precisou se contentar com uma neta. A infância e adolescência transcorreram sem grandes expectativas e após o ensino médio inicia a vida acadêmica na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, onde nos anos de 1988 a 1991 cursa Relações Públicas, ainda sonha entender as complicadas relações entre os seres humanos. Trabalha em agências de Comunicação como estagiária, também no Rio de Janeiro, onde atende contas de grandes multinacionais. Nessa primeira experiência aprende sobre posicionamento de marca e campanhas de fortalecimento da imagem. Os desafios da vida a levam a trabalhar com telemarketing e após completar vinte e um anos ser promovida à gerente de banco e posteriormente analista de crédito, fazia financiamento de automóveis. Nesta época desvia-se da área de Comunicação, então em 1995 toma conhecimento da possibilidade de exercer a atividade de Relações Públicas no Exército Brasileiro. Como muitos militares com quem teve e tem a oportunidade de conversar, nestes quase trinta anos, a escolha por integrar a instituição teve influência da necessidade financeira e na perspectiva de começar uma carreira, não apenas num sonho e expectativas lúdicas.

Na metade dos anos de 1990 a internet estava iniciando, as mídias sociais e a conectividade ainda eram produtos de filmes de ficção científica, então os concursos eram divulgados por editais impressos distribuídos em locais específicos. Então o acaso conspirou para que a pesquisadora tomasse conhecimento do concurso, o que ocorreu por meio das primas que estudavam no Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde o exame seria realizado e lá uma delas ao ir tirar cópias de livros, uma prática comum à época, viu o edital do Concurso ao Quadro Complementar de Oficiais ao verificar que havia vagas para o curso de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, levou o edital para casa.

Seu tio e primas moravam em um PNR (próprio nacional residencial – habitações cedidas para os militares da ativa morarem com suas famílias) em Copacabana, para quem é do subúrbio do Rio de Janeiro e tem vinte poucos anos, era muito agradável passar os finais de semana na zona sul carioca e sim costumeiramente a autora e Jorge, seu atual marido, namorado à época, passavam o fim de semana na casa deles. No final de semana seu tio contou da possibilidade do concurso e incentivou-a a prestá-lo, embora faltasse pouco mais de quarenta dias para a data do certame. Numa máquina de escrever portátil a ficha de inscrição foi preenchida e postada no próximo dia possível para a inscrição, juntamente com os documentos

para Escola de Administração do Exército (EsAEx) que era a escola militar que formava os oficiais do Quadro Complementar.

Os quarenta dias que se seguiram foram de muito estudo, dedicação, bençãos e sorte, cada uma destas palavras tem um sentimento e significado: (1) estudo – frequentar à noite, após o trabalho, um curso preparatório para o concurso e relembrar conhecimentos. (2) dedicação – utilizar todos os momentos que não estava trabalhando para ler e rever os tópicos do concurso. (3) bençãos - conseguir não se desviar dos objetivos e equalizar o tempo (4) sorte - o último livro lido foi o utilizado nas questões discursivas. Então, na vida além de estar preparados, ser dedicados, precisa-se de bençãos e sorte.

Para ingressar no exército além de fazer um concurso é preciso passar numa prova física e num exame médico. A prova física que consistia em corrida, abdominais, flexão e meio-sugado foi o próximo desafio. O tempo exíguo para a realização de exames era uma preocupação, mas novamente ali estavam a sorte e a perseverança para alcançar os objetivos.



Figura 2: Execução do meio-sugado

Fonte: <https://aprovataf.com.br/teste-de-meio-sugado/>

Na época em que a pesquisadora prestou o concurso ela não conhecia a execução do meio-sugado e este era um exercício com maior dificuldade.

Ao relembrar estes fatos algumas datas chamam a atenção o tio que incentivou a autora a ingressar no exército em 1995 era tenente coronel e há 24 anos tinha terminado o curso de oficialato na Academia Militar das Agulhar Negras (AMAN) local onde a primeira turma de mulheres se formou somente em 2021. Coincidentemente agora quando escreve, vinte e sete anos após terminar o curso a pesquisadora é tenente-coronel; esta é uma pequena coincidência pois suas carreiras militares têm poucos fatos em comum.



Figura 3: Platinas de ombro com as patentes do Exército Brasileiro

Fonte: Revista significados
<https://www.significados.com.br/hierarquia-militar-no-brasil/>

A apresentação do quadro das platinas exemplifica a passagem por diversos postos para as possíveis promoções.

As mulheres ansiaram por defender sua pátria, porém como não eram autorizadas a ingressar no exército, existem algumas iniciativas registradas pela história brasileira, como Maria Quitéria no século XIX que esta tese apresenta por ser a patrona do Quadro Complementar de Oficiais e durante a Segunda Guerra Mundial enfermeiras voluntárias¹³ participaram do confronto. Somente no ano de 1992 foi permitido o ingresso de mulheres através de concurso e com uma possibilidade de carreira estruturada, como apresentado no quadro acima, embora com sérias limitações nas possíveis atividades desenvolvidas, como será discutido nos capítulos seguintes.

A pesquisadora começa a vida militar dessa forma vencendo barreiras a todo momento, além de ser mulher, a obesidade outro fator a ser superado (1,64 m com mais de 90 quilos), ao iniciar a preparação para a prova física havia a ansiedade de sua realização. Na década de 1990 o estigma de que os “gordinhos” são preguiçosos e relapsos eram latentes na sociedade e no exército não era diferente; mesmo com a realização dos exercícios físicos no treinamento físico militar (TFM) o peso não diminuía durante o curso, então a pesquisadora foi encaminhada para a seção psicotécnica, como era chamada o que deveria ser o atendimento psicológico. Após a

¹³ Esta tese apresenta o recorte de mulheres que no passado ingressaram no Exército para combater em defesa de seu território ou da obtenção da paz, não há a pretensão de citar ou analisar a atuação de todas as mulheres que estiveram em combate em todas as épocas.

consulta psicológica e orientação de um endocrinologista e sim com dieta, remédios houve o emagrecimento de aproximadamente vinte quilos durante o segundo semestre de 1996 ainda no curso de formação militar, a barreira do excesso de peso estava vencida, mas muitas outras seriam transpostas no decorrer destes mais de vinte e sete anos. (como distância, troca de cidade, convivência no universo masculino, incertezas quanto a maternidade e outras que durante a tessitura da tese serão realçadas pela História de Si e História Oral).

A saudade da família e a mudança para uma cidade distante, a EsAEx era em Salvador mais de 24 horas de viagem de carro ou ônibus e duas horas de avião. Por si só era amedrontador para quem até aquele momento morava na casa da mãe, além disso havia forte ligação com Jorge, atualmente estão casados e tem um filho.

Morar em um alojamento com onze mulheres que também tinham deixado suas vidas, famílias e cidades em busca de uma realização profissional é um grande aprendizado, cada uma com seus costumes, dividem não só o espaço, mas os sonhos. A companhia das colegas de turma era salutar, mas não supria a distância da família.

O estudo de matérias específicas da formação militar era um diferencial em relação aos cursos anteriores, pois aprendia-se a utilizar os conhecimentos profissionais de acordo com o posicionamento do exército, além de uma forte carga de exercícios físicos, ordem unida¹⁴, instruções de armamento, canções militares, acampamento. Um mundo totalmente diferente do habitual, muitos dos limites anteriores são transpostos e a formação militar ensina capacidades antes inimagináveis. São conquistas pessoais que acompanham todos que passam por esta formação. Afinal vivencia-se uma nova cotidianidade.

Ao final dos dez meses do curso de formação, cada um dos novos tenentes é classificado em uma unidade militar; A escolha pelo no Comando Militar do Sudeste em São Paulo (SP), tem algumas variáveis: (1) a turma de 1996 é segunda que possui militares de área de Comunicação Social (Com Soc), (2) A proposta era mobiliar de oficiais de Com Soc, como

¹⁴ A Ordem Unida se caracteriza por uma disposição individual e consciente altamente motivada, para a obtenção de determinados padrões coletivos de uniformidade, sincronização e garbo militar (Exército Brasileiro, 2019, p.1-1).

chamado no EB, os Comandos Militares de Área¹⁵ (3) Os oficiais do QCO não tinham a perspectiva de serem transferidos ficariam toda a sua carreira em uma só cidade, São Paulo é próximo à cidade de origem da pesquisadora que à época não imaginava se adaptar à cidade, mas isso é uma outra história.

A Chegada ocorreu em 12 de dezembro de 1996, grávida e com Jorge. A pungência desta cidade amedronta no primeiro momento, encontrar o local de trabalho e mais tarde um apartamento para alugar e morar foram desafios a serem superados, neste momento o acolhimento da família faz toda a diferença, a mãe da madrinha de casamento, que é paulistana, embora morasse em Ermelino Matarazzo, distante do Comando Militar do Sudeste que fica no bairro do Paraíso, em horários de pico o percurso, casa - trabalho ou trabalho – casa poderia levar horas recebeu-os até que alugassem um imóvel.

Jorge largou seu emprego na Cisper¹⁶ no bairro do Jacaré no Rio de Janeiro para mudar de cidade e acompanhar a esposa, ao chegar, junto com a procura de um novo emprego, procurou o primeiro lar, um apartamento alugado na Rua 11 de junho, próximo ao Hospital São Paulo e de fácil acesso ao trabalho. O emprego demorou alguns meses para conseguir, mas não desistiu e com perseverança começou a trabalhar em março de 1997.

O ano de 1997 trouxe o Guilherme e a autora teve que se dividir entre as atividades da maternidade e a rotina do quartel, onde naquele momento as mulheres eram novidade e muitas vezes não tinham as condições necessárias ou a compreensão de como desenvolver atividades profissionais e a maternidade.

De volta a chegada ao final de 1996, a seção de comunicação social, também chamada naquela época 5ª seção, tinha como chefe um coronel da turma do tio que a havia incentivado ao ingresso na Força Terrestre, era da Arma de Artilharia, formado em Relações Públicas e professor de uma faculdade na avenida Paulista.

¹⁵ Comandos militares de área são grandes comandos responsáveis pelo preparo, pelo planejamento de emprego e pelo emprego operacional da Força Terrestre, articulada na área estratégica sob sua jurisdição (Presidência da República, 1986, on-line).

¹⁶ Indústria de vidros com fábricas no Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus.

Ser a única mulher militar no Quartel General (QG), embora houvesse funcionárias civis, era uma novidade e apresentava alguns óbices como não ter alojamento, nem local adequado para troca de roupa afinal uma militar necessita tomar banho após o TFM, e muitas vezes trocar de farda quando para uma representação¹⁷ e precisasse de um uniforme diferente. Militares possuem roupas específicas para cada situação e estas são definidas pelo seu comandante, então no armário o militar deixa seu enxoval para eventualidades. Vale lembrar que em 1996 já havia mulheres há quatro anos e o quartel acabara de ser reformado e mesmo assim não foi previsto um alojamento feminino, até os dias atuais, embora tenha melhorado, ainda é improvisado se comparado ao masculino e não há espaço para todas as militares. Com certeza um leitor desatento pode imaginar que um alojamento é algo simples, mas denota a aceitação de um gênero. Durante os relatos há a percepção a todo momento como a instituição ainda não absorveu o diferente.

Para fazer TFM era preciso trazer o uniforme específico e kit de higiene¹⁸, utilizando um alojamento improvisado, banheiro com um chuveiro, onde no princípio não havia banco para sentar-se. Assim passaram os primeiros meses, após o nascimento do filho, iniciou a licença maternidade no segundo semestre de 1997, havia um total desconhecimento no aquartelamento sobre como proceder com uma grávida, ainda bem que a licença maternidade consta da Constituição Federal de 1988. Seu filho nasceu em junho no Hospital Geral de São Paulo, atual Hospital Militar de Área de São Paulo, pelas mãos de uma tenente médica temporária da primeira turma de médicos temporários que tem mulheres (1996).

Agora estavam a autora e o marido, sozinhos numa cidade grande e com um bebê que dependia de cuidados, a paternidade e maternidade são experiências novas, enriquecedoras e desafiadoras, principalmente quando ocorre em meio a diversas mudanças na vida do casal. Quem tem filhos sabe que quatro meses passam rápido quando com um bebê, chegou ao final a licença maternidade, hora de voltar a rotina da caserna, colocar o Guilherme numa creche que coubesse no orçamento¹⁹, a rotina e exigências de trabalho eram insanas, para alguém com vinte

¹⁷ Ao receber um convite o comandante de uma unidade militar pode designar um de seus subordinados para comparecer em seu lugar.

¹⁸ Esta é a forma usual que os militares chamam seu conjunto de xampu, condicionador, sabonete etc.

¹⁹ A cidade de São Paulo apresenta um custo de vida alto, então a creche que era acessível ao orçamento da família da autora era uma instituição beneficente mantida pelo Exército da Salvação, não havia creches do EB para atender a filhos de militares, bem como naquele momento na cidade de São Paulo não existiam PNR para tenentes e seus familiares.

e seis anos e pouca experiência na vida militar, além de perceber um machismo patriarcal²⁰ e uma falta de sensibilidade do chefe imediato, com uma mãe que trabalha fora, a ponto de outros militares pertencentes a mesma seção, oferecerem para substituir a militar, por sorte esses senhor foi transferido ao final de 1998, mas pareceu uma eternidade dada a pressão psicológica. Uma amiga da família veio do Rio de Janeiro para ajudar a cuidar do Guilherme e permaneceu até ele ter aproximadamente quatro anos, a distância da família era ruim para ela. Com certeza foi um apoio nos primeiros anos de adaptação.

O ano de 1998 marca o ingresso da mulher no serviço militar voluntário como oficial técnica temporária (OTT), eram três aspirantes a oficial²¹ do segmento feminino: que foram selecionadas para servir no então Quartel-General do Ibirapuera (atual Quartel-General do Comando Militar do Sudeste), duas advogadas e uma analista de sistemas, há quase dois anos a autora estava no CMSE, chegara em dezembro de 1996, embora tenha passado a segunda metade do ano de 1997 em licença maternidade. A situação de alojamentos era precária e o tratamento nem sempre era igual ao dos homens, por exemplo: foi franqueado um alojamento, porém como eram consideradas poucas integrantes, as servidoras civis²² que já atuavam no local também passaram a utilizar o alojamento, algo impensável até os dias atuais para o segmento masculino.

De 1999 até agora a Seção de Com Soc teve vários chefes com características diferentes, alguns com facilidade de diálogo, porém é possível perceber uma certa diferença no tratamento por ser QCO e mulher. As experiências a partir do ano 2000 até os dias atuais serão contextualizadas com as experiências das entrevistadas.

Este relato mescla as vivências passadas com as atuais e suas argumentações refletem o contexto atual e de um processo recordativo influenciado pela ótica do presente, por isso há a necessidade de ouvir outras militares e buscar vivências diversas, o que enriquecerá os dados para análise.

²⁰ Relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual.

²¹ Patente do militar que terminou o curso de formação a oficial, porém ainda está no estágio probatório para a sua formação prática.

²² Antes de haver o QCO, o Exército realizava concursos para servidores civis que executavam as atividades de apoio, atualmente não existe concursos de servidores civis abertos para as Forças Armadas.

As e Os integrantes do QCO atualmente têm a certeza de que poderão chegar até o posto de tenente-coronel, a promoção a coronel é somente para cinquenta por cento dos que estiverem na ativa quando a turma concorrer a este posto, ou seja após aproximadamente vinte e cinco anos de serviço.

Os vinte e oito anos de experiência no Exército Brasileiro possibilitaram a atuação em todas as áreas da Comunicação Social com constante aprimoramento e aplicação prática. As constantes inovações da área da Comunicação, os desafios profissionais impostos e a busca de realização pessoal motivaram a buscar outras esferas do conhecimento acadêmico e aprimoramento profissional.

No ano de 2018, vinte anos após o ingresso da mulher no serviço militar temporário, houve o maior número de mulheres ingressantes na 2ª Região Militar até o momento e verificou-se algumas dificuldades principalmente na estrutura física. Do total de sessenta e três selecionados no processo seletivo, quarenta e sete eram mulheres. Essa entrada “inesperada” trouxe a administração militar e as próprias militares alguns contratempos; como falta de instalações adequadas, principalmente banheiros e vestiários. A importância de ter um espaço para a troca de roupa e banho é o fato da militar e do militar necessitarem ter alguns fardamentos disponíveis para missões inesperadas e realizar o treinamento físico militar (TFM) diariamente ou semanalmente, não tendo como tomar banho em casa ao término da atividade. Para facilitar o entendimento abaixo seguem considerações do Regulamento de Uniformes do Exército (RUE) sobre os fardamentos, cabelos e unhas femininos.

Notadamente, foi citado três vezes o fato de não haver alojamento adequado, é uma pequena conquista que demonstra respeito e equidade, agora exemplificar-se-á os fardamentos para que este entendimento seja compreendido na íntegra.

O fardamento são roupas que comportam todas as ocasiões, são numerados o que facilita a identificação quando publicados em ordens que definem qual deles será utilizado em uma solenidade ou um dia de trabalho.

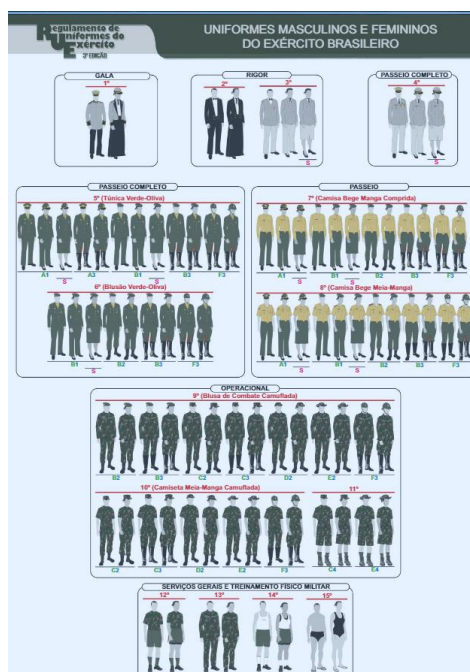


Figura 4 Padronização de penteado segmento feminino Figura 4: RUE – Regulamento de Uniforme do Exército – Encarte Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206ed27ee6af97c>

Na figura acima é possível notar que os uniformes do segmento feminino são uma adaptação dos modelos do segmento masculino, então muitas vezes o corte das túnicas não se adapta as particularidades do físico da mulher. Além disso há uma constante preocupação com padrões, como cores de esmalte, cortes de cabelo e penteado. O Boletim do Exército (BE)²³ n° 51 de 2022, flexibiliza para as mulheres o uso de rabo de cavalo e cabelos afro sem estarem em coque.

A elaboração sistemática de procedimentos que visam a regulamentação da organização institucional exerce um controle nas atitudes e forma a sociedade disciplinar, tanto Michel Foucault quanto Erving Goffman refletiram sobre sociedades com forte poder disciplinador e totalitárias, no EB há indícios de algumas destas características, desde a formação endógena como o caráter totalizante de manter em um mesmo ambiente todas as necessidades de uma ou um integrante.

Quando alguma mudança é permitida como esta do rabo de cavalo as integrantes sentem como se fosse uma grande conquista, numa analogia à “Manicômio, prisões e conventos” de

²³ Publicação onde são transmitidas ordens e orientações para todos os militares.

Erving Goffman este pequeno benefício, visto como grande conquista ou “migalhas” jogadas a quem cumpre uma pena de privação da liberdade.

4. é permitido o penteado “rabo de cavalo” ou “rabo de cavalo com tranças simples”, sem pontas soltas, nas atividades internas da OM, em exercícios de campanha, trajando o uniforme de treinamento físico militar e nos deslocamentos entre residência e OM, e vice-versa (nos uniformes operacionais, de serviços gerais, e de treinamento físico militar – 9º ao 15º; nos uniformes de saúde; e nos uniformes de gestante – 3º ao 7º); e

5. no cabelo do tipo afro é permitido o penteado de “múltiplas tranças”, nas situações previstas para o uso em coque ou “rabo de cavalo”, definido por tranças de tamanho uniforme, de pequeno diâmetro (até 7 mm), não mostrando mais do que 3 mm do couro cabeludo entre as tranças, que devem estar fortemente entrelaçadas, produzindo uma linha de cabelo reta e contínua, em uma única direção, até o final do cabelo. Ao se utilizar “múltiplas tranças”, estas devem abranger toda a cabeça e não é permitido o uso de acessórios; (Exército Brasileiro, on line).



Figura 5: Padronização de penteado segmento feminino

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/0012382062553802aba88>

O uso de correntes, anéis, alianças e relógios também segue rígidos critérios de discrição e padronização. Há preocupação com a segurança de objetos pendurados que possam comprometer o desenvolvimento de atividades ou prender em equipamentos atentando contra a integridade da militar. Para as mulheres existem recomendações quanto ao tamanho dos brincos, das unhas além da paleta de cor para esmalte e formas de utilização dos cabelos, a padronização é um preceito condizente com a estrutura organizacional.

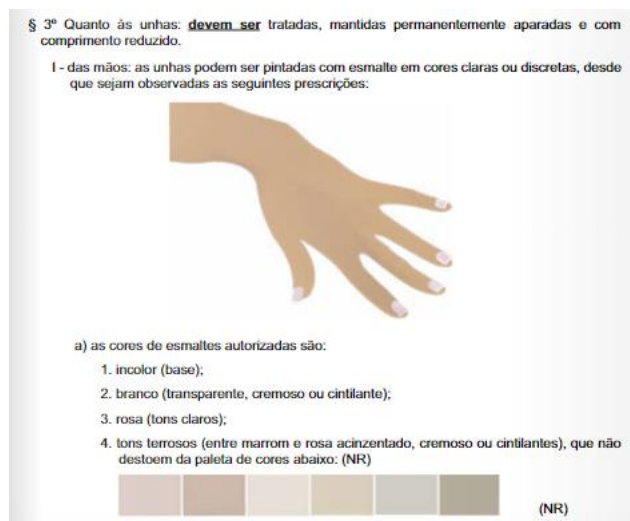


Figura 6: Padronização de unhas e esmaltes do segmento feminino

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/0012382062553802aba88>

No ano de 2019 a pesquisadora foi designada para cuidar das mídias sociais na área do Comando Militar do Sudeste, que é composto pelo estado de São Paulo; na atualidade a interação com os públicos através das mídias sociais é de suma importância na manutenção da imagem e confiabilidade das instituições. Desta forma cresce a importância do gerenciamento das mídias sociais.

Neste momento, estudou as interações com as mídias sociais por ocasião do combate a pandemia da Covid-19. Toda a perplexidade da situação sanitária não poderia passar despercebida, era nas palavras do Comandante do Exército o maior desafio dessa geração e despertou o interesse por um estudo de caso sobre a condução das publicações e qual o reflexo nos públicos.

Também durante este período recebe a incumbência de ser assessora cultural do Comando Militar do Sudeste, para gerenciar o patrimônio cultural material e imaterial do Exército na área do Comando Militar do Sudeste, ou seja o Estado de São Paulo, ao perceber a necessidade de conhecer melhor a Cultura da Instituição, em seu aspecto interdisciplinar, para facilitar as atividades ora desenvolvidas a autora começa esta tese, fruto das observações sobre o desconhecimento da instituição Exército Brasileiro aliado a necessidade de compreensão dos primeiros trinta anos da estruturação do ingresso da mulher e sua atuação dentro de uma organização predominantemente masculina que em 2022.

Desta forma trazer as experiências pessoais e a de outras mulheres que integram a Força é um desafio na escrita, perceber as mudanças ao longo destes anos e algumas nuances que mesmo não pronunciadas dizem muito sobre a sociedade. A tese não encerra os estudos sobre a mulher no Exército Brasileiro, mas analisa e aponta algumas práticas, avanços e conquistas das militares neste curto período.

Entender a cultura institucional, também será um facilitador no entendimento dos processos comunicacionais, já que há uma grande imbricação entre cultura e as formas de relacionamento.

No ano de 2023, enquanto ocorrem as entrevistas com as integrantes e a problematização sobre a mulher no EB, o tema do encontro de assessores culturais foi o patrimônio imaterial do exército. Assim, durante as visitas e principalmente em conversas pode-se refletir algumas características da visão de militares sobre o trabalho da mulher, que foram colocados de forma informais em conversas.

Na Brigada de Infantaria Paraquedista, as paraquedistas pioneiras, não mais se encontravam na ativa, afinal elas eram tenentes médicas temporárias, porém atualmente existem outras mulheres, oficiais e sargentos.

Na parede havia uma linha do tempo com as mulheres paraquedistas e um pouco da história destas na foto abaixo, que apresenta, de forma condensada e ilustrativa, o incremento da participação da mulher militar na atividade.



Figura 7: Linha do tempo das mulheres paraquedistas militares

Fonte: arquivo pessoal

A crescente assimilação da militar na Brigada Paraquedista fica, também, evidenciada no quadro do banheiro feminino no museu aeroterrestre que retrata uma mulher paraquedista militar, de forma lúdica a representação do feminino encontra-se em todos os ambientes.



Figura 8: Quadro representando uma mulher paraquedista militar

Fonte: arquivo pessoal

A oficial do Serviço de Intendência, paraquedista e instrutora, oriunda da primeira turma de mulheres da Academia Militar das Agulhas Negras, demonstra como pousar um paraquedas, em um exercício em simulador.



Figura 9: Foto de uma militar paraquedista em instrução de simulador

Fonte: arquivo pessoal

Esta é a primeira mulher que ministra instrução na Brigada Paraquedista, ter uma mulher como instrutora, em um curso considerado de elite para a carreira militar, é uma quebra de paradigma e demonstra a inclusão neste campo de atuação.

A visita também previa palestras sobre a Brigada, estas foram realizadas no intuito de realçar a aceitação da mulher na atividade, porém a visita era de um dia e não foi possível conversar em particular com alguma paraquedista, somente ouviu-se a exposição do comandante da Brigada Paraquedista. O momento ainda está muito presente, talvez dificultando a percepção das mulheres envolvidas nos treinamentos sobre algum sentimento de deslocamento, no entanto todas as conquistas são fortemente comemoradas. Porém isto demonstra o pensamento de que para a mulher é uma conquista e não um direito.

Na oportunidade, também foi visitada a Academia Militar das Agulhas Negras, onde a primeira turma de mulheres ingressou em 2017. Cada um dos cursos de formação da Linha

Militar Bélica²⁴ (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Material Bélico e Intendência) apresentou propostas de seu patrimônio imaterial, as mulheres só têm acesso aos dois últimos. E o percentual feminino não deveria exceder de trinta por cento, porém atualmente está em torno de quarenta e cinco por cento em cada um deles. A partir do concurso deste ano as mulheres também poderão escolher a Arma de Comunicações.

Durante a palestra do Curso de Intendência um coronel, com menos de cinquenta anos de idade comentou com a pesquisadora que era ruim para o EB ter mais de trinta por cento de mulheres em alguma arma, quadro ou serviço pois isto poderia comprometer a operacionalidade, afinal no entendimento dele as mulheres não estão aptas ao combate. Este militar desconhece esta pesquisa, perguntado de onde ele havia tirado esta informação, ele titubeou sem encontrar uma fonte confiável ou uma pesquisa de campo. Porém no século XVI existia a crença de que pessoas pretas eram menos que pessoas brancas, ou no século XVIII que as mulheres necessitavam de tutela, ou como no século XIX onde as teorias higienistas, segundo Schwartz (2017) afirmavam que as mulheres possuíam uma estrutura craniana deficiente, pois eram mais leves e menores, porém, possivelmente de forma intencional, as mulheres escolhidas para o estudo eram fisicamente menores, sua “bestialidade” estava diretamente relacionada ao peso e tamanho de seu crânio e mandíbulas. Então talvez fosse uma ideia pré-concebida acreditar na falta de capacidade feminina para as tarefas militares.

... essa construção vem sendo efetuada e registrada pela História, Continua a ocorrer na mídia, nas escolas, nos tribunais, nas famílias, na academia, **nos quartéis (grifo nosso)** (...) ou seja, por meio da interpelação a representação social é aceita e absorvida pelas pessoas como sua própria representação (...) e torna-se real, embora seja de fato imaginária (Schwartz, 2017, p.45).

O imaginário da mulher é perpetuado pela cultura vigente e transmitido pelas gerações, então o questionamento e novos olhares do papel social podem proporcionar o descortinamento das habilidades, realizações e resgatar a memória

²⁴ Atividade fim do Exército o combate.

1.2 A atuação das mulheres na Instituição Militar

Na Segunda Guerra Mundial as mulheres integraram o Corpo de Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira. Embora sua atuação seja considerada exitosa elas foram licenciadas do serviço ativo ao retornarem ao Brasil.

A participação de mulheres enfermeiras no Exército Brasileiro foi viabilizada pela necessidade da FEB de possuir em seus quadros um Grupamento Feminino de Enfermagem, imposto pelo V Exército Norte-Americano. Em razão disso, mulheres brasileiras foram selecionadas e rapidamente preparadas para enfrentarem a guerra, num país distante.

Inseridas no Quadro de Enfermeiras de Emergência da Reserva do Exército, como enfermeiras de 3ª classe do Círculo de Oficiais Subalternos. Foram arvoradas(a) tenentes enfermeiras, no T.O. pelo General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB. Dessa maneira tiveram sua situação profissional e militar regularizadas, portanto, reconhecidas legalmente no Exército Brasileiro.

A determinação do governo norte-americano correspondeu à imposição de uma visão de mundo hegemônica, constituindo-se em violência simbólica, permitindo, porém, a inserção da mulher enfermeira no campo militar, contribuindo para a valorização da mulher na sociedade brasileira. Estas enfermeiras praticaram um ato ousado para a sociedade brasileira da época, já que a aceitação desse grupamento, num ambiente masculino foi vista com resistência e crítica pela sociedade. Assim, elas abrem um espaço no campo profissional para a mulher brasileira (Bernardes, Lopes, 2007, on line).

No ano de 2023 faleceu a última enfermeira da FEB, o EB prestou uma homenagem a esta voluntária.

Assim como Maria Quitéria as enfermeiras que integraram a FEB, também estavam num período de guerra e exceção, então somente no século XX as mulheres puderam integrar o Exército em tempo de paz, sem serem um reforço para anos conturbados. O Quadro Complementar de Oficiais, permite o ingresso como militar de carreira e estas e estes profissionais exercem atividades em áreas administrativas e magistério, que são áreas meio²⁵ da Força Terrestre. As primeiras 49 alunas do Curso de Formação ingressaram em 1992.

...era professora no CEP²⁶, então fiquei sabendo do concurso e me disseram que eu seria militar e continuaria dando aula (risos) – **grifo nosso** a vida de uma servidora civil professora de inglês é muito diferente das atividades de uma tenente. – Só quando fui a escola e voltei percebi que não seria a mesma coisa, então tive que me adaptar (Entrevistada 1).

²⁵ Áreas meio são as atividades administrativas, de ensino e apoio que permitem ao Exército estar preparado para o combate.

²⁶ Centro de Estudos de Pessoal, onde à época eram realizados os cursos de idioma no EB, atualmente existe o CIdEx (Centro de Idiomas do Exército).

Após estas falas a entrevistada e a autora se “entreolham”, mesmo em um aplicativo de conversas, e riem pois só quem integra as primeiras turmas conseguiria entender esta falta de informação da época sobre as rotinas de trabalho, ao pensar sobre aquele tempo, há o questionamento se havia uma preocupação com o desenvolvimento da carreira do QCO e, em particular das mulheres, por exemplo o chapéu era inviável para a colocação da aba com os adornos de oficial superior, após a primeira turma ser promovida a Major, primeira patente de oficial superior o modelo de chapéu foi trocado.

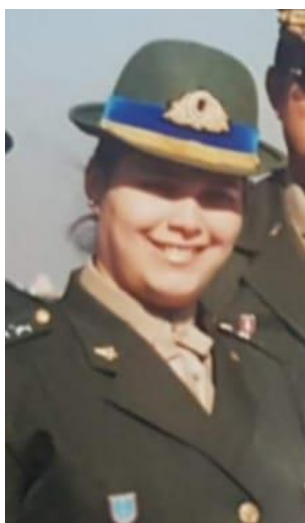


Figura 10: Capitã Sílvia durante solenidade militar início dos anos 2000

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 11: Tenente-Coronel Sílvia durante solenidade cívico- militar em 2019

Fonte: Arquivo pessoal

As duas fotos apresentadas acima durante a realização do trabalho em solenidades ilustram a mudança do chapéu feminino pois o primeiro apresentado na figura 13 não permite a colocação do adorno obrigatório para oficial superior na aba.

Após esta primeira experiência com o segmento feminino em 1996 o EB instituiu o Serviço Militar Feminino Voluntário para Médicas, Dentistas, Farmacêuticas e Veterinárias; esta primeira turma contou com 290 mulheres voluntárias, em todo o território nacional, que seriam incorporadas como militares temporárias²⁷. No ano de 1997 as mulheres puderam ingressar no Instituto Militar de Engenharia (IME), prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual, o ingresso no IME apresenta uma quebra no paradigma da mulher que cuida pois as áreas de saúde e magistério são uma reprodução de profissões consideradas femininas desde que as mulheres tiveram acesso à educação formal e a possibilidade de ter um trabalho remunerado. E no Serviço de Saúde como militares de carreira a partir de 1998. Para o EB estas formas de ingresso igualam as perspectivas de carreira das mulheres por permitirem o acesso ao generalato, até agora só alcançado por homens.

Em 2002 a Escola de Saúde do Exército matriculou a primeira turma de mulheres no Curso de Sargento de Saúde, também militares de carreira. Quanto ao ingresso como sargento temporário do segmento feminino não foi encontrado na rede mundial de computadores um registro preciso do ano de ingresso das pioneiras, todas estas informações encontram-se na página do Exército Brasileiro.

Uma curiosidade, no início as mulheres precisavam escolher como nome de guerra um nome feminino, ou seja, não poderiam ter somente o sobrenome. O nome de guerra é o apelido pelo qual cada militar é chamado; ele deve ser escolhido a partir do nome completo.

Atualmente, embora as mulheres representem um pequeno contingente do EB 6,4% do efetivo²⁸, conquistam a cada dia novas áreas inclusive com acesso a Academia Militar das Agulhas Negras a área combatente que por mais de um século só recebeu alunos do segmento masculino. Quanto a esse acesso destaca-se que o ingresso possui uma série de restrições a


²⁷ Prestação de serviço na carreira das FFAA por período anual, renováveis até o máximo de oito anos.

²⁸ Dados de 2023, Marchany (2019).

saber; as mulheres só têm acesso ao Quadro de Material Bélico, ao Serviço de Intendência e a Arma de Comunicações.

A grande divisão dessas especializações é definida pela Arma, Quadro ou Serviço a que pertence um militar do Exército. As Armas englobam o militar combatente por excelência, tradicionalmente a atividade-fim da profissão. Os Quadros reúnem os militares que, de origem diversa, aglutinam-se dentro desses quadros com uma finalidade geral própria. Por fim, há os Serviços que, como o termo indica, têm uma atividade de apoio bem definida, normalmente de cunho logístico. (Exército Brasileiro, sem data, on-line).

O número de vagas, também apresenta restrições conforme as informações dos sites oficiais do concurso, a destinação de 50²⁹ vagas exclusivas para mulheres enquanto os homens concorrem por 400 vagas todos com 20% reservados a cota social.



Universo de convocação	Número de vagas
Masculino	320
Feminino	40
Masculino/cota	80
Feminino/cota	8

Figura 12: Quadro de vagas 2024

Fonte: https://espceeb.mil.br/downloads/2023_publConcurso/Manual2023.pdf

Outra identificação dos militares são as plaquetas de nome, distintivos de curso e medalhas que contam visualmente a história de um militar, pois além do nome está o tempo de serviço, os cursos realizados e as medalhas recebidas sejam por terem servido em locais específicos (Amazônia, Missão de Paz), tempo de serviço ou serviços considerados relevantes.

A higidez faz parte da preparação física do militar, no ingresso índices de corrida, flexões, abdominais, barras e meio sugado são verificados por meio de provas específicas. Durante o período que o militar está na ativa três vezes por ano é realizado o Teste de Aptidão Física (TAF), seus índices indicam que o militar está apto nos padrões desejáveis para sua idade

²⁹ Dados do concurso de 2024.

e arma, quadro ou serviço; a manutenção desta preparação é através do TFM, já explicado anteriormente, que é realizado com regularidade durante toda a carreira militar.

1.3 Exercício Agulhas Negras pela ótica de algumas de suas integrantes

A atividade da pesquisadora embora seja de apoio, necessita estar próxima da atividade fim, então em exercícios simulados é montada uma central de comunicação social que se desloca para o teatro de operações³⁰, em alguns era a única mulher, porém a cada dia mais mulheres integram o EB.

No ano de 2020, foi montada a Base Logística Terrestre 2 do Exercício Agulhas Negras (BLT-2), e como pesquisa para um artigo do mestrado a autora desenvolveu uma enquete com as militares com quem dividiu o acampamento. Eram 100 militares dos quais além da pesquisadora havia quatro mulheres. Parece um pequeno número, mas tem um significado o percentual de mulheres no EB a época era 3,2%, um microuniverso com características semelhantes ao macro universo, segundo Ginzburg (2007) esta observação da mulher e do homem comum leva ao entendimento do todo e tira a narrativa do centro do poder para representar a todas e todos.

Esta pesquisa de campo ressalta as motivações e aspirações para o ingresso no EB além das atividades desenvolvidas pelas integrantes do segmento feminino que lá se encontravam. Nesta tese ela ilustra motivações variadas pela conquista do trabalho e o quanto as mulheres se preparam nos seus estudos para ingressar no mercado de trabalho³¹.

No EB os exercícios em campo são considerados parte do treinamento para a atividade fim e como as mulheres só começaram a integrar os quadros que exercem esta atividade em 2017, pesquisar a visão delas em um exercício pode nos apresentar indícios da divisão do trabalho em campo, bem como auxiliar a compreensão de atividades da Instituição Exército Brasileiro.

³⁰ parte de teatro de guerra em que as operações são conduzidas e inclui a zona de combate (as forças militares, as fortificações, as trincheiras etc.) e a zona de comunicações (Michaelis, on line).

³¹ A urbanização ocasionada pela Revolução Industrial gera a necessidade financeira e a mulher começa a trabalhar fora de casa para complementar a renda, neste momento os homens percebem a força desta até então considerado um ser com menores capacidades, pensamento que reflete todo o século XX.

O exercício militar denominado Agulhas Negras pretende realizar o treinamento em situações reais, nele são estimuladas as virtudes militares³², que possibilitam uma pronta resposta a situações adversas e de um possível confronto. Além de verificar o apronto operacional das tropas face à necessidade de emprego. Uma área fundamental para a manutenção da operacionalidade é a logística onde há o trabalho e dedicação de integrantes do segmento feminino.

Durante a realização do exercício no acampamento da BLT-2 e foi possível conversar com as quatro sargentos que lá desempenhavam funções diversas e tinham diferentes formações sendo uma delas sargento de carreira. O que motivou essas mulheres? Como souberam da possibilidade de ingressar? Quais suas aspirações profissionais e pessoais? Como se adaptaram ou estão se adaptando a vida militar? Estas e outras perguntas permeiam o imaginário, embora o EB já tenha mulheres há bastante tempo ainda é considerado uma novidade? Fora dos padrões estabelecidos e das profissões ditas femininas?

No vídeo a seguir apresenta as atividades da BLT-2:

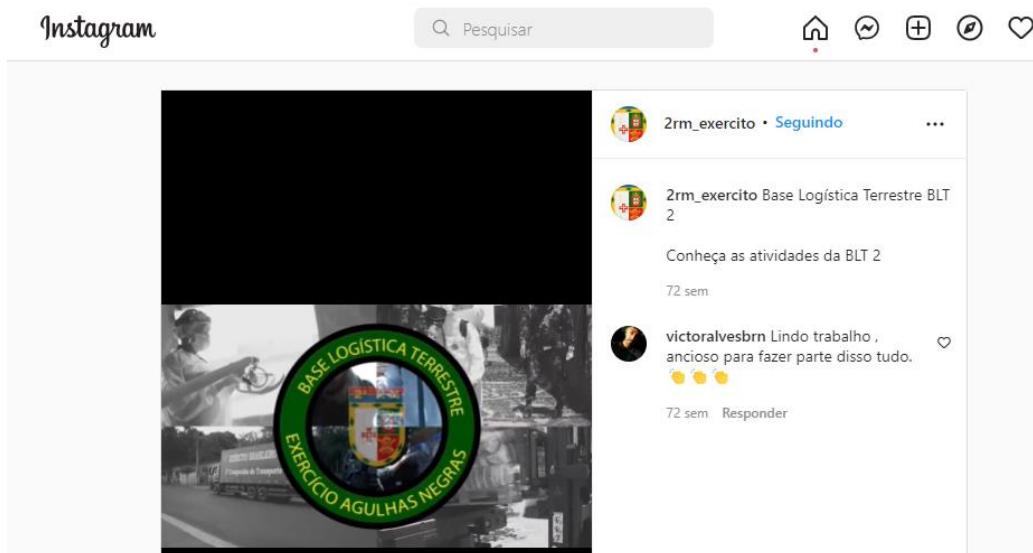


Figura 13: Capa do vídeo da BLT-2 Exercício Agulhar Negras

Fonte: Instagram da 2ª Região Militar

https://www.instagram.com/tv/Ciah_rvgBhf/?igshid=bp07ptlq3i4k

³² Segundo o site do EB: patriotismo, civismo, fé na missão do EB, amor à profissão, espírito de corpo e aprimoramento técnico-profissional.

O vídeo da BLT- 2 foi produzido durante a execução do Exercício Agulhas Negras pelo destacamento de Comunicação Social chefiado pela autora que também dirigiu o vídeo, a locutora era uma das sargentos entrevistadas e o câmera e editor um soldado estudante de cinema, na equipe também tinha um motorista. Todo o trabalho foi realizado em situação real, ou seja, no acampamento com os recursos disponíveis; (uma câmera e um notebook).

Na BLT-2 a pesquisadora e as quatro mulheres entrevistadas eram as únicas integrantes do segmento feminino. Todas além da convivência de aproximadamente uma semana em que foi possível conversas sobre aspectos da vida pessoal e profissional responderam a um questionário e concordaram em compartilhar suas histórias. O número absoluto de mulheres é pequeno e retrata a realidade da instituição com aproximadamente 3% de mulheres em suas fileiras. O efetivo total daquela base era de aproximadamente 100 militares, então proporcionalmente a representação feminina naquele local representa a realidade da instituição, por isso a escolha desta base especificamente.

Por possuir vinte e oito anos de experiência na vida militar, as respostas ao questionário reforçaram a observação participante e conversas informais dos anos de labuta. Segundo Mary Del Priore (2009) embora o artigo não seja uma prosopografia, ele está intimamente ligado ao estudo de um grupo de indivíduos que representam uma profissão, e, podem mostrar indícios da vida militar do final do século XX e início do XXI no Brasil.

Três das entrevistadas tiveram conhecimento da possibilidade de ingresso através de amigos ou familiares, somente uma tomou conhecimento através de campanhas institucionais de divulgação. Embora existam, estes anúncios ainda não surtem o efeito de atingimento da totalidade das mulheres com perfil profissional compatível com as vagas ofertadas.

Quanto a idade há que se destacar o estabelecimento de idade limite para ingresso, desta forma as entrevistadas apresentam idades de no máximo 35 anos, 50% e os outros 50% idades até 25 anos. A estipulação de uma idade limite é defendida pela instituição pelos atributos físicos da atividade militar também sendo vetado as mulheres engravidar enquanto estão cursando sua formação militar.

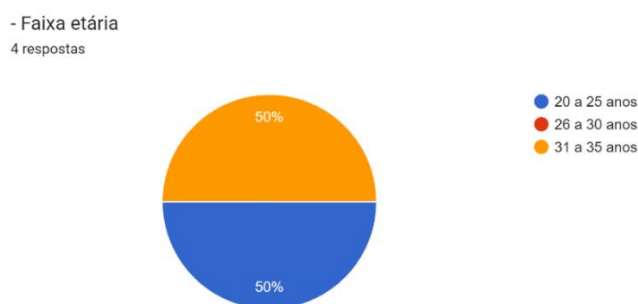


Figura 14: Gráfico da faixa etária das entrevistadas no Exercício Agulhas Negras

Das quatro entrevistadas 50 % possuíam formação além da necessária para o ingresso, já que o requisito como sargento é o nível médio ou tecnológico e duas das entrevistadas possuíam nível superior e uma inclusive pós graduação lato sensu, desta forma embora o EB arque com os salários de um profissional de nível médio usufrui os conhecimentos de um profissional de nível superior ou pós-graduado, muitas vezes não remunerando da mesma forma que remunera um profissional que sempre cursou especializações dentro da força, esta discrepância tende à atingir mais fortemente o contingente feminino pois o ingresso das mulheres na força por meio da academia Militar das Agulhas Negras que tem todos os seus cursos incorporados à instituição e é visto por alguns militares como mais formativos que as outras possibilidades de ingresso ainda é recente.

O segmento feminino que por diversas contingências ainda não possui acesso a todas as carreiras militares continua como uma classe a parte sendo preterida pelo fato de ser mulher. Embora a administração militar nem sempre reconheça cursos extras, no universo pesquisado 75% das entrevistadas possuíam uma formação além da requerida para ingresso.

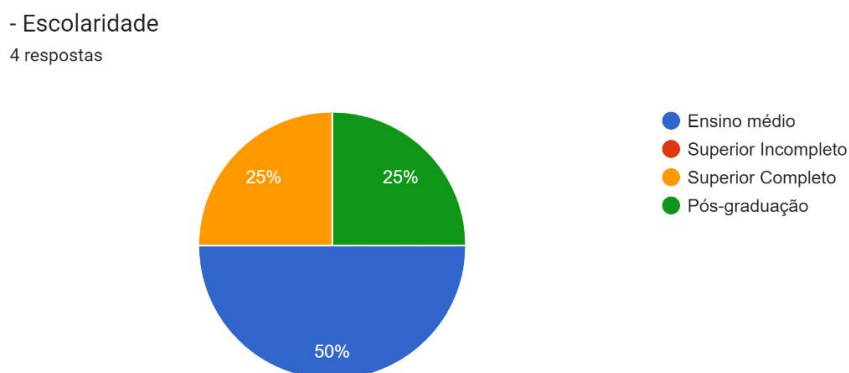


Figura 15: Gráfico da escolaridade das entrevistadas no Exercício Agulhas Negras

As expectativas das integrantes, sejam elas militares de carreira ou temporárias, são uníssonas quanto a possibilidade de progredir nas suas carreiras por meio de experiência e aprimoramento profissional, segundo Marie-Christine Josso (1999) as histórias de vida embora muito ricas tendem a ser individualizadas, porém esta análise biográfica quando sobre um assunto e um nicho profissional específico consegue retratar características comuns a histórias de vida das personagens. Interessante observar desejos menos palpáveis como contribuir para a defesa da pátria. Percebe-se, também, a necessidade de conquista do espaço de trabalho pelo segmento feminino. Uma das entrevistadas inclusive pretende continuar na área da segurança, demonstrando interesse em prestar concurso para a Polícia Federal quando questionada sobre a escolha salientou aspectos quanto aos desafios profissionais e vontade de contribuir para o ordenamento político-social do país. A resposta mais interessante e complexa quanto a aspirações profissionais é a citada na íntegra a seguir:

Levar a experiência adquirida aqui, para aplicar talvez na área acadêmica. Lembrando dos princípios de hierarquia e disciplina tão recorrentes no EB, e, também, das práticas mais operacionais que podem ser aplicadas também em outras áreas de interesse da nossa sociedade (entrevistada 8).

Essa entrevistada é filha e esposa de militar, além de ter um filho estudando no Colégio Militar então sua colocação deixa transparecer os valores e a ética militar intrínsecas a sua formação de princípios e personalidade.

Todos os militares passam por um treinamento de adaptação ao serviço com duração e graus diferentes de dificuldades o que ocasiona um sentimento de pertencimento e espírito de corpo principalmente entre integrantes da mesma turma. Na base onde foram realizadas as entrevistas havia duas militares pertencentes a turma de 2020, ano em que os treinamentos foram reduzidos devido à pandemia da Covid 19, mas o entusiasmo de se reencontrarem foi mantido, pois lembravam de forma carinhosa das atividades desenvolvidas e dos óbices enfrentados.

As atividades realizadas no cotidiano de seus locais de trabalho eram bem semelhantes as realizadas no exercício sendo que neste último as equipes eram reduzidas, e para algumas áreas os horários e rotinas eram diferenciados, até mesmo pela especificidade da missão: uma das militares era técnica em enfermagem, devendo estar sempre de prontidão para alguma

intercorrência. A técnica em nutrição, que cursa a graduação em nutrição, precisava confeccionar cardápios e gerenciar a cozinha de campanha em um ambiente completamente diverso da normalidade. Na área administrativa eram confeccionados diversos relatórios, de pessoal, material e necessidades de provisões, além dessa militar muitas vezes supervisionar comboios de entrega de material para outras unidades do exercício. A quarta militar era auxiliar da área de comunicação social, contribuindo para a divulgação das atividades desenvolvidas em diversas localidades, além de atendimento às autoridades; tendo inclusive narrado o vídeo do link do Instagram que se encontra neste artigo. É unânime na percepção das entrevistadas, a contribuição do exercício no aprimoramento profissional e pessoal, todas terminam as jornadas com a sensação de dever cumprido e comprovando sua capacidade de ir além das próprias expectativas e paridade de condições de cumprir as missões em relação aos militares do segmento masculino. O trabalho em equipe é citado como importante para a obtenção dos objetivos propostos. Após permanecer em local inóspito e com menos recursos que os costumeiros as militares passam a dar valor a pequenas coisas do cotidiano que geralmente não despertariam a atenção.

A presença da mulher no EB está se solidificando, embora o percentual não represente a presença feminina na sociedade e a inserção de forma estruturada tenha acontecido com mais vagar que em outras áreas atualmente percebe-se a adaptação do segmento feminino às várias atividades da caserna. Porém a instituição militar é um reflexo da sociedade, conserva em si os traços do machismo estrutural e apresenta ainda alguns entraves nas formas de acesso e em quantidade ínfimas do efetivo.

As modificações estruturais ocorrerão com o vagar que uma instituição com mais de três séculos de existência precisa para se adaptar ao novo e a modernidade. Não obstante vale ressaltar a própria estrutura da sociedade que ainda apresenta diversos preconceitos em relação a participação feminina nas áreas profissionais e, muitas vezes, culturalmente sobrecarrega a mulher como a única responsável pelos afazeres domésticos e de criação dos filhos.

Quanto a visão feminina das atribuições a elas delegadas no estudo de caso todas sentem-se motivadas e acreditam estar contribuindo para a instituição e que futuramente, em especial no caso das militares temporárias, poderão utilizar os aprendizados na sua vida profissional, inclusive com a possibilidade de prestação de outro concurso público.

Este primeiro panorama apresentado sobre as mulheres no exército ajuda a situar no objeto de pesquisa desta tese que conta a narrativa desta pesquisadora e as respostas das entrevistas trazendo luz aos sentimentos, questionamentos, oportunidades e motivações destas mulheres que integram a instituição ou integraram nestes primeiros trinta anos da inserção permanente e estruturada das mulheres.

Neste capítulo foram problematizadas questões relativas à emancipação feminina a tendo como marco a Revolução Industrial que desloca a sociedade rural para urbana e interfere na divisão sexual do trabalho, incitando novos movimentos sociais que caminham para as conquistas das mulheres nos campos dos direitos civis, políticos, sociais, econômicos, entre outros. Reflete-se sobre considerações médicas, positivistas e higienistas, a obtenção do direito de estudo e participação na vida pública. Não esquecendo de momentos de exceção mundiais como guerras e batalhas onde toda força de trabalho tornou-se necessária e chancelou a importância do trabalho da mulher no mundo produtivo.

Os relatos da pesquisadora retratam por meio da História de Si as conquistas de pessoas comuns que estão intrínsecas na história. A instituição EB pode ser analisada sob a ótica das entrevistadas durante um estudo de campo pois suas respostas ressaltam aprendizados e realidades do momento vivido.

No próximo capítulo pela metodologia da História Oral serão analisadas a experiência e vivências de algumas militares do QCO, as impressões de dois homens de gerações distintas que convivem com a pesquisadora desde seu ingresso no EB ou no caso do filho desde que este nasceu. Além disso algumas publicações serão apresentadas para corroborar a visão institucional sobre elas no decorrer dos últimos 30 anos.

Capítulo 2 – Percepções e imaginários

**“Para todos que acompanham meu trabalho,
gostaria de dizer que não há limites para nossos sonhos
desde que haja dedicação e sabedoria para conquistá-los.”
Anitta**

Neste capítulo a ênfase será nos relatos de vida de algumas militares que por particularidades apresentadas na tabela do perfil das entrevistadas foram convidadas a compartilhar suas experiências, nem todas aceitaram narrar suas vivências, porém as impressões aqui deixadas, por meio de um mosaico de óticas diversas, retratam um período da história, onde há uma crescente participação feminina no trabalho e em especial no exército. As conexões temporais e temáticas são centradas nas vidas militares, nas motivações, óbices, conquistas e nos impactos na vida pessoal e familiar. Desta forma, impressões de várias militares com trajetórias distintas tecem o panorama do momento atual e problematizam esta tese. Segundo (Le Goff, 1990, p.10) “Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais; são coletados etnotextos”. Estas impressões relatadas pela História Oral permitem colher as impressões e as reações das entrevistadas, o que não seria possível pela simples análise de material escrito previamente produzido. A historiografia da mulher comum, segundo (Félix, 1998, p.64) “...investigação histórica desde questionamentos envolvendo ... estudos referentes a mulheres...e outros temas não valorizados até há bem pouco tempo”.

No primeiro momento levantou-se o perfil de dez possíveis entrevistadas de anos de formação diferentes e que cumpriram missão em todo o mundo. Interessante ressaltar, que algumas não quiseram participar talvez algum ressentimento em rememorar episódios, outras não se posicionaram, porém sempre que a pesquisadora tentava combinar as entrevistas elas estavam impossibilitadas, após algumas tentativas têm-se a conclusão de que não se sentiam confortáveis em participar. Compartilhar trajetórias de vida e experiências pode auxiliar as gerações futuras, afinal este é o objetivo de todo pesquisador, contribuir para um desenvolvimento da sociedade.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (Thompson, 2002, p. 44).

A escuta atenta das militares permitiu ressignificar suas experiências pela ótica das (des) continuidades históricas e ressaltar a assimilação do trabalho da mulher no decorrer do final do século XX e no início do século XXI pelos relatos das mulheres comuns que vivenciaram e vivenciam a experiência, além de refletir o passado no momento presente e problematizar as divergências na assimilação do trabalho da mulher quando comparado ao trabalho do homem. O interesse nesta compreensão baseia-se na recente (in) visibilidade da contribuição da mulher no mercado de trabalho e na vida pública.

Na sociedade ocidental o serviço militar atuou como ritual de passagem do menino para a vida adulta, como também serviu de ritual para diferenciar os sexos. O que promove inúmeras tensões no imaginário militar, onde as qualidades físicas e o ideal de virilidade representam grande importância na formação de homem-guerreiro (Martins, 2015, p. 58)

Assim, percebe-se que a atividade militar foi durante muitos anos entendida como pertencente ao masculino, sem perspectiva ou possibilidade de ingresso da mulher, mesmo em atividades de apoio. Esta tese reflete sobre as modificações ocorridas na segunda metade do século XX e início do século XXI que permitiram a mulher maior participação no trabalho economicamente produtivo e na sua inserção de forma estruturada no Exército.

2.1 Perfil das entrevistadas

A necessidade de traçar um panorama dos trinta anos levou a escolha de entrevistadas com datas de ingresso bem diferenciadas, desta forma pode-se perceber mudanças na estrutura social e da instituição no decorrer dos anos.

Para preservar a identidade não foi explicitado o nome da escola de formação e comando militar de área onde a militar atua ou atuou.

Alguns comentários por serem muito pessoais foram parafraseados e englobam vivências de mais de uma entrevistada.

Ano de formação	Atuação	situação	Cidade em que vive
1992	Integrou Missão de Paz e a Operação Acolhida	reserva	Brasília / DF
1996	Atua em escola de formação militar	reserva /PTTC	Campinas / SP
1998	Atuou em diversas escolas militares de formação e aperfeiçoamento e atua em Comando Militar de Área	ativa	São Paulo / SP
1999	Atuou em escolas de aperfeiçoamento, atualmente em diretoria	ativa	Rio de Janeiro / RJ
2005	Atuou em escola de formação militar, Colégio Militar e Comando Militar de Área	ativa	São Paulo / SP
2008	Integrou a Missão de Paz e atua em Comando Militar de Área	ativa	Rio de Janeiro / RJ
2013	Atuou em Colégio Militar e atua em Região Militar	ativa	São Paulo / SP
2021	Atua em Colégio Militar	ativa	São Paulo / SP
2022	Atua em Colégio Militar	ativa	São Paulo / SP
2022	Atua em Colégio Militar	ativa	São Paulo / SP

Figura 16: Perfil das entrevistadas³³
 Fonte: elaborada pela autora

2.2 Impressões e experiências vividas delas, deles e da Instituição

Paul Thompson (1998) nos relata a experiência de reviver memórias que a história oral propicia ao entrevistado, ao realizar a abordagem com as possíveis entrevistadas, esta percepção foi possível, principalmente pela recusa de uma delas que embora tenha participado de missões com a autora não teve dúvidas ao responder que não gostaria de reviver suas experiências, porém concordou que fosse colocada esta reação sobre sua vida profissional, além disso outras duas militares quando consultadas concordaram, porém todas as marcações de entrevistas não eram respondidas, assim a pesquisadora concluiu que possivelmente elas não quisessem participar. Estas três reações dos sinais do não dito verbalmente são importantes na reflexão da História Oral. A necessidade e vontade de evitar falar de uma vivência do passado necessita uma análise para estabelecer uma conexão pois o presente e a expectativa de futuro influem na percepção do passado. Um discurso usual na instituição é afirmar que não há diferenciação com o QCO ou com mulheres.

A Marinha do Brasil foi a primeira das Forças Armadas a regulamentar o ingresso da mulher, Iára Maria Batista Martins (2015) entrevistou algumas e alguns integrantes dentre as colocações percebe-se o sentimento do ingresso das mulheres ser uma questão de direito “Era

³³ Para auxiliar na preservação do anonimato das entrevistadas, este quadro é apresentado por ordem cronológica de ingresso, não tendo relação com a ordem das transcrições.

inevitável, o mundo estava mudando, as marinhas estavam mudando, as mulheres estavam exigindo seus direitos (EM-16)” (Martins,2015, p.122) além de uma resposta a um anseio da sociedade, cabe ressaltar que somente mais de dez anos após as mulheres puderam integrar o Exército.

Abaixo organizou-se os tópicos das entrevistas por assuntos repetidamente levantados, pois além de serem constantemente percebidos pelas militares fazem parte do cotidiano das mulheres.

2.2.1 – Maternidade

Desde o século XIX a sociedade institui a gravidez como uma tarefa da mulher, segundo Mirtes de Moraes em sua análise sociocultural da maternidade a ciência médica molda a construção do ideal de corpo feminino e a contribuição do seu dever social.

Ser mãe passou a ser, acima de tudo, um dever social, sendo que a vida de uma mulher só se completaria na maternidade, misto de prazer e devotamento. Numa linha invisível, estavam os discursos que atravessaram, entrelaçaram e aprisionaram as mulheres, dando suporte a essas formas de representação que foram se condensando a partir da noção de verdade (Moraes, 2021, p.45)

Gravidez e maternidade fazem parte do cotidiano feminino e algumas vezes parece que são reponsabilidade somente das mulheres, metade das entrevistadas são mães e este tema foi recorrente nas entrevistas, pode-se perceber algumas mudanças no passar dos anos, bem como em alguns momentos percebe-se a influência da experiência pessoal do comandante ou chefe nas interações sobre gravidez e maternidade.

Marquei meu ultrassom e naquela época era necessário assinar um livro e pedir autorização para ausentar do expediente, então estava tudo providenciado, às vésperas da consulta foi marcado uma reunião, não tenho certeza agora, são quase vinte anos, não fui autorizada a ir, fiquei muito nervosa, não consegui outro horário para a consulta, passei mal, fui à médica que me afastou do trabalho uns dias, após a volta ainda antes da licença maternidade, houve uma reunião eu era capitão, mandaram os tenentes saírem³⁴ e na frente dos pares e mais antigos me advertiram verbalmente e me entregaram uma Ficha de Apuração de Transgressão Disciplinar por eu ter faltado a reunião, no dia em que tinha o exame/consulta. Foi aberta uma

³⁴ Pelo regulamento do EB os militares mais modernos não podem participar de reuniões onde mais antigos são repreendidos.

sindicância, uma confusão, não me deixavam ler os autos, ao final acabaram por arquivar, não havia materialidade de transgressão, mas me senti coagida como se tivesse cometido algo por estar grávida. Quando deveria voltar da licença maternidade queriam descontar estes dias (entrevistada 4).

A gravidez, licença maternidade causaram nas militares com mais tempo de exército mais desafios e entraves que na atualidade, talvez por ser uma situação inusitada para os militares homens responsáveis pela administração e que não tinham experiência com estas questões ou mesmo estavam acostumados a que suas mulheres cuidassem dos filhos como ocorria em famílias patriarcais.

A “condição feminina” ganhou investimentos de dispositivos de poder e foi sendo modelada por uma trama discursiva que reservava ao feminino o papel preponderante de ser mãe, com todas as implicações políticas e sociais que esse fato pôde acarretar para as mulheres (Moraes, 2023, p. 205).

Este conceito do papel preponderante da mulher como mãe dificultou e dificulta a inserção no mercado de trabalho, pois grande parte do cuidado com os filhos é subentendido como função da mãe, fazendo com que esta possa vir a ter maior um absenteísmo nas atividades profissionais que pares homens.

Desta forma colocações como a da entrevista abaixo pode reforçar a ideia da mulher como a principal cuidadora e ser uma armadilha, pois no momento mais próximo parece um benefício, mas a longo prazo pode criar entraves às mulheres.

Tenho conversado com uma militar da aeronáutica, e... eles têm uma experiência mais exitosa nesta fase da mulher, lá elas ficam um ano sem estas escalas, para dar mais atenção ao bebê, pelo menos aqui em SP, estamos tentando escrever alguma coisa para negociar com os chefes, podemos conquistar mais, conversamos com militares de turmas mais antigas e elas relataram suas experiências, mas acredito que possamos conquistar mais. Não faz sentido a mãe tirar o fardo³⁵ para amamentar (entrevistada 3).

Embora a entrevistada reconheça que nas primeiras turmas as militares tiveram maiores dificuldades quando da licença maternidade ou retorno após, ela acredita ter possibilidades de negociar uma forma de atender as necessidades do bebê e da mãe logo após o retorno desta ao

³⁵ O fardo aberto é o módulo individual básico de combate do operador em qualquer cenário, consiste em suspensório, cinto, coldre, cantil, e porta equipamentos necessários a atividade, de forma a não atrapalhar a utilização das mãos.

trabalho, possivelmente com uma flexibilização de serviços de escala. Nesta tese não houve entrevista de militares homens, porém algumas vezes foram ouvidos comentários de militares homens sobre o tempo que as mulheres ficam afastadas de algumas escalas por gravidez e licença maternidade, ao total quinze meses. Então há dúvidas sobre a receptividade por parte de outras e outros militares a respeito desta medida.

Foi difícil a volta ao trabalho, (após a licença maternidade) principalmente por causa do serviço (de escala). Tive um problema de saúde durante o curso que dificultou a absorção do remédio (anticoncepcional), na escola senti uma certa resistência e desconfiança pela minha gravidez ao descobrir a gravidez ainda durante o curso na escola (EsFCEx). Tomava a pílula direto para não menstruar então só percebi a gravidez com três meses. Demorei duas semanas para contar para eles, eu precisava assimilar minhas questões, principalmente quanto ao curso. Procurei a legislação que dizia que o problema da gravidez era incapacitar para atividades. Naquele momento eu já tinha feito tudo (em relação as atividades físicas)³⁶, inclusive o TAF era final de setembro quando descobri a gravidez. Comuniquei a minha comandante de pelotão, era uma mulher, primeira mulher comandante de pelotão QCO, também. A comandante de companhia também era uma mulher capitão, (interessante que para esta militar, não causou estranheza, talvez pela presença feminina estar em constante assimilação pelas gerações mais novas)³⁷. A comandante de pelotão, militar padrão, foi muito humana, era uma mulher acho que facilitou o entendimento, foi fundamental, porque vieram matando.....ameaçaram me tirar do curso, disseram que não poderia de jeito nenhum me tiraram de várias atividades físicas, mesmo com laudo médico dizendo que estava tudo certo, recomendação de fazer exercícios. Tudo teve que ser uma luta, não me deixaram entrar em forma na Formatura do Curso, somente para a saída dos portões³⁸ (Entrevistada 5).

A pesquisadora recordou que em sua turma muitas mulheres deixaram de menstruar por estarem em situação de estresse, uma inclusive teve uma gravidez psicológica, então pela mudança em alimentação e rotinas de exercícios o corpo tem resposta diferenciadas.

Este relato evidencia o desconhecimento e falta de preparo e conhecimento da legislação que ampara a mulher no caso apresentado, que algumas vezes fica dependente da interpretação de seus superiores. O que em uma instituição baseada na hierarquia e disciplina, deixa o subordinado exposto para sofrer pressões psicológicas desnecessárias.

³⁶ O curso de Formação de Oficiais do QCO é composto por trinta e duas semanas, no primeiro semestre de março a junho são realizadas instruções de componentes atinentes a formação militar, ou seja, ordem unida, tiro e termina com o acampamento. Esta é a parte do curso que exige resistência física.

³⁷ A pesquisadora por ser da quinta turma com mulheres, não conhecia até esta entrevista mulheres comandantes de Companhia, estruturação conforme anexo.

³⁸ Em cursos militares, há o ritual de entrada no portão ao início do curso e de saída ao final.

Nos Colégios militares por possuírem um contingente maior de mulheres foi percebido que a assimilação da gravidez é mais fácil.

Eu achei que poderia ser um problema, me ofereceram direitos que eu nem sabia que tinha, vai fazer TFM, a caminhada é importante para a gravidez, como se fosse normal mesmo, e é. O assessoramento da seção jurídica, foi importante embora ele estivesse defendendo a posição do comando, foi bem justo (entrevistada 5).

Neste depoimento é possível perceber as atuais mudanças na sociedade em relação ao cuidado e acolhimento de uma gestante.

2.2.2 – Vida Familiar

As integrantes que são esposas de militares, ao serem perguntadas sobre a escolha por ingressar no Exército, salientaram que procuravam por uma carreira no serviço público, preferencialmente federal para não terem interrupção quando os maridos e conseqüentemente a família fosse transferida.

Então meu pai é militar, em 1992 quando eu tava me formando, ele falou agora pode mulher. Mas minha experiência como filha de militar era ruim, ele mudou muito, eu perdi as referências, não queira isso para minha vida, não era uma opção de vida. Comecei a namorar meu marido que é militar, pensei tenho que definir minha vida, afinal quando ele foi transferido eu perdi o emprego. Ele foi para Salvador então conheci a EsAEx³⁹ e algumas e alguns militares QCO lá, morávamos na mesma vila (Entrevistada 6).

A pesquisadora é sobrinha de militar e já ouviu comentários que esta condição poderia tê-la feito pensar em não ingressar no EB, a entrevistada 6, havia tomado esta decisão, porém a preocupação em manter sua família unida e conciliar vida familiar, pessoal e profissional a levaram à procura de um concurso público e acreditou que o EB poderia facilitar esta manutenção da família.

Sou do interior, não sabia a diferença entre policial militar, exército...Meu objetivo era ser professora de carreira universitária aí...por isto fiz meu mestrado até que conheci meu marido, ele é militar, aí comecei a ver como era

³⁹ Criada em 1988, a EsAEx teve a denominação alterada em 2010 para Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEX) e em 2021 a EsFCEX e Escola de Saúde do Exército (EsSEX) foram transformadas em Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército (ESFCEx), nas instalações da antiga EsAEx.

o mundo do exército, a tal da família militar... ele falava muito do colégio militar, um dia quis conhecer, eu fiquei encantada pela disciplina e nível dos alunos, minha mãe é professora ela vem com uma carga de stress da sala de aula. Por isso nunca quis ser professora de ensino médio ou fundamental, não queria estar neste ambiente. Ficou a curiosidade como seria trabalhar no colégio militar, só que há muitos anos não havia concurso, um tempo enorme sem concurso, continuei meu plano A, fazer mestrado doutorado e carreira universitária. O objetivo era passar para uma universidade federal e acompanhar meu marido... até que saiu o concurso para professora de inglês no QCO (Entrevistada 3).

Estas duas entrevistadas têm em relação a data de ingresso no EB mais de vinte anos, porém percebe-se a preocupação da mulher em manter a unidade da família e embora não explicitado muitas vezes acreditar que sua carreira é a segunda fonte de renda, mesma que seja a mesma do marido e ao optarem pela carreira militar pensaram sobre o fato de seus maridos serem constantemente transferidos e como isso afetaria suas vidas profissionais. Nesta linha há mais uma entrevistada que por ser filha de militar, casou-se com um militar e “eu estava morando lá na caixa prego, pensando o que vou fazer, aí soube do concurso na minha área fiz passei ao chegar lá (na EsAEx) fiquei sabendo que tinha cursos preparatórios e outras coisas mais, eu só queria aliar minha vida pessoal e profissional” (Entrevistada 7).

Esta é uma construção social que relega a mulher o papel de coadjuvante no sustento da família, ao transcrever estas entrevistas a pesquisadora se recorda que seu marido mudou de cidade e abandonou emprego, família e amigos para acompanhá-la na época, final do século XX. Por diversas vezes sua família foi perguntada sobre esta situação e embora não tenham emitido verbalmente alguns eram da teoria que seu marido fosse se “encostar” na mulher. Interessante que não há questionamento sobre uma mulher que para de trabalhar economicamente, afinal o trabalho doméstico embora não reconhecido é importante na manutenção social, e é sustentada pelo marido, porém caso haja necessidade de a mulher ser a provedora isto ainda causa estranheza, principalmente em famílias de classe média onde os dois possuem escolaridades semelhantes.

Sou filha de militar, porém meu pai sempre teve ideias igualitárias, então lá em casa as tarefas sempre foram divididas, mas paguei a língua ao ingressar no exército, pois aquela vida de me mudar não me agradava, porém me casei com um militar” (Entrevistada 6).

Em relação a família de origem, ou seja, pais, mães, irmãos; as militares relataram um certo receio e desconhecimento da atividade que elas iriam desenvolver com um misto de admiração pela escolha da carreira militar, mesmo as que tinham parentes militares

principalmente no início do ingresso da mulher quando as atividades que elas iam desenvolver ainda eram pouco conhecidas.

2.2.3 – Carreira Militar

Nos anos de 1990, a rede mundial de computadores ainda não era realidade; os concursos, de modo geral, eram divulgados por jornais especializados ou editais distribuídos em locais considerados estratégicos, então as integrantes das primeiras turmas, assim como a pesquisadora em sua maioria possuíam contato prévio com a instituição, como nos relatou a entrevistada 1, que antes de ser militar era professora do CEP.

A carreira militar foi percebida como uma possibilidade de ter o esforço e formação reconhecidos, afinal sete das entrevistadas são da carreira de magistério⁴⁰ que no EB apresenta rendimentos semelhantes à da carreira de professor universitário, além de alunos mais respeitosos com os professores. Apesar das mudanças do mundo os cuidados com a casa e com a família são ainda considerados atividades femininas; estas diferenciações favorecem a ocorrência de discriminação em relação às mulheres. Por isso embora o QCO englobe diversas carreiras há indícios da predominância de mulheres no magistério e ao procurar possíveis entrevistadas, esta observação foi constatada pois 55% das militares são do magistério ao se incluir na contagem as integrantes que preferiram não participar, contando somente as participantes este percentual sobe para 70%.

O QCO também engloba outras formações, sempre de apoio a atividade fim do EB, porém só após ingressar as militares percebem a diferença no tratamento dado ao quadro.

Só fui descobrir que o QCO era uma atividade meio ao chegar na minha primeira OM, porém esta era uma escola de alto nível, ECEME, e lá os alunos eram oficiais superiores, as e os tenentes eram QCO ou temporários, só havia um tenente de AMAN então entrava no bolo. Lá também percebi que havia missões de mulheres, recepção, decoração e outras tarefas consideradas femininas. No meu segundo ano organizei os brindes que a unidade tinha ganho eu e uma dentista temporária. Acham que são estigmas; recepção, cuidar do filho dos outros. Aí eu percebi que militar ganha pelo que é (sua patente) e não pelo que faz, acho isso muito profundo. Como éramos poucas,

⁴⁰ As profissões que envolvem o cuidar são em sua maioria, mas percebidas como do âmbito feminino, exceto a medicina.

já desempenhei diversas funções que não tem relação com minha profissão, a profissão para a qual eu prestei concurso (Entrevistada 6).

Esta militar é da área de Tecnologia da Informação, a pesquisadora por ser Relações Públicas sempre trabalhou em uma área considerada acessória “perfumaria”. Então era quase inerente a sua função arrumar o espaço físico, receber pessoas, entre outras coisas. Durante muito tempo a pesquisadora foi a única mulher militar no CMSE, então não havia a percepção destas segundas missões recebidas por mulheres.

Sou **de uma carreira (grifo nosso)** muito técnica então acho que isto dificulta estes desvios de função, porém algumas atividades eu gostava, como festas. Não que me aborrecesse, eu aprendi no início da carreira a colocar limites. Até hoje entra um soldado e pede permissão ao homem, independente da antiguidade, ainda tem o estigma da mulher novinha, não pode assumir uma posição de chefia e comando.

A mulher temporária tenente é muito bem aceita, a coronel que fala de igual para igual.....ainda sofre resistências (Entrevistada 6).

A cultura organizacional não prevê todas as atividades meio, como as atividades desenvolvidas na área de Comunicação Social onde a pesquisadora atua e que entrevistas com outras militares a área corroboraram para a percepção. “Ainda é muito empírico, eu acho, eu conheço” (Entrevistada 7) afirmativas vindas de chefes com formação na área militar bélica e que acreditam não necessitarem de assessoramento de QCO. Possivelmente as áreas de ciências sociais aplicadas com exceção da área jurídica sofram mais esta inferência das chefias.

Sendo filha de militar e tendo um irmão, era imaginado que seu irmão ingressasse na carreira militar, porém como para a família da pesquisadora esta família também teve que se contentar com uma filha e não um filho militar. A entrevistada e a pesquisadora comentaram isto rindo do quanto esta afirmação ainda se faz presente no imaginário.

As entrevistadas, assim como a pesquisadora, integram o quadro complementar de oficiais, afinal este foi o caminho pelo qual o EB resolver começar o ingresso da mulher. As militares ressaltaram algumas percepções sobre o quadro, embora ele não faça distinção entre suas e seus integrantes.

Atualmente para ter a validação e o acréscimo da formação, além da exigida para ingresso as e os militares necessitam de uma autorização prévia para cursos de especialização, porém algumas entrevistadas pretendiam seguir o magistério de nível superior, então já haviam

cursado mestrado e embora a instituição valha deste conhecimento ao aferir seu quadro técnico elas não têm a devida remuneração.

Percebeu-se durante as entrevistas que as militares têm ciência das peculiaridades de seu quadro em relação a outras, porém ressentem-se de o EB não ter uma completa definição de um plano de carreira para o QCO. Além de ser o único quadro em que não há afastamento do trabalho para estudo previsto no plano de carreira.

Estas constatações apresentam indícios de um tratamento diferenciado e muitas vezes com ideias pré-concebidas para militares do QCO e podem num futuro próximo levá-los a procurar outros concursos ou novos empregos.

Outra constatação foi a postura de alguns militares ao terem contato com militares mulheres, nota-se pelas colocações que muitas vezes o assédio ou alguma ideia pré-concebida pelo fato de serem mulheres passa despercebido.

Nunca percebi ser discriminada por ser mulher militar, os alunos iam aprender um idioma, demorei para me dar conta até que uma militar mais antiga falou – eles tratam a gente bem porque tem interesse em aprender o máximo possível, estão num momento que precisam muito da gente, uma relação de dependência, fiquei mais atenta e percebi que após seguirem para a missão muitos perdiam **propositalmente (grifo nosso)** o contato (Entrevistada 9).

Após alguns anos trabalhando no ensino de idiomas⁴¹ esta militar foi trabalhar em uma diretoria e lá há militares homens da LMB mais modernos, porém com o mesmo posto que ela e que ao entrar em forma não respeitavam sua antiguidade⁴². De forma geral os militares, independente do posto, sempre se dirigem ao militar homem para pedir permissão. A pesquisadora lembra e comenta com a entrevistada que embora fosse a capitão mais antiga do quartel que ela trabalhava sempre que estava na sala com outros capitães era a eles que os mais modernos pediam permissão⁴³.

⁴¹ A aprendizagem e o ensino de idiomas são considerados atividade femininas, segundo Schwartz.

⁴² Entrar é a prática de estarem todos os militares perfilados para uma solenidade ou reunião.

⁴³ Antes de ingressar num ambiente o militar sendo mais moderno, de menor patente, que as /os militares que lá estão precisam solicitar permissão para ingressar

Outra militar entrevistada servia em uma escola de formação tendo alunos com diferença de idade de aproximadamente dez anos a menos que ela, afinal ela já era uma profissional formada e eles ainda estudantes. Em uma ocasião em um evento social fora do estabelecimento de ensino ela recebe um bilhete do garçom que ao ser perguntado quem enviou aponta um dos seus alunos. Ressentida ela comenta com seu chefe que também estava no evento social e este orgulhoso do aluno, diz que ele é muito corajoso de se declarar para a professora. Esta militar não havia dado espaço aos seus alunos para estas atitudes, porém a sociedade naturaliza atitudes “conquistadoras” de homens.

2.2.4 Missão de paz

O Brasil é um dos signatários da ONU, então participa ativamente das missões de paz com mulheres e homens militares.

A participação efetiva de mulheres nas missões de paz das Nações Unidas é essencial para a prevenção de conflitos e a consolidação da paz. Elas têm capacidades e habilidades específicas que favorecem a promoção de direitos humanos, a proteção a civis e maior acesso às comunidades o que contribuem significativamente para a paz e a segurança. Por isso, é preciso intensificar os esforços para assegurar maior participação e representação das mulheres no âmbito das missões e processos de paz no mundo (Ministério da Defesa, on line)

Esta declaração de Silvia Rucks, Coordenadora Residente da Organização das Nações Unidas no Brasil, demonstra a preocupação da ONU com a necessária participação feminina em missão de paz.

A minha participação na UNITAMS foi realmente muito marcante, tanto para a minha vida pessoal quanto para a minha vida profissional, porque eu fui preparada, fui para participar de um processo de paz e acabei saindo de lá no meio de um conflito. Não é o que a gente espera, mas pode e aconteceu nesse caso. Eu ter saído do Brasil treinada foi fundamental para a minha permanência lá, principalmente no momento de crise em que a gente precisou gerenciar e aguentar toda a situação de insegurança que a gente vivenciou, de restrição de controle de alimentação, de água, enfim, combustível para geradoras, a gente estava sem luz e, obviamente, sem saber o que iria acontecer. A gente sai muito bem-preparado aqui do Brasil e consegue colocar na prática, no terreno, aquilo que se espera (Major Gabriela, Ministério da Defesa, on line).

Participar de uma missão de manutenção da paz dá a correta dimensão que o preparo é fundamental para o enfrentamento de eventos adversos e inesperados. A ONU atualmente

orienta que 15% do efetivo seja de mulheres e comprovadamente percebeu a figura da mulher militar como um facilitador nas negociações e entendimentos com mulheres e crianças locais.

Segundo a ONU, Márcia Braga foi “uma força motriz por trás do envolvimento da liderança da missão com mulheres líderes locais, assegurando que a voz de mulheres centro-africanas seja ouvida no processo de paz em curso” (Superior Tribunal Militar, 2020, p.13).

Atualmente fruto desta bem-sucedidas experiências o Brasil prepara para missões de paz de forma contínua no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), e Centro de Operações de Paz de Caráter Naval (COPazNav), que são escolas consideradas de excelência na preparação de militares, policiais e civis do Brasil e de outras nacionalidades.

Nesta tese duas militares que estiveram em missão paz, comprovaram em seus depoimentos as ideias propagadas pela ONU em relação a diversidade em missão de Paz.

Na primeira parte do segundo capítulo ressalta-se a participação feminina na Força Terrestre e nas convergências e divergências em suas experiências procurar indícios da inserção feminina e possibilidades para os próximos anos.

No próximo tópico deste capítulo a reflexão será sobre o olhar deles para a participação delas na Força Terrestre, a entrevista com Jorge e Guilherme, dois homens que acompanham de perto as atividades profissionais da autora e são de gerações diferentes, busca evidenciar a perspectiva e as vivências do outro sobre a mulher no espaço público. Com esta escuta corrobora-se com o objeto desta tese que contextualiza a inserção da mulher no mercado de trabalho produtivo e em especial no Exército Brasileiro a partir da segunda metade do século XX. A História Oral é baseada na narrativa da cidadã e do cidadão comum e ressalta um período da História.

2.3 – Vozes Masculinas

Nas narrativas dos comuns pode-se analisar a maneira como elas são percebidas pelas pessoas que as rodeiam esta percepção leva a escolhas diferentes na jornada profissional, desta forma a metodologia da História Oral possibilita coletar relatos que permitam a construção de

um momento histórico, no capítulo anterior as entrevistas com mulheres do QCO permitiram a reflexão sobre as vivências profissionais delas desde a motivação para ingresso até as atividades desenvolvidas nos anos de EB.

A problematização dos impactos e a visão que homens no entorno da pesquisadora tem destas experiências para suas próprias vidas, de sua família e das militares que conhecem. Os entrevistados são pai e filho por isto estão identificados pelos seus nomes e não pelos sobrenomes, afinal estes são coincidentes, além disso não foi utilizado questionário de perguntas pois os dois conheciam previamente o objeto desta tese. Dinâmicas familiares possuem características particulares, porém expressam e expõem costumes de uma determinada época.

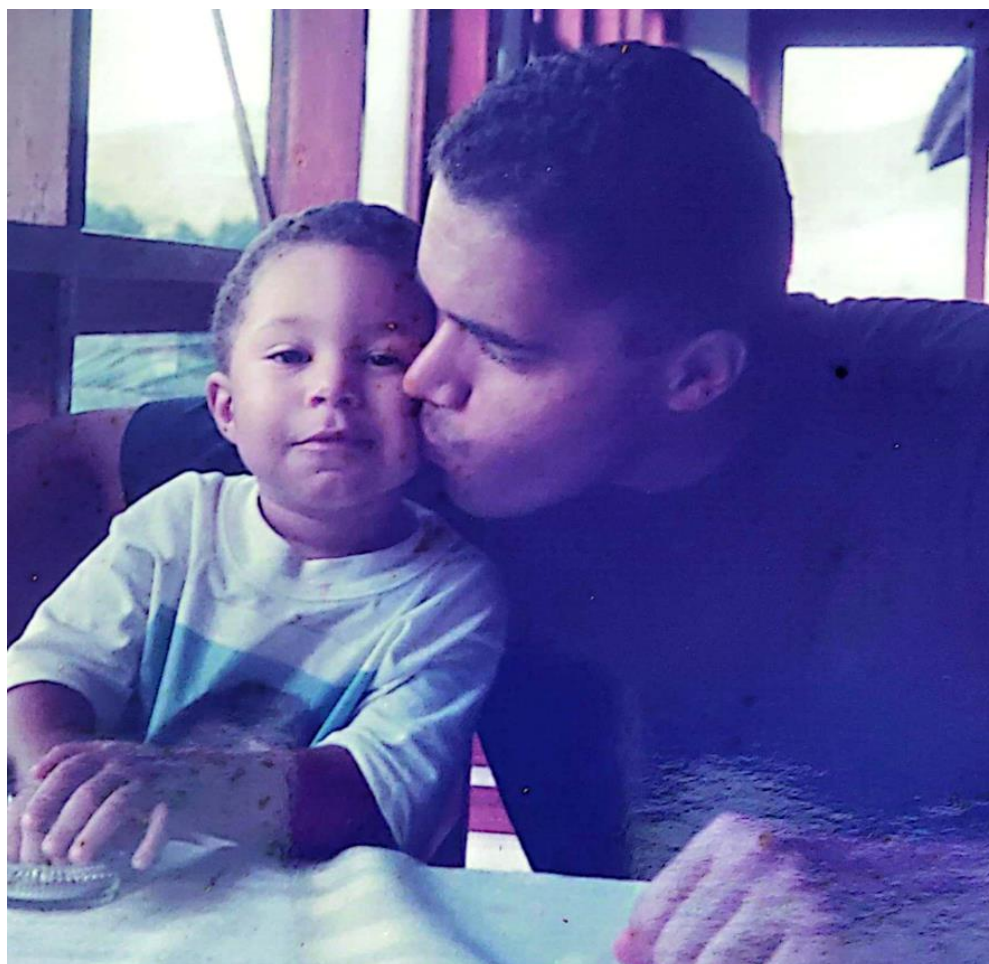


Figura 17: Jorge e Guilherme ano de 1999.

Fonte: Arquivo pessoal

Embora não seja o objeto da tese, acredita-se relevante esta escuta para compreender o contexto do ingresso da mulher na FT e as tensões que podem surgir diante das diversidades entre homens e mulheres nas relações familiares.

Como é a experiência de Jorge? Como ele encarou este novo desafio? O estranhamento de um homem casar-se com a namorada e acompanhá-la na sua nova cidade de trabalho. No final do ano de 1996 como foi para ele deixar emprego, família e amigos, o que teria ouvido de amigos e conhecidos?

Jorge Luiz de Paula Baptista relata que conhece a pesquisadora desde a adolescência e que acompanhou diversas mudanças como a chegada à cidade de São Paulo, a maternidade e a troca da vida civil para o trabalho no EB, segundo ele uma instituição hierarquizada e pública. “A questão da perenidade, era um fator importante resolvia o problema da carreira dela, porém a vivência no dia a dia não é bem assim a cada dois anos troca o chefe”. (Jorge, 2024).

Assim que chegou a São Paulo a pesquisadora soube que estava grávida, então além da adaptação a nova rotina a vida do casal foi impactada. “Quanto a maternidade a troca de cidade fez com que não houvesse uma rede de apoio. Precisávamos os dois trabalhar, afinal São Paulo é uma cidade com alto custo de vida.” (Jorge, 2024).

O entrevistado ressalta o caráter machista da instituição, porém ao seu ver a pesquisadora com sua resiliência conseguiu se integrar e aculturar, embora fosse mãe e mulher.

Atualmente, a ideia de ter uma mulher militar causa menos estranheza, porém vê-la passar no concurso foi uma felicidade eu sabia da determinação dela, era algo que naquele momento ela queria...No dia a dia acho que ainda existe um pouco de impacto, os horários sempre foram irregulares e difíceis de conciliar com a maternidade. A questão do serviço, sair de casa de madrugada para o que eles chamam de “missão” era muito recorrente. Teve situações que não sei como ela contornou (Jorge, 2024).

O fato de não poder errar ou poder ser preso caso cometa um deslize, também foi levantado pelo entrevistado; afinal para ele a vida no EB não permite um “divórcio” do trabalho. “O que dificulta muito e faz com que seja necessário saber o que quer da vida” (JORGE, 2024). Além disso ele pontua a hierarquia que leva muitas vezes a ter que cumprir uma determinação

mesmo discordando, interessante um familiar perceber quanto é necessário o comprometimento e desprendimento.

Outro aspecto interessante levantado é o fato de o estereótipo do militar é diferente da forma como o entrevistado percebe a pesquisadora.

Nunca criticaram, quem a conhece sabe que é uma pessoa educada, singela, fala e interage bastante. Para quem não conhecia ela, eu falava é oficial do exército, mas em casa é soldado (risos), quem a conhece e não sabia ao descobrir se espantava, mas o exército é mais que só guerra, cerimonial, rituais, ela se adequou bem a estas atividades (Jorge, 2024).

Nesta fala embora sem perceber o entrevistado ratifica o papel da mulher em atividades de apoio, embora nas atividades diárias e no relacionamento com a pesquisadora não haja desta forma, percebe-se as permanências nas representações sociais.

Em uma ocasião, estavam a pesquisadora e o entrevistado conversando com um amigo e ele comenta que muitas vezes a pesquisadora quando fardada parece mais alta do que de roupa civil e talvez isto faça com que algumas pessoas não a reconheçam, embora a pesquisadora trabalhe de coturno.

Guilherme Duarte Baptista, sempre teve uma mãe militar, morou alguns anos em PNR e por diversas vezes viu sua mãe ausentar-se por dias sem ao menos poder entrar em contato por telefone. Como reagia ao estranhamento dos amigos e desconhecidos ao saberem da profissão de sua mãe. Qual será a percepção dele?

Ao entrevistar Guilherme a pesquisadora percebeu que a forma como ela tratou sua profissão e sua família fizeram com que seu filho compreendesse sua profissão com tranquilidade e assimilação.

Eu demorei um pouco para entender o que é ter uma mãe militar...isso vem da forma como vocês me criaram, você pode encarar isso de duas formas, (pai e mãe) levaram isso de uma forma tranquila, lembro que quando eu tinha um RG militar⁴⁴ e você falava não sai com ele na rua e eu não entendia direito as

⁴⁴ Filhos do sexo masculino deixam de ser dependentes aos 21 ou 24 anos se estão estudando e aí não podem mais utilizar o RG militar, quando criança havia a preocupação com a segurança, dependendo do lugar em que se ia).

colocações, por exemplo sobre roupas, as vezes tem que ir com uma roupa assim, ir com a roupa certa⁴⁵ (Guilherme, 2024).

A pesquisadora acredita que esta parte da vestimenta ele tenha percebido quando passou a ser adolescente e precisava estar trajado de forma a poder entrar em uma unidade do exército, afinal criança pode estar de short.

Guilherme narra que sempre participou do dia a dia da pesquisadora, visitando seu local de trabalho e convivendo com os militares que trabalhavam na mesma seção. A pesquisadora relembra que o primeiro chefe não permitia a ida de seu filho, porém foi um caso isolado e pela pouca idade Guilherme não se recorda desta época.

Quando eu comecei a entender, já tinha maturidade para lidar... a forma como meus amigos levavam era muito tranquila. Você sempre muito comunicativa, era amiga das mães dos meus amigos, era próxima dos meus amigos mesmos de conversar de encontrar, você conseguia lidar bem também, para que não ficasse estranho, meus amigos não tinham medo de você. Você aparecia às vezes fardada, claro tinha uma certa imposição, mas depois de conversar, eles entendiam que era seu trabalho que você era uma pessoa como qualquer outra., tem muito do seu jogo de cintura e habilidade social, se fosse uma pessoa truculenta, risos, teria sido muito pior. (Guilherme, 2024).

Na primeira vez que alguns amigos viam a pesquisadora faziam uma expressão de surpresa que logo passava ao conhecer um pouco melhor. Guilherme acredita que esta convivência sem contratempos com pais e mães de amigos vem da habilidade de relacionamento de sua mãe.

“Quando eu era pequeno, eu comentava com muito orgulho, você trabalhava bastante.” (Guilherme, 2024). Nesta época a pesquisadora participou de vários exercícios militares ficando por diversas vezes mais de uma semana sem ir em casa. Interessante que seu filho assimilou isto de forma positiva e orgulhosa. Quando criança ele nunca pensou que na maior parte das vezes os pais eram os militares. “Quando eu percebi isso eu já estava na faculdade e tínhamos discussões sobre a mulher na sociedade, sobre carreiras masculinas, sobre o lugar que as mulheres ocupam” (Guilherme, 2024).

⁴⁵ Em Organizações militares não é permitido entrar com shorts, bermudas e camisetas.

Como esta tese problematiza a representação da mulher na sociedade, cabe lembrar que talvez fosse produtivo que as crianças desde o começo de sua vida escolar discutissem o papel social de mulheres e de homens. Guilherme tem menos de trinta anos e só lembra destas discussões na faculdade e ressalta-se que ele é advogado, então profissionalmente tem como um dos encargos discutir papéis sociais. A pesquisadora surpreende-se com a colocação dele a respeito da discussão das atividades femininas na faculdade, e que esta era considerada uma carreira masculina.

Isso eu só fui entender muito mais velho e aí fiquei orgulhoso, percebi que realmente você estava ocupando um espaço difícil, acho que por você ser mulher traz ideias novas. Tem que ter esta união de pessoas diferentes de vários lugares do país ... Acho que esta mistura só agrega para o dia a dia, para o trabalho de vocês e para instituição (Guilherme, 2024).

Ele explica que na faculdade além da discussão sobre as profissões ditas femininas e masculinas, eles contextualizam o atendimento à mulher quando há crimes como estupro entre outros. A revitimização, quando há um mal atendimento por ser mulher.

Eu tive uma quebra, quando eu entendi que você era militar... era uma profissão diferente eu devia ter uns quinze anos...eu tive uma primeira quebra e a segunda quando eu percebi que eu tinha uma mãe e não um pai, isso eu era mais velho lá por uns dezoito anos eu passei a entender um pouco o que você significava, respeitar mais a sua autoridade a sua pessoa, você ser uma minoria, a importância que isso tem (Guilherme, 2024).

Ao perceber as quebras de paradigma de ser uma mulher militar ainda no século XX, Guilherme começa a ter mais empatia pelas conquistas e dificuldades enfrentadas quando ele era criança e sua mãe estava no início de carreira, afinal ela ingressou no Exército em 1996 há vinte e oito anos.

Pode-se também ressaltar o quão usual era para uma criança e posteriormente adolescente ter uma mãe trabalhando fora e numa profissão dita de homens. Este seria um assunto interessante para futuras pesquisas, porém não é o objeto desta tese.

A normalidade com a qual Guilherme lidou com os desafios profissionais de sua mãe foi uma surpresa para a pesquisadora, pois ela nunca havia perguntado o que ele achava de sua profissão e desde a primeira vez que foi convidado a participar mostrou interesse em contar sua experiência e vivência.

A entrevista de Jorge e Guilherme foram as duas últimas entrevistas feitas pela pesquisadora e os depoimentos trouxeram a percepção de dois homens que de forma distinta convivem com ela e com a instituição, pois a família de um militar também integra a dita “família militar”⁴⁶.

As entrevistas trazem as impressões dos dois, mas a pesquisadora recorda-se de algumas vivências quando levava Guilherme a escola fardada e todos olhavam com espanto ou quando ela e Jorge iam a algum lugar e todos pensavam que ele era o militar, num destes episódios foi numa viagem à Salvador e no Hotel de Trânsito da Marinha, durante todo o período os militares que lá trabalhavam não cumprimentavam ou respondiam aos cumprimentos dela, porém prestavam continência ao Jorge, pois acreditavam ser ele o militar. Importante lembrar que eram jovens com aproximadamente vinte anos e já no século XXI, mas os valores culturais de (in) visibilidade feminina permaneciam na cultura deles. No último dia ao pedir a conta e eles perceberam que era a mulher a militar, ficaram sem graça e esboçaram estranhamento. Fato semelhante aconteceu no mês de fevereiro passado quando durante uma consulta a nutricionista perguntou a pesquisadora se ela era dependente ao preencher a ficha médica. Na maior cidade da América do Sul e a profissão militar é considerada algo incomum para mulheres. A nutricionista nunca tinha visto uma mulher tenente-coronel.

Constatações como estas, motivam a tese que difundi e problematiza a inserção da mulher no exército.

2.4 – Imagens veiculadas pelo Exército Brasileiro sobre as militares

A análise dos ângulos, iluminação, corte das fotos e imagens de mídias sociais, bem como as escolhas feitas para um veículo, realçam como as imagens representam um período, sendo um documento da história

Consideramos que o estudo sobre a iconografia é também atividade de pesquisa. E temos como foco pensar na relevância da imagem como documento histórico e na necessidade de se romper a tendência geral de se priorizar mais a fonte escrita do que qualquer outra, o que torna a fotografia,

⁴⁶ são um termo nativo que se refere a uma autorrepresentação da instituição militar e de seus membros, incluindo-se aí cônjuges e filhos de militares. (Da Silva, 2013, on line).

pintura e tantos outros documentos iconográficos como meros objetos auxiliares de compreensão de um texto ... Através do estudo com imagens, percebemos a construção da memória histórica e a passagem de diversos tipos de ideologias e pensamentos recorrentes em diferentes épocas (Leão, Rodrigues, 2013, p.1 e 3).

As publicações apresentadas neste tópico salientam a participação feminina, não há a pretensão de analisar todas, porém, exemplificar algumas com a proposição de ressaltar a mudança na temática do trabalho feminino e na representação da militar. Ainda segundo Schwartz (2023, p.13) “A percepção visual” é uma ação recebida de forma diferente em cada sujeito, os componentes de uma imagem (objetos, forma, cores), são interpretados de acordo com a sua formação intelectual, profissional, faixa etária, sexo, ideologia).

O processo de produção destes conteúdos veiculados partiu de registro iconográfico, passou por uma escolha de quais imagens utilizar e na forma que foram publicadas seja numa revista escrita ou numa mídia social, todas estas ações ressaltam características do tempo em que foram produzidas e veiculadas.

Durante estes trinta anos a narrativa a respeito da mulher como parte integrante do EB, sofreu mudanças na forma de apresentação, como também mudaram os trabalhos e missões designado às mulheres neste período, este capítulo é dedicado a apresentar alguns fragmentos destas publicações.

Como esta tese problematiza a inserção da mulher no EB reproduzir algumas destas publicações pode auxiliar o entendimento desta proposição.

Ao apresentar imagens da Revista Verde Oliva publicação do EB.

Criada em 23 de maio de 1973, na forma de tabloide, com o nome de “O Verde-Oliva” e era editada pelo Centro de Relações Públicas do Exército. A partir de 1976, competiu à Assessoria de Relações Públicas, precursora do CCOMSEx, a responsabilidade de publicar e divulgar o informativo (Exército Brasileiro, on-line).

Nesta revista as integrantes são retratadas ao longo dos anos, as edições da revista encontram-se na rede mundial de computadores, permitindo fácil acesso a outros pesquisadores.

A primeira capa de 1992, ano do ingresso das mulheres no QCO mostra um perfil de perto de modo a ressaltar a feminilidade e delicadeza, nota-se que nesta imagem a militar não está desenvolvendo nenhuma atividade, apenas se faz presente. Parafraseando Harry Pross ao dizer que a comunicação começa no corpo e na imagem representada. Uma representação que aparenta ocupar um lugar ao qual não pertence.

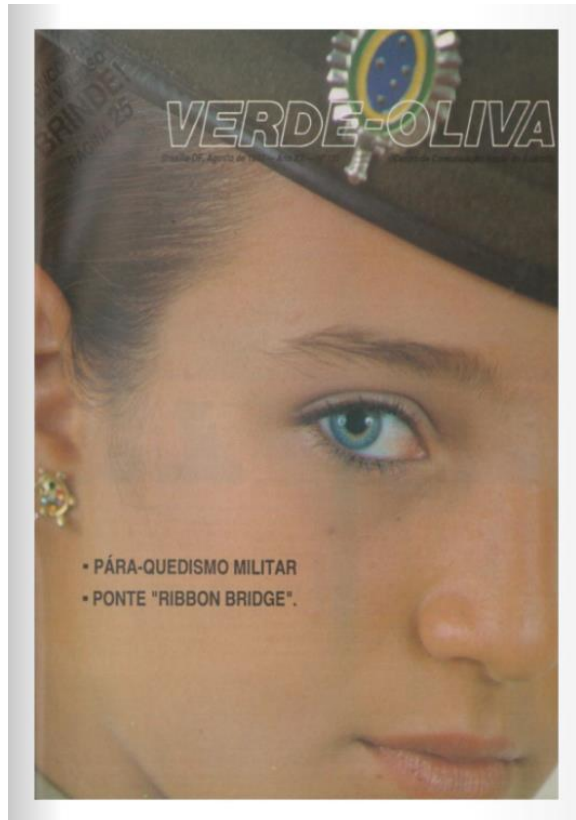


Figura 18:: Capa da Revista Verde-Oliva Ano XX N° 133 Ago 1992 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206ae5c051041a5>

Ainda a matéria, que começa com a frase: “Demorou, mas chegou a vez...”.



Figura 19:: Página 14 da Revista Verde-Oliva Ano XX N° 133 Ago 1992 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206ae5c051041a5>

No ano seguinte, 1993, na pesquisa sobre a Imagem do Exército contida na mesma revista, a maioria, 58% dos que responderam, votaram pelo serviço militar para mulheres, desta forma, há a reflexão de que o ingresso da mulher no QCO não foi uma atitude pioneira ou isolada do EB, mas sim uma resposta a um desejo da população brasileira. Ressalta-se que das Forças Armadas, o Exército foi a última a permitir o ingresso da mulher.



Figura 20: Páginas 24 e 25 da Revista Verde-Oliva Ano XXI N° 136 Jun 1993 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206ae5c051041a5>

A primeira capa da Revista Verde Oliva do século XXI com mulheres, do ano de 2006, apresenta duas militares médicas temporárias com equipamento paraquedista, no seu interior há uma entrevista com elas, que foram as primeiras militares a concluírem o Curso Básico de Paraquedismo. Ressalta-se também o título da matéria e por ser um acontecimento pioneiro, abaixo algumas falas das entrevistadas.



Figura 21:: Capa da Revista Verde-Oliva Ano XXXII Nº 187 Jan/Fev/Mar de 2006 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206402bb5357736>

A MULHER VERDE-OLIVA NO CÉU DO BRASIL

Figura 22: Título da matéria de capa da Revista Verde-Oliva Ano XXXII Nº 187 Jan/Fev/Mar de 2006 - Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206402bb5357736>

Quando cheguei na Brigada de Infantaria Páraquedista, em março de 2004, não tinha idéia do que era o Curso Básico Pára-quedista. Nossos instrutores sempre perguntavam em forma (durante o Estágio de Adaptação e Serviço, realizado na Brigada) quem era voluntário a fazer o curso. Não tínhamos noção de como era o curso e que também não existiam mulheres militares pára-quedistas. A turma do Estágio era mista, então três mulheres sempre levantavam o braço (eu, Paula e Cristiane) e alguns homens também. Os instrutores e monitores riam e não entendíamos. Depois ficamos sabendo que não aceitavam mulheres e que havia sim certo preconceito ou quem sabe preocupação por parte deles de que as mulheres pudessem quebrar a mística

pára-queda. Eles estavam brincando com a gente quando faziam a pergunta e não imaginavam que uma mulher conseguisse superar todas as dificuldades. Isso serviu como um estímulo para mim, um desafio, principalmente por estar ali e não poder exercer a atividade aeroterrestre (Exército Brasileiro, 2006, p.44).

Este depoimento da Tenente Ivi, uma das duas primeiras paraquedistas militar, acrescenta a reflexão sobre as ações diárias na inclusão da mulher, nota-se que naquele ano já havia oficiais QCO há catorze anos e médicas há nove anos. Ressaltasse que é uma publicação oficial e a instituição em momento algum manifestou-se sobre o caráter discriminatório das ações dos instrutores, talvez nem tenham percebido a discriminação.

Sim, você me perguntou se havia algum curso do EB que eu gostaria de fazer e não pude. O curso da ECEME⁴⁷, como professora poderia ser diretora de um Colégio Militar. Sempre fui assessora e na minha turma não abriu a possibilidade de fazer o CGAEM⁴⁸ (Entrevistada 1).

A próxima publicação selecionada revista Verde-Oliva apresenta o ingresso da mulher na Linha Militar Bélica o texto ressalta o quão importante é para a sociedade o acesso da mulher a LMB. Após dez anos das primeiras paraquedistas e sem que o curso de paraquedismo para as mulheres fosse oferecido com periodicidade regular.

A mais recente legislação, que trata dos requisitos para o ingresso nos cursos de formação de militares de carreira, significou um importante momento não apenas para o EB, mas, sobretudo, para a sociedade brasileira, que contará com as mulheres exercendo mais um importante papel no desenvolvimento nacional (Exército Brasileiro, 2015, p.22).

⁴⁷ Curso de Comando e Estado Maior, permitido aos oficiais da Linha Militar Bélica (formados na AMAN) e aos oficiais médicos e médicas.

⁴⁸ Curso de Gestão e Assessoramento do Estado-Maior.



Figura 23: Revista Verde-Oliveira Ano XLII Nº 230 Edição Especial - Dez 2015 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF

Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/00123820652f95406b50f>

Nota-se que estas quatro publicações se referem a mulher no EB como conquista e feitos inéditos “Elas chegaram”, e não como partícipes da nação, afinal as mulheres são mais da metade da população e nestas publicações mais parece que ultrapassaram uma barreira.

Em 2010 o EB inicia a utilização das mídias sociais, no ano de 2023 presta uma homenagem a todas suas integrantes.

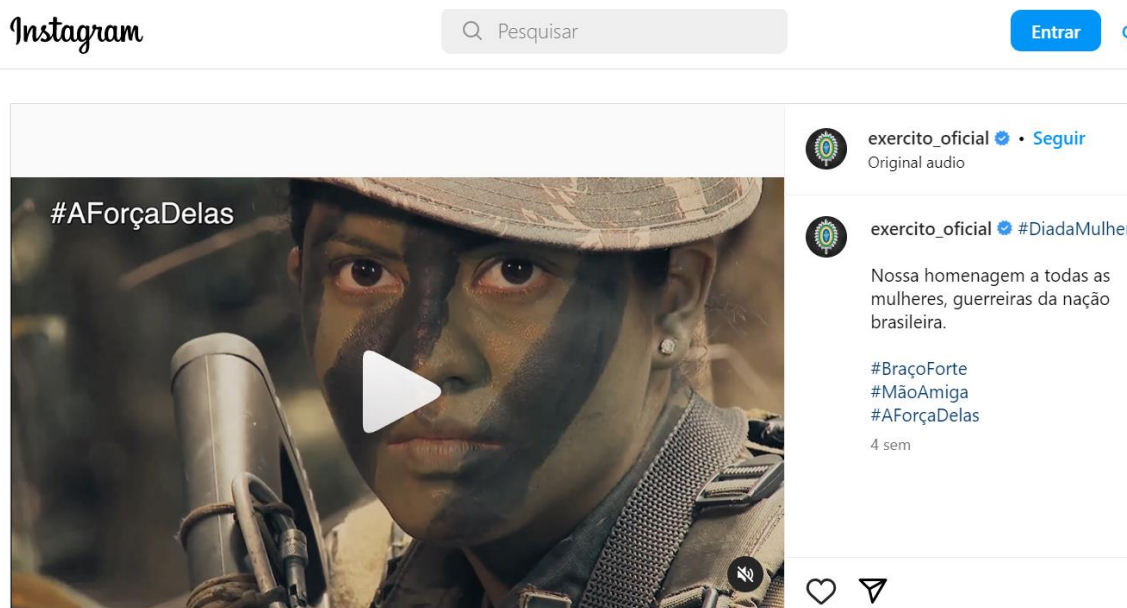


Figura 24: vídeo de 08 de março de 2023.

Fonte Instagram @exercitooficial
<https://www.instagram.com/reel/Cph32KwpKOd/?igshid=ZGY5ODdmOGM%3D>

No segundo capítulo as entrevistas evidenciaram as vivências das militares, bem como as da pesquisadora. O cruzamento destes relatos permitiu problematizar a perspectiva das mulheres em relação ao trabalho que desenvolvem no decorrer destes trinta anos em que integram de forma planejada o exército. Ainda, também baseado na História Oral traz a visão de Jorge e Guilherme sobre a experiência de conviver com uma militar e como observam e percebem o dia a dia do trabalho desenvolvido por ela. Apresentar algumas publicações do EB sobre as militares corroborou para esta visão dos outros a respeito do trabalho, conquistas e direitos delas.

Capítulo 3 O Exército e a Nação

**“Você tem que agir como se fosse possível
transformar radicalmente o mundo.
E você tem que fazer isso o tempo todo.”
Angela Davis**

No capítulo anterior foi possível por meio da História Oral a interlocução de militares mulheres que integram o QCO, além da entrevista com dois homens que convivem com a pesquisadora, a escuta atenta de suas experiências ajuda a traçar um panorama da influência do trabalho da mulher no EB em suas vidas e sua percepção sobre o tema. A apresentação de algumas publicações do EB trouxe uma imagem das modificações das representações ocorridas no período.

Neste capítulo será abordada a instituição Exército Brasileiro, sua formação, valores, deveres, ética e a sua influência no estabelecimento da Nação Brasileira, assim contextualizar a Instituição, facilita o entendimento. As fontes utilizadas foram os sites e publicações institucionais (sites, revista Verde-Oliva e ordem do dia de datas comemorativas), para desta forma através dos relatos procurar proximidade com a formação do ethos militar, e destacar nuances por meio da versão institucional que podem revelar indícios da assimilação da mulher na organização militar. Ao ler o texto percebe-se alguns hiatos, pois serão ressaltadas algumas épocas que tiveram participação militar nas áreas políticas e sociais; algumas partes da história não estão retratadas nesta tese, porém ressalta parte dos motivadores para algumas posturas da instituição.

A organização da vida em sociedade e a manutenção da coesão do grupo criou a necessidade de segurança, valores disseminados histórica e culturalmente, no princípio de forma rudimentar, como os primeiros homínídeos que buscavam defender suas cavernas e territórios de plantio, caça, pesca, passando pelo sentimento de nacionalidade, que ocorre independentemente de haver uma organização de segurança instituída.

Ao refletir sobre a formação da Nação sua Independência, a criação do Exército Brasileiro, seus diversos momentos de atuação, suas características permanentes, atributos, dogmas e sua constituição; objetiva-se ressaltar historicamente alguns fatos que contribuíram para sua formação e de seus integrantes, bem como sobre o imaginário⁴⁹ institucional.

⁴⁹ O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura (MORAES, 1997, on line).

3.1 A formação da nacionalidade e do Exército Brasileiro

A “descoberta”⁵⁰ do Brasil retrata a nova terra pelo mito fundador, como um paraíso, uma terra prometida e tendo um rei pela graça de Deus.

Esses três componentes aparecem, nos séculos XVI e XVII, sob a forma das operações divinas que, no mito fundador, respondem pelo Brasil: a obra de Deus, isto é a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história e a vontade de Deus, isto é, o Estado. (Chauí, 2001, p.58).

O período do Brasil Colonial é marcado por diversas lutas pelo território a Metrópole Portuguesa disputava com outras metrópoles europeias áreas nas terras recém-descobertas, não havia um exército instituído, mas sim composto por mercenários que se filiavam ao rei que melhor lhes pagasse. Porém numa destas disputas, a Batalha de Guararapes ocorrida em 19 de abril de 1648, começa a narrativa do “nascimento” do Exército Brasileiro. Este relato consta nos sites da instituição como a primeira vez que as “três raças” formadoras do povo brasileiro, juntaram-se por um ideal comum de liberdade, mantêm-se por mais de três séculos e tem grande influência na forma como a instituição se coloca na sociedade, enquanto possibilitadora de acesso, ascensão social, profissional e defensora das aspirações populares. A historiografia da Batalha de Guararapes, apresenta características de como os fatos podem ser utilizados para a criação do imaginário, em 1994, quando após o final do Regime Militar o EB perdia seu protagonismo no cenário político, o então Ministro do Exército, institui o Dia do Exército em 19 de abril, data da Primeira Batalha de Guararapes, a apropriação simbólica é assim descrita por Martinez.

Guararapes com a grandeza histórica devida. "Foi um conflito crucial em que houve intensa mobilização nos esforços militares, políticos e diplomáticos e grandes contingentes populacionais, com o deslocamento de suprimentos, armas, combatentes e equipamentos de diferentes localidades das possessões portuguesas na América", afirma.

"Este 'esforço de guerra' foi, posteriormente, apropriado pela política e pela memória histórica na criação de um imaginário de lutas e de unidade social pela liberdade e autonomia no Brasil, comumente denominado como 'revoltas nativistas' e 'sentimentos nativistas'", prossegue o historiador. "Daí a sua apropriação também pelo Exército em busca de afirmação da unidade do Estado nacional e da nação brasileira, principalmente, da centralidade social e política da corporação militar na história do Brasil."(BBC NEWS, on-line).

⁵⁰ O termo descobrimento para a chegada dos portugueses ao Brasil, está relacionado ao eurocentrismo e a percepção de uma cultura como superior a outra (neste caso acreditando ser a cultura eurocêntrica superior a cultura dos povos originários).

No século XVII não existe registros de uma organização militar institucional e institucionalizada⁵¹, então esta narrativa possui características ficcionais ressaltando, a proximidade da instituição com a população que este representa.

As lutas pela emancipação e as guerras no sul do país exigiram, desde os primórdios, que a força militar tivesse moral elevado e bom adestramento, e não havia melhor meio para isso do que apoiá-la na organização existente, emprestando-lhe a motivação patriótica que o ideal de liberdade e de unidade nacional despertava naquelas circunstâncias (Exército Brasileiro, on-line).

As Batalhas de Guararapes marcam o final da ocupação holandesa, porém esta ocupação necessita de outras análises: por um tempo o convívio entre os moradores de Pernambuco e os “invasores” foi pacífico, o príncipe holandês Maurício de Nassau teve importantes iniciativas nas áreas política e administrativa, além de melhorias na cidade de Recife e a vinda de naturalistas e artistas que possibilitaram um desenvolvimento cultural da região. Após o regresso de Nassau à Europa e a vontade de Portugal de reconquistar as terras é que ocorreram as batalhas de Guararapes, com circunstâncias propícias a derrota holandesa, como a crise na Companhia das Índias Ocidentais⁵².

... duas frentes de combate, muito distantes geograficamente, mas interligadas. ... Uma trégua estabelecida entre Portugal e Holanda, ... foi rompida por Nassau com a ocupação ... em Angola (1641). Foram tropas luso-brasileiras, sob o comando de Correa de Sá, as responsáveis pela retomada de Angola em 1648. ... João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros estiveram à frente da administração portuguesa naquela colônia africana (Fausto, 2019 p.78).

Com esta citação se percebe que as batalhas de Guararapes não são um episódio isolado das disputas territoriais das metrópoles e que nem todos os moradores locais eram contrários a invasão holandesa.

... Calabar ficou conhecido como o grande traidor na primeira fase da guerra. Mas ele não foi um caso único. Vários senhores de engenho e lavradores de cana, cristãos-novos, negros escravos, índios tapuias, mestiços pobres e miseráveis estiveram ao lado dos holandeses. (Fausto, 2019, p.78).

⁵¹ A Revolução Francesa inicia o que atualmente é conhecido como estado-nação e este tem uma estrutura política, judiciária, legislativa e de defesa constituída, então anteriormente os exércitos eram formados por mercenários contratados.

⁵² ela foi um instrumento da política exterior holandesa para conquistar colônias portuguesas e espanholas nas Américas e na África Ocidental.

Este episódio evidencia o poder da narrativa, onde a instituição coloca-se como defensora dos anseios e necessidades da população, porém nem sempre a Companhia das Índias Ocidentais foi um ambiente hostil para todos. O exército estava defendendo os interesses da metrópole portuguesa.

Somente após a Independência D Pedro I organiza uma instituição para o apoio necessário à manutenção do território, reforça e melhora a condição das tropas do Rio de Janeiro, então sede do Império, cria a Imperial Guarda de Honra, unidade de elite de cavalaria ligada diretamente ao imperador e que gozava de vários privilégios especiais, como por exemplo o de prestar honras militares⁵³ apenas ao imperador e à família imperial. Esta unidade militar existe até os dias atuais como Batalhão de Guarda Presidencial (BGP), agora sediado em Brasília. Pode-se, também, pensar a instituição Exército Brasileiro após a independência quando passa a existir a nação, pois a ideia de um exército nacional advém da Revolução Francesa, pois pela primeira vez o exército é composto por um povo que se vê como nação.

Instituições como o EB precisam sempre rememorar suas tradições para atualizar seu patrimônio imaterial, uma das formas de atualização é nas solenidades cívico-militares, onde alguns atributos militares são ressaltados, como na figura abaixo o desfile dos Dragões da Independência, com seus trajes históricos, no Dia do Exército. Segundo Roger Chartier (1990), as representações permitem avaliar a percepção que um indivíduo ou grupo constroem e propõem para si mesmos e para os outros. Estas representações buscam exprimir o mundo dito “ideal”, ainda mais quando rememoram feitos históricos.



⁵³ homenagens coletivas que se tributam aos militares das Forças Armadas, de acordo com sua hierarquia, e às altas autoridades civis (Exército Brasileiro, 2000, on line).

Figura 25:: Batalhão de Guarda Presidencial – com seu uniforme histórico

Fonte YouTube do Exército

<https://www.youtube.com/watch?v=5gZCXMqfeRQ>

O início do Brasil como nação e a consolidação da independência foi bastante conturbado com os conflitos a favor e contra, sendo os mais importantes no sul do país e na Bahia. Na província Cisplatina a luta foi uma herança de Portugal pois antes da Independência do Brasil, já havia a guerra pela independência uruguaia. Em 1825 uma rebelião proclamou a separação desta região do Brasil e a incorpora à Províncias Unidas do Rio da Prata, atual Argentina. Este fato gerou a Guerra entre o Brasil e Buenos Aires, que foi um desastre militar, até que a Inglaterra para não perder sua possibilidade de comércio na região mediu o cessar fogo do conflito; o que acarretou grandes prejuízos financeiros para as nações envolvidas.

Além do impacto financeiro foi necessário um recrutamento para que houvesse tropas suficientes, porém na sua maioria os alistados eram pessoas pobres e sem conhecimento militar, ou mercenários interessados em grandes ganhos financeiros, esta situação enfraqueceu o exército e criou um motim na cidade do Rio de Janeiro, fazendo com que a jovem nação precisasse recorrer ao apoio inglês e francês.

Esta derrota em batalha enfraqueceu a economia do Primeiro Reinado, e o governo viu-se fragmentado.

Muitos membros da elite Brasileira se colocaram ao lado de dom Pedro, por desconfiarem do liberalismo e por terem assumido cargos na administração... enquanto os portugueses se apegavam à figura do imperador. Na população urbana e no Exército, o sentimento antilusitano teve forte poder mobilizador (Fausto, 2019, p. 134).

A morte de D João VI aumentou esta desconfiança, agora D Pedro I poderia ser Dom Pedro IV e refazer o Reino Unido de Portugal e Algarves. A base do exército era formada pelas camadas mais pobres da população e foram se distanciando da coroa. Os episódios da época culminaram com a “noite das garrafadas”. O protagonismo do exército pode ser percebido pela adesão do pai e do tio do Duque de Caxias à revolta que ocasionou a abdicação de D Pedro I, agora o Brasil poderia ter um rei nascido no país, mas o menino Pedro tinha apenas cinco anos.

O conflito da Bahia, para o EB, marca a força da mulher com o alistamento do Soldado Medeiros, Maria Quitéria, que nos capítulos a frente terá narrada sua trajetória. Para os baianos

o dia dois de julho data da sua independência é tão ou mais importante que o 7 de setembro, sendo inclusive um feriado estadual.

O transcurso do dia 19 de abril, Dia do Exército, acontece enquanto esta pesquisa é escrita, nestas datas as Solenidades Militares evocam a tradição da identidade institucional e hoje a Ordem do Dia⁵⁴ cita além da Batalha de Guararapes, as lutas pela Independência, com destaque para as duas patronas ombreando com Duque de Caxias.

Nesse contexto histórico, vários personagens emergiram, entre eles, Maria Quitéria, primeira mulher combatente, e Caxias, nosso soldado maior, primeiro porta-bandeira do Batalhão do Imperador, personagem que encerra as virtudes militares e a vocação do Exército, que uniu e pacificou a Pátria, firmando, nessa ocasião, o compromisso com a Independência.

A espada nas mãos do Marechal Deodoro da Fonseca, filho de Dona Rosa da Fonseca, mãe que perdeu três filhos em combate, materializou esse momento. Assim, o Exército assumiu seu terceiro compromisso histórico, dessa vez, com a República e seus princípios. (Exército Brasileiro, on line).

A instituição EB neste texto alusivo ao seu dia cita as patronas, revisita a narrativa historiográfica, ressalta a contribuição das mulheres às lutas por independência e coloca a figura da mulher em condições iguais de destaque e importância, nas pesquisas bibliográficas não foi encontrado citações em anos anteriores com este teor.

No âmbito da estrutura física, de material e organizacional foi garantido um organograma e equipamentos condizentes com a época. A atuação militar impediu a fragmentação do território e a instituição acreditava-se protetora dos desejos dos brasileiros este sofisma permeia toda a história e atuação do EB.

A manutenção da unidade nacional, penosamente legada por nossos antepassados, é decorrente das suas ações, em particular, da atuação do Duque de Caxias. Desse modo, ontem, como hoje, prevaleceu a necessidade de segurança e integração nacionais, reflexo da vontade soberana do povo, expressa, como ideal intangível, nas Constituições brasileiras (Exército Brasileiro, on-line).

Após a abdicação de D Pedro I a nação apresentava características da burocracia portuguesa e como D Pedro II ainda não tinha completado a maioria, houve vários conflitos

⁵⁴ Mensagem da mais alta autoridade ressaltando a importância da data e como a instituição precisa posicionar-se frente à efeméride.

por território, nesses momentos o exército teve atuação em diversas disputas e embora algumas tenha sido necessário utilizar a força contra brasileiros acreditava estar defendendo os interesses da nação. Porém a cultura do bacharelismo, entre outros fatores, trouxe um afastamento dos militares e do imperador. Culminando na Proclamação da República.

Quando os oficiais olhavam para o gabinete imperial e os vários ministros, viam cada vez menos altos oficiais em posições elevadas, ocupadas agora por bacharéis das faculdades de Direito de São Paulo e Recife (...). A escassez de oficiais na cúpula política gerava o sentimento de distanciamento e desvinculação do governo (McCann, 2009, p. 29).

A República que a época se constituía um sistema de governo inovador e com raízes no continente americano estava impregnada pelo patronato brasileiro e de militares insatisfeitos com o Império. Por isso foi um período de incertezas com a disputa de poder por diversos grupos. As principais províncias: São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul defendiam a república federativa para terem maior autonomia, porém os mineiros defendiam o modelo liberal.

Esta participação ativa na Proclamação da República deu aos militares a sensação de serem os guardiões da nação e dos desejos da população e durante toda a história retorna. Para a defesa dessa premissa diversas vezes houve excessos, violações dos direitos humanos e da democracia.

O exército aumenta sua participação na política, pois o marechal Deodoro da Fonseca torna-se chefe do governo provisório e o congresso constituinte tem vários militares eleitos. No exército havia dois grupos com formação e histórias distintas, o primeiro havia participado da Guerra da Tríplice Aliança⁵⁵ oponha-se a monarquia e acreditava que o exército deveria ser destacado. Já o segundo eram jovens oficiais oriundo da Escola Militar com ideias positivistas, cidadãos-soldados, pregavam a modernização da sociedade pelos conhecimentos técnicos de comunicação e crescimento industrial. Porém estas diferenças caíam por terra pois todos pertenciam a instituição Exército Brasileiro e eram uníssonos contra o liberalismo. Acreditavam

⁵⁵ O maior conflito armado ocorrido na América Latina.

numa centralização e numa república forte. A consolidação de características do exército é feita durante a República Velha⁵⁶, o período compreendido entre 1889 e 1930.

...o Exército era a única instituição nacional, o cerne do Estado brasileiro que se desenvolvia... a presença do Exército era sentida por todo o país, e seu pessoal, interesses, ideologia, visão e compromissos eram nacionais. A pátria brasileira estava acima da Constituição, do gabinete, do imperador ou do presidente (McCann, 2009, p.10-11).

A Era Vargas (1930 a 1945)⁵⁷ traz a estrutura da república brasileira uma série de mudanças e tem forte impacto na estruturação da sociedade, na área social é necessário análises mais profundas. Segundo (Carneiro, 1994) entre os anos de 1930 e 1940 o ideal republicano desmoronou, pois perpetuavam os privilégios herdados do Segundo Império. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade cooptados da Liberalismo e da Maçonaria eram apenas palavras vagas e a República, agora chamada de “República Velha” assim como a Monarquia foi responsabilizada pelo caos e desordem. A Revolução de 1930 instaura a Segunda República (1930 -1937), a esta se seguiu o Estado Novo (1937 – 1945), personificado em Getúlio Vargas onde os ideais permeiam a disciplina do corpo e do espírito, a eugenia e o preconceito racial. A ordem é conseguida às custas de repressão policial, da contenção da massa operária e do controle do pensamento. Porém para as mulheres a Era Vargas institui o voto feminino.

Neste contexto político o Brasil tenta se colocar neutro na II Guerra Mundial mantendo relações comerciais com os Aliados e com o Eixo, inclusive com políticas de segregação e antissemitismo.

O tipo germânico tomado como modelo para o homem brasileiro e o regime nazi-fascista idolatrado pelos nossos dirigentes, se tornaram, subsequentemente, metas de homogeneização racial e práxis governamental para o Brasil; (Carneiro, 1994, p.155).

Tal pensamento é um paradoxo para uma instituição que deve sua fundação ao mito das “três raças” em consonante harmonia contra um inimigo comum.

⁵⁶ Ou Primeira República, é a fase em que o regime político se consolida e as oligarquias disputam o poder e as concepções de organização da República (Fausto, 2019).

⁵⁷ Getúlio sobe ao poder em outubro de 1930 e permanece por quinze anos, como chefe de um governo provisório, presidente eleito e ditador. Esta época é conhecida como o “Estado Getulista”, onde no início dos anos 1930 o governo se firma, centralizando o poder, o que agrada os “tenentes” - jovens oficiais – e coloca em risco a hierarquia do exército. Esta época também é marcada por conquistas na área trabalhista e da educação, por exemplo, porém optamos por ressaltar a influência no exército entre tantas outras (Fausto, 2019).

No ano de 1942, o Brasil declara guerra aos países do Eixo e envia a Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao Teatro de Operações na Itália, novamente há brasileiros com características físicas distintas, nomes de origem alemã, traços orientais o que causa surpresa nos aliados. A pesquisadora conheceu diversos ex-combatentes, um fato interessante foi o relato do senhor Raul Kodama, brasileiro de origem nipônica, sob a surpresa que sua presença causava em militares dos exércitos aliados.

Ao término da II Guerra Mundial os pracinhas, como eram carinhosamente chamados, retornam ao Brasil sendo admirados e o EB uma instituição valorizada. Esta experiência bélica ocasiona diversas modificações na estrutura da organização.

No campo militar, ... iremos discorrer sobre os reflexos diretos e indiretos para a evolução do EB nos diversos aspectos deste campo do poder. O militar brasileiro ganhou o respeito da nação face ao excelente desempenho obtido nos campos de batalha europeus pelos combatentes da FEB, os pracinhas. A partir de então, os militares iriam figurar mais ativamente nos grandes momentos históricos nacionais. O Brasil passou da posição de país periférico e subdesenvolvido e passou a ocupar posições de destaque nas decisões mundiais, como pode ser percebido pela sua ativa participação na criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em São Francisco, Estados Unidos da América (EUA).

Houve maior aproximação entre Oficiais e Praças, resultante das necessidades em combate, o que, de certo modo, enfraqueceu a disciplina militar, mas tornou mais fácil a tomada de decisões e aumentou a coesão do Exército. Os militares passaram a viver mais a vida em sociedade e a participar mais, quebrando o isolamento existente até então da classe militar em relação a civil (Carrion, 2010, p. 27).

Algumas escolas e doutrinas militares são impactadas e transformam a estrutura militar, que neste momento não prestigia a participação feminina, licenciando as mulheres que se voluntariaram para integrar a FEB, como enfermeiras. A participação feminina foi analisada com maior profundidade em um capítulo próprio.

Cabe ressaltar que o retorno dos ex-combatentes ratifica o caráter gregário do EB, onde independente de credo, situação econômica, origem social e grupo étnico os brasileiros novamente se irmanaram contra um inimigo comum.

Este retorno vitorioso contra o Eixo foi um catalisador para os militares repensarem seu apoio a Getúlio Vargas, afinal sua luta era contrária a regimes totalitários⁵⁸ e o ideal de democracia estava impregnado nas suas convicções.

...parece ter ocorrido a 29 de outubro de 1945. Moral e socialmente, a Ditadura de 1937 era, em 1945 – já esgotada toda a sua capacidade de contribuir a seu modo, e à sombra protetora de chefes militares, para o bem público (Freyre, 2019, p. 23).

Outro fator determinante é a política econômica externa e as próprias indecisões de Getúlio ao procurar apoio em todos os partidos, o que ao invés de mantê-lo no poder ou possibilitar a participação nas eleições acabou afastando-o da disputa política e levou o país a eleger o General Dutra que governou, num período dito democrático, pois embora o governo fosse legalista ao observar a constituição; às vezes esta era esquecida, principalmente, quando se tratava de comunistas ou trabalhadores organizados, como no fechamento do PCB, pois a constituição previa o fechamento de qualquer partido contrário ao Regime Democrático em 1948, então os deputados do PCB são cassados e o partido entra na clandestinidade, também são fechados os sindicatos por acreditarem que sofriam forte influência dos comunistas.

Em 1948, o Professor Gilberto Freyre profere uma palestra na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, e afirma ser o EB uma instituição de caráter nacional e organizada, que perdura desde os tempos do império.

A verdade, porém, é que o país onde o Exército seja a única, ou quase a única, força organizada necessita de urgente organização ou reorganização do conjunto de suas atividades sociais e de cultura para ser verdadeiramente nação. Nação desorganizada não é Nação: é apenas paisagem.... É uma nação socialmente doente, por mais atlética que pareça (Freyre, 2019, p.28).

Naquele momento embora o EB fosse uma instituição que recebia indivíduos de todas as regiões brasileiras e das mais diversas origens, as mulheres que integraram o corpo de enfermeiras da FEB foram licenciadas, esta é uma questão levantada neste estudo, ao analisar o trabalho das mulheres no EB, afinal em 2022 completou trinta anos do ingresso de forma

⁵⁸ são um sistema político caracterizado pelo domínio absoluto de uma pessoa ou partido político sobre uma nação. Dentro do totalitarismo, a pessoa ou partido político no poder controla todos os aspectos da vida pública e da vida privada por meio de um governo abertamente autoritário (História do Mundo, on line, <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/totalitarismo.htm>)

estruturada, o objetivo é entender a dinâmica da inserção da mulher e as conquistas paulatinas ocorridas e pensar num futuro de oportunidades iguais e mais próximo do ODS 5 da ONU.

Após a guerra, como disse o Professor Gilberto Freyre, as Forças Armadas e em especial o Exército continuavam a ser a instituição garantidora dos poderes democráticos, articulada e organizada e preocupantemente capaz de destituir um governo, a história se repetindo como acontecerá outras vezes. Já a própria eleição de Juscelino Kubitschek (JK) sofreu sérios golpes das Forças Armadas, até conseguir tomar posse. Porém estes anos foram considerados de estabilidade política.

A grande preocupação com um possível regime comunista, tinha raízes na Intentona Comunista⁵⁹, pois para os militares os atos realizados no movimento eram de alta traição.

O governo de JK aproximou-se da área econômica e foi definido o Programa de Metas, que levou o país a um impressionante desenvolvimento industrial. O aumento da dívida levou a uma ruptura com o Fundo Monetário Internacional já no final do governo.

As eleições de 1960, onde era possível votar em uma chapa para presidente e em outra para vice-presidente, levaram a uma vitória eleitoral que posteriormente se mostrou explosiva, Jânio Quadros renuncia em 1961, pois não contava com uma base política de apoio.

O vice-presidente eleito, João Goulart, era visto pelos setores militares como a encarnação da república sindicalista e estava naquele momento em visita à China Comunista, estes fatos levaram os ministros militares a vetarem a volta de João Goulart.

Após tomar posse, o governo de Jango é marcado por aceno ao populismo, as centrais sindicais e a reforma agrária. As reformas de base não pretendiam implantar o comunismo, apenas modernizar o capitalismo e diminuir as desigualdades sociais.

⁵⁹ um conjunto de levantes de caráter revolucionário operados por membros do exército brasileiro entre os anos de 1935 e 1936 em plena Era Vargas.

Durante o período da Guerra-fria novamente houve a preocupação com a manutenção do regime, após a ascensão de Fidel Castro. No Brasil são criadas a Escola Superior de Guerra⁶⁰ e a doutrina de segurança nacional, o período do governo de Jango é conturbado e culmina com o golpe de 1964 com a instituição de um regime de exceção que até os dias atuais geram discussões sobre o papel das Forças Armadas e em o especial do exército.

A participação do exército no governo de 1964 a 1985 é um capítulo à parte e até as datas atuais faz sombra a sociedade brasileira. Embora os princípios democráticos fossem violados a narrativa era de uma defesa das instituições democráticas contra a ameaça comunista. Nesse período culmina a intervenção militar que influi em toda a história. O EB, preocupado em disseminar sua cultura organizacional, criou uma narrativa própria, que estabelece as bases para a criação de sua imagem enquanto partícipe da nação brasileira e crê ser uma instituição que está sempre presente para atender os anseios populares.

A historiografia do cenário político é necessária para o entendimento da participação do EB na vida pública.

... se a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. ... Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, ... do real e do não-real, do sabido e do desconhecido... Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo (Pesavento, 2003, p. 58).

Aspectos da formação da sociedade do passado sempre reverberam nas decisões presentes a exemplo da formação da república e a construção imaginária dos personagens.

A Guerra da Tríplice Aliança (Paraguai) também destaca combatentes como Deodoro e Floriano que mais tarde serão personagens centrais na crise do Segundo Reinado e no movimento republicano. O império se viu desgastado com os problemas da escravidão além de atritos com a igreja e com o exército.

⁶⁰ Escola Superior de Guerra (ESG), criada pela Lei nº 785/49, é um Instituto de Altos Estudos, integrante da estrutura da Chefia de Educação e Cultura do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas do Ministério da Defesa, e destina-se a desenvolver e a consolidar os conhecimentos necessários para o exercício das funções de direção e para o planejamento da segurança nacional (Ministério da Defesa, 2023, on line).

O descaso do Império para com o Exército tinha suas origens no período regencial, quando a força terrestre passou a ser vista com desconfiança pelas autoridades imperiais, em razão da participação de oficiais e soldados em motins, rebeliões, tumultos e revoltas (Daroz, 2017, p. 73).

Além desta desconfiança o serviço militar era compulsório para uma fatia da sociedade, segundo a Constituição de 1824 e naquele momento em que o país estava em confronto, foram convocados os “voluntários da pátria” não só entre os considerados “inúteis”, mas também entre os escravizados, que caso voltassem do conflito teriam a liberdade, enquanto seus “donos” seriam indenizados pelo Império.

A ideologia da vadiagem justificava o engajamento compulsório nas tropas profissionais e nas tropas auxiliares, que ocorria desde os tempos coloniais como uma das formas buscada para tornar útil quem era considerado vadio. Talvez a forma mais utilizada. Essa prática foi continuada após a ruptura com Portugal, recaindo, como já mencionei, principalmente sobre os pobres livres e libertos, que não tivessem uma ocupação regular e um comportamento socialmente aceitável, segundo os parâmetros estabelecidos pela classe senhorial. As Instruções de 1822 isentavam do recrutamento nas tropas profissionais quem era visto como trabalhador e responsável pelo sustento da família (os maridos, filhos de viúvas, órfãos com irmãos menores de idade, entre outras situações) (Faria, 2017, p.4).

Estas questões explicariam as origens diversas dos integrantes, muitos dos quais negros escravizados, que poderiam ter sua liberdade e direitos através da república com ideias positivistas. O imaginário gerado pela sensação de que uma ruptura poderia trazer melhores condições de vida segundo Chauí (2001, p.9) o imaginário da república seria um semióforo, um signo com valor intrínseco com um simbolismo celebrado e com a capacidade de transformar o império numa nação acessível a todos que dela partilham.

O exército era então a instituição a qual pertenciam indivíduos de diversas origens, talvez naquele momento a mais fiel expressão do que seria uma nação, pois havia a crença que o trabalho na instituição poderia dar a todos, independentemente de sua origem, a mesma chance.

Após a abdicação o papel do exército foi reduzido e a instituição era vista com desconfiança e após 1850 sua oficialidade perdeu as características de elite. Os filhos das grandes famílias eram desencorajados a ingressar na instituição devido às condições de vida, baixa remuneração e lentidão nas promoções. Regionalmente no Nordeste a maioria era

proveniente de família empobrecidas e no Rio Grande do Sul palco de diversos conflitos a carreira militar era vista como prestigiosa.

Essa diminuição do prestígio da carreira das armas afastou o exército da elite política e do governo imperial. A reorganização da Academia Militar e o pós-guerra reforçaram a ideia de corporação. A Escola Militar da Praia Vermelha, converteu-se num centro de estudos e lá começaram os ataques à monarquia e posteriormente quando Benjamin Constant tornou-se professor houve a disseminação de ideias positivistas, que tanto influenciaram a República.

... o currículo escolar “visava mais à construção do Brasil do que a sua defesa”. Tinha mais características de um programa de estudo civil do que militar, o chamado fenômeno do bacharelismo. ... Era um tipo de educação que produzia escritores, burocratas e políticos, mas não comandantes de campanha competentes (McCann, 2009, p.41).

Nesta época o império tentou leis reformistas na área eleitoral, porém os embates com o exército continuaram e a propaganda republicana crescia. A insatisfação atingiu o auge com o convite ao Visconde de Ouro Preto para formar um novo gabinete e a desconfiança dos oficiais sobre a prisão de Deodoro, a redução de efetivos ou mesmo a extinção do exército. Estas guerras de narrativas onde o próprio Deodoro viu-se num episódio confuso, será que ele pretendia proclamar a república? Porém segundo José Murilo de Carvalho (2017) a ideologia legitima os regimes políticos do mundo moderno. Deodoro tinha o apoio do exército e dos setores republicanos que queriam o rompimento com o império e assim acreditaram e fizeram acreditar na Proclamação da República.

Dom Pedro II estava afastado por conta da diabetes, este fato pode ter acirrado mais ainda os ânimos, afinal o carisma do imperador poderia ter evitado o fim do império, pois este e Deodoro eram amigos, então na verdade como diria Ginzburg (2008, p.19) Há de se questionar que marcas na história as ideias e pensamentos de um indivíduo podem deixar. A História poderia ser diferente se D Pedro II e Deodoro tivessem conversado.

Os militares tiveram grande presença e forte influência no início da república, o Marechal Deodoro da Fonseca tornou-se o chefe do governo provisório e diversos oficiais foram eleitos para o Congresso Constituinte, embora os militares não fossem um grupo hegemônico, apresentavam certo grau de coesão e centralização do poder, resistindo a autonomia das províncias.

O corporativismo marca este período com o desfecho da Questão Militar, também é decisivo na participação de Deodoro que é avesso a presença dos “casacas” na conspiração, já naquela época havia um antagonismo entre os dois grupos, “oficiais normalmente eram tão ignorantes dos assuntos civis quanto os civis dos assuntos militares ... desentendimentos só apareciam e **aparecem grifo nosso** ... quando o oficial saía dos limites de sua profissão e se introduzia na vida civil do país” (McCann, 2017, p.35) e a história do Brasil mostra que isto ocorrerá novamente. O espírito de corpo é marca presente na estruturação do EB, como já visto e o antagonismo deste com a elite política advém possivelmente da sensação de ter o exército contribuído para a soberania nacional desde as primeiras guerras pela independência.

A representação da Proclamação da República já tem a imagem do marechal Deodoro como o centro da disseminação do poder como retratado neste quadro à óleo de H Bernardelli, que se encontra na Academia Militar das Agulhas Negras e integra o imaginário da formação dos cadetes. O quadro exalta o herói militar, Deodoro montado em seu cavalo, com sua tropa a retaguarda e sua cobertura a acenar, não empunha sua espada, que para um militar é um símbolo de comando, a participação popular retratada é pequena. Novamente o quadro foi pintado posterior aos fatos e com forte mensagem intrínseca. Na tentativa de unificar as várias correntes entre os alunos da Escola Militar e da Escola Superior de Guerra e manter o corporativismo.



Figura 26: “A Proclamação da República” quadro de Henrique Bernardelli

Fonte: <http://ebacervo.eb.mil.br/items/show/22>

Em 15 de novembro de 2017, comemoramos 128 anos desde que o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República em 1889. Uma das obras mais conhecidas, e que frequentemente ilustra este momento da história do Brasil é o quadro “A Proclamação da República”, do artista **Henrique Bernardelli**. (Exército Brasileiro, on-line).

A foto abaixo apresenta militares recém promovidos a 2º Tenente, o primeiro posto de oficial, prestam o juramento e recebem sua espada, que é o símbolo de seu compromisso, assim o fato de Deodoro não portar uma espada à frente de sua tropa, deixa o questionamento do apoio recebido na Proclamação da República.



Figura 27: Formatura de compromisso ao primeiro posto

Fonte: arquivo pessoal

O Exército não consegue reunir-se em torno de uma referência, nem Deodoro, nem Floriano, nem Benjamin Constant, neste momento a República precisou buscar no Império um Patrono para o Exército – Duque de Caxias. “... as tentativas de construir o mito original da República revelam as contradições. ... O mito da origem ficou inconcluso, como inconclusa ficara a república.” (Carvalho, 2017, p. 56 e 57).

A república já começa fragmentada de um lado uma elite positivista e do outro o exército, uma instituição corporativista e anticivil e mesmo dentro do Exército apresentava vertentes distintas de lado Marechal Deodoro com ideias próximas aos militares que teriam combatido na Guerra da Tríplice Aliança e do outro Floriano Peixoto com ideais positivista e ligado aos oficiais das Escolas militares.

Os deodoristas estavam preocupados em salvar o exército que na visão deles havia sido relegado à segundo plano pelo império. Por outro lado, Benjamin Constant queria a salvação da Pátria.

... uma visão integrada da história, uma interpretação do passado e do presente e uma projeção do futuro. ... A história tinha suas leis, seu movimento predeterminado em fases bem definidas, mas a ação humana, especialmente a dos grandes homens, poderia apressar a marcha evolutiva da humanidade. ... no caso brasileiro, ... o estabelecimento de uma república que garantisse a ordem material, ... a incorporação do proletariado à sociedade e a liberdade espiritual (Carvalho, 2017, p.44).

Passado mais de um século, esses ideais positivistas, ainda estão longe de se concretizarem. O começo da república é conturbado, nem todos acreditavam no poder do convencimento, nas escolas militares o clima era de permanente agitação política, e 85% da população era analfabeta⁶¹. Os oficiais formados nas escolas militares compunham a maioria da intelectualidade brasileira, porém não estavam preparados para o serviço no interior, pois acreditavam que o Brasil era uma nação não civilizada e talvez a república pudesse remediar a situação, com isso inicia o perfil de alguns integrantes do exército que permanece até os momentos atuais, ou seja com sua missão civilizadora e de controle social.

Por ter se tornado uma república o Brasil aproximou-se dos Estados Unidos e distanciou-se da Inglaterra no campo político, porém as ideias positivistas eram inspiradas na Revolução Francesa, bem como as alegorias do imaginário, visíveis em esculturas representativas do período.

⁶¹ No livro Soldados da Pátria, McCann afirma que os homens educados em escolas militares seriam a elite intelectual em uma população de analfabetos (MCCANN, 2009, p.41).



Figura 28: Monumento a Benjamin Constant

Campo de Sant'Anna – Rio de Janeiro Décio Villares

Fonte: <https://blogdaipb.wordpress.com/2015/11/15/da-historia-das-memorias-o-monumento-a-benjamin-constant/#jp-carousel-628>⁶²

Idealizado pela Igreja positivista do Brasil e inaugurado em 14 de julho, Dia da Queda da Bastilha, do ano de 1926. Este monumento leva a diversas reflexões em relação a unidade do EB no início do século XX, pois desde a Proclamação da República o país passava por diversas mudanças com impacto no Exército, as cidades possuíam ares modernos, em São Paulo ocorreu a Semana de Arte Moderna, mas as áreas rurais ainda tinham as características do império e o “coronelismo” governava a vida dos pobres, neste contexto o EB estava fragmentado, de um lado os positivistas da Escola da Praia Vermelha, que acreditavam no envolvimento político dos militares no fim do Império, do outro o deodorismo reforçava o profissionalismo.

No campo simbólico continua o culto ao Duque de Caxias, então o monumento em homenagem a Benjamin Constant é deslocado para o Campo de Sant'Anna e o Pantheon de Caxias é erguido a frente do Ministério da Guerra, atual Comando Militar do Leste.

⁶² Este detalhe do monumento à Benjamin Constant ressalta a influência da esposa, uma alegoria feminina da mulher como coadjuvante e inspiração para o marido.



Figura 29: Monumento a Floriano Peixoto

Cinelândia – Rio de Janeiro
Eduardo de Sá

Fonte: <http://carpediemturismo.com.br/monumento-ao-marechal-floriano-peixoto/>

Já o monumento a Floriano Peixoto, segundo o blog monumentos do rio, cultua a personalidade do vice-presidente do governo provisório de Deodoro e parece ser o primeiro monumento de culto à personalidade o “florianismo”, seguido de outros “ismos” como o getulismo, o janismo, o brizolismo, o lulismo e o bolsonarismo consagrando a tradição na política brasileira de seguir homens em lugar de ideias. Tradição mantida até a atualidade e preocupante em termos políticos. O imaginário do povo brasileiro, pode ser analisado, segundo Marilena Chauí (2001) com esse mito fundador está sempre presente, expresso em novas linguagens, valores e ideias, porém é a repetição de si mesmo.

Os monumentos do início da República apresentam a ótica positivista e auxiliam a reflexão sobre o papel esperado e reservado a mulher na vida pública, esta problematização conduz a discussão durante todo o texto e permeia os questionamentos para encontrar indícios de um crescimento na participação da mulher e em instituições perenes e tradicionais.

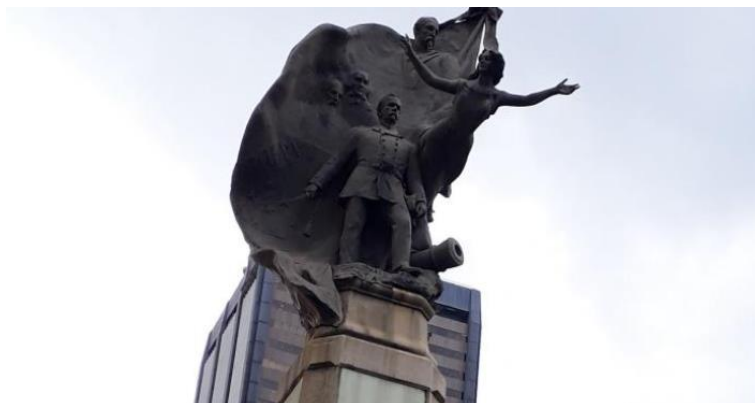


Figura 30: Detalhe da alegoria feminina no Monumento à Floriano Peixoto

Fonte: <http://wikimapia.org/32130838/pt/Monumento-ao-Marechal-Floriano-Peixoto#/photo/6791786>



Figura 31: Detalhe da alegoria feminina na parte de baixo do Monumento à Floriano Peixoto

Fonte: <http://wikimapia.org/32130838/pt/Monumento-ao-Marechal-Floriano-Peixoto#/photo/6791787>



Figura 32: Clotilde de Vaux, a Religião da Humanidade, obra de Décio Villares.

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Clotilde-de-Vaux-a-Religio-da-Humanidade-obra-de-Decio-Villares-6_fig1_321926239

A alegoria feminina modifica-se no decorrer da história, ao final século XIX, a mulher era retratada com traços maternos, neste período Clotilde de Vaux era a musa do positivismo, representava a Virgem-mãe uma alegoria do feminino onde a mulher não só era responsável pela reprodução mas pelo cuidado e formação moral dos novos cidadãos, segundo Carvalho (2017), Comte acreditava que os avanços biológicos possibilitariam a geração de filhos sem a interferência masculina, então àquela mulher deveria ser livre dos pecados da humanidade, para assim gerar indivíduos íntegros. A mulher, mãe teria valores inquestionáveis, retratada como um ser fecundo que ampara e acalenta.

As representações femininas, que compõem o monumento à Floriano apresentam a mulher como um ser etéreo na primeira imagem, um misto de deusa e musa que inspira a ação do homem e no segundo na parte debaixo do monumento com características divinas e matronais, um véu no estilo da Virgem-mãe cobre-lhe a cabeça, o semblante circunspecto e olhando ao chão. Estas alegorias femininas presentes no começo da República e nas ideias positivistas afastam a mulher do centro de decisões e tiram-lhe possibilidade de ladear com o masculino nas decisões da vida pública.

Atualmente a mulher conquistou (in)visibilidade semelhante ao masculino, embora ainda ocorram lacunas nas oportunidades de trabalho e de reconhecimento. Os costumes oriundos desta concepção da figura feminina refletem posicionamentos sociais. O modelo patriarcal que acredita na necessidade de tutela da mulher ainda impregna as relações sociais.

Neste estudo com ênfase na inserção da mulher no Exército, o imaginário sobre o feminino do final do século XIX influem nas ações tomadas pela instituição quanto a inclusão da mulher em seus quadros. “... a alegoria feminina domina a simbologia cívica francesa, representado seja a liberdade, seja a revolução, seja a república” (Carvalho, 2017, p.79), num período em que o patriarcado era tão presente nos costumes que a mulher representando a liberdade, era um paradoxo. Os artistas positivistas usavam a alegoria feminina como parte de um sistema de interpretação do mundo, numa escala de valores que contempla a humanidade, a pátria e a família, com a república sendo a melhor forma de organização da pátria. A mulher numa referência à virgem maria era o ser ideal para gerar e reproduzir a humanidade sem uma interferência externa porém esta “santa” poderia e foi rapidamente transformada em “mulher da vida” ao se ter um descontentamento com a república. Para o feminino só havia dois

possíveis papéis o de “mãe virtuosa” ou prostituta e interesseira e muitas vezes debochando do esforço dos homens em criar uma sociedade melhor.

O esforço em tornar a alegoria feminina parte da república e não ligada ao velho regime, a monarquia, chegou a até a transformação da Academia Imperial de Belas Artes em Escola Nacional de Belas Artes e a exclusão de membros proeminentes no Império, porém o povo estava distante dos acontecimentos políticos, se os homens do povo estavam as mulheres mais ainda a Proclamação da República foi considerada pelos seus participantes como uma atividade masculina, não tendo um apelo da pureza feminina e ao surgirem alguns entraves e problemas com a República esta passou a ser representada pela meretriz. Os artistas da época haviam sido formados na Europa, principalmente França, sua representação de mulher apresentava características diferentes das mulheres brasileiras, o que dificultou a identificação das pinturas com a recém proclamada forma de governo. A representação feminina foi então utilizada para deboche da República já que nem todos se sentiam integrados.

“A luta pelo mito de origem, pela figura do herói, pela alegoria feminina, era parte importante da legitimação do novo regime” (Carvalho, 2017, p. 104) a alegoria feminina não conseguiu exprimir o sentimento de nacionalismo necessário aos acontecimentos, o que esperar da bandeira e do hino que embora tenham um caráter mítico são símbolos obrigatórios de uma nação, então a legislação iria instituí-los, porém era necessário que a sociedade se identificasse com estes símbolos.

O hino permaneceu o mesmo com fortes referências a independência e ao antigo regime. Já a bandeira mescla símbolos do antigo regime com o positivismo republicano. A primeira bandeira tinha forte inspiração na bandeira dos Estados Unidos da América.



Figura 33: Primeira bandeira republicana do Brasil

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/a-curiosa-historia-dos-estados-unidos-do-brasil.phtml>

Esta bandeira foi hasteada na redação do jornal “A Cidade do Rio”, após a Proclamação da República, e no navio “Alagoas”, que conduziu a família imperial ao exílio.

A bandeira símbolo da nação foi instituída em 19 de novembro, apenas quatro dias após a proclamação e manteve os elementos do Império. Ressaltando no centro sua inspiração positivista, inclusive com a frase “Ordem e progresso”.

Os símbolos nacionais, integram a identidade e a imagem de uma nação e foram instituídos no início da República, exprimem os valores e a representação da nação, criando entre seus integrantes um sentido de pertencimento e orgulho.

Os símbolos nacionais exaltam os valores positivos de uma nação. A nação brasileira compartilha um conjunto de culturas e práticas. Nação significa união de um povo com sentimento de pertencimento e sentimento de unidade entre si. Exaltar os símbolos nacionais é importante para manter tudo que faz parte da Constituição da nação brasileira (Senado Federal, on line).

A reflexão sobre a formação da Nação e do Exército Brasileiro, leva a indagações sobre a postura das e dos militares, então no próximo capítulo destaca-se os atributos da profissão militar para melhor compreender como são criadas as narrativas das patronas e dos patronos que reproduzem os valores e posicionamentos institucionais.

A história calou-se sobre as mulheres. Sua revolta trancada explodira e a levava à ação. Mas passaram uma tranca sobre seus passos. Silêncio não faz exemplo nem deixa sinais. Não há o que seguir. Mas elas estavam lá! – Ministra Cármen Lúcia Antunes Rocha, no posfácio. (Starling e Pellegrino, 2022, posfácio).

A dimensão cultural de um determinado período da história revela como apagamentos podem influenciar a historiografia. Nesta tese ressalta-se as patronas e pela História Oral as trajetórias de mulheres de seu tempo entrelaçadas com os enfrentamentos para uma sociedade que desconstrua as assimetrias entre homens e mulheres. Evidenciando a importância da atuação das mulheres nas lutas pelo território e independência, além de trazer a discussão para a atualidade, onde problematiza-se a participação das militares no EB e o desenvolvimento crescente do trabalho feminino pela ótica das entrevistadas e da pesquisadora pela perspectiva da História Cultural.

3.2 Atributos da Profissão Militar

Instituições perenes e tradicionais necessitam de uma formação que defina um espírito de corpo como uma irmandade, este fundamento é alcançado pelo regime de internato que abrange todos que ingressam no EB.

Louvável era a preocupação com a formação moral do militar, do qual se exigia irrepreensível conduta e espírito profissional. Para que a impregnação castrense inicial não se interrompesse nem fosse prejudicada pela influência do meio civil, os recrutas ficavam confinados durante os dois primeiros meses no Depósito Geral, só podendo sair em casos de extrema necessidade e ainda assim obrigatoriamente acompanhados por uma praça antiga, que se tornava responsável pela saída (Exército Brasileiro, on-line).

O Manual de Fundamentos do Exército Brasileiro⁶³ define os atributos da profissão militar, esta explanação visa proporcionar maior facilidade de entendimento sobre as particularidades e padronizações das ações, atitudes e posturas adotadas pelos integrantes do EB, além dos rituais que norteiam a vida militar e destacam os pilares da instituição, que são a hierarquia e disciplina, bem como o culto à história e a tradição.

As Instituições Militares possuem referenciais fixos, fundamentos imutáveis e universais. São os valores militares, que influenciam, de forma consciente ou inconsciente, o comportamento e, em particular, a conduta pessoal de cada integrante da Instituição. A eficiência, a eficácia e mesmo a sobrevivência das

⁶³ Manual de Fundamentos Militares, disponível em: <https://www.eb.mil.br/documents/10138/6563889/Manual+-+O+Ex%C3%A9rcito+Brasileiro/09a8b0d2-81d0-4a69-a6ea-0af9a53eaf45>.

Forças Armadas decorrem de um fervoroso culto a tais valores (Exército Brasileiro, 2014, p. 4-7).

Os Valores da profissão militar segundo o manual de fundamentos: (1) Patriotismo, seria o amor incondicional à pátria mesmo que signifique sacrificar a própria vida, para defender sua soberania, integridade territorial, unidade nacional e paz social. (2) Civismo, o culto aos símbolos nacionais, aos valores e tradições históricas; sendo exteriorizado pelas solenidades cívico-militares e a preservação da memória militar. (3) A Fé na missão do Exército e o amor a profissão militar são baseados na crença inabalável de que a instituição defende a Pátria e as aspirações de seu povo, este valor militar é muitas vezes utilizado para legitimar atitudes e ações implementadas pelo exército e de um modo geral, seus integrantes têm um amor incondicional à profissão e por ingressarem em tenra idade acreditam nessa máxima. (4) Espírito de corpo é o orgulho de integrar a instituição, refletindo a coesão e estando intimamente ligada ao culto aos valores e tradições militares, com demonstrações de gritos de guerra, lemas, uso de insígnias, distintivos e condecorações (5) Aprimoramento técnico-profissional, entendido como a necessidade constante de sedimentar os conhecimentos com o exercício profissional das atribuições (6) Coragem, senso moral diante dos riscos e perigos, sacrificando a própria vida ou seus interesses pessoais em prol da instituição e da Pátria.

Os deveres militares são vínculos morais e jurídicos que ligam o militar a Pátria e a instituição. Os deveres morais são voluntariamente assumidos, enquanto os deveres legais são impostos por leis, regulamentos, normas, manuais, diretrizes e ordens. São eles: (1) Dedicção e fidelidade à Pátria, a profissão exige dedicação exclusiva. Este dever remonta às atribuições militares. (2) Probidade e lealdade, pautado na postura e integridade de caráter, características essenciais para as relações profissionais e pessoais exitosas no meio militar e no ambiente de confiança. (3) Disciplina e respeito à hierarquia, pilares da Instituição, (4) Rigoroso cumprimento dos deveres e ordens e (5) Trato do subordinado com dignidade. Os militares traduzem a percepção institucional, pois caracterizam a exteriorização dos integrantes do Exército Brasileiro.

ÉTICA MILITAR ... É o conjunto de regras ou padrões que levam o militar a agir de acordo com o sentimento do dever, com a honra pessoal, com o pundonor militar e com o decoro da classe. Ela impõe, a cada militar, conduta moral irrepreensível (Exército Brasileiro, 2014, p. 4-12).

A ética militar seria um atributo que sintetiza os valores e deveres, na exteriorização da maneira de agir dos militares.

Manuais como este, expressam os fundamentos da profissão militar e disseminam a cultura que norteia e baliza a instituição. Percebe-se a comunicação como elo difusor e mantenedor das tradições e costumes.

Segundo (McCann, 2009, p.35) em Soldados da Pátria a autoestima de um soldado está relacionada a um senso de participação e integração à identidade coletiva ou corporativa e à socialização. A disciplina militar cria um espírito de corpo, onde a autoimagem, está ligada aos objetivos comuns à sua unidade militar. Desta forma as tradições mantêm este espírito de corpo e da necessidade de agregação a um bem comum.

O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, (...) uma produção coletiva, (...) que os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. (...) diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade (Moraes, 2002, on line).

Os patronos são outra expressão que define a identidade e aglutina as ações dos militares. São colocados sob uma visão heroica e potencializam características consideradas nobres e destemidas, a partir de narrativas retratadas miticamente, a historiografia segundo Michel de Certeau (2011) pressupõe a conjunção da história/passado com a narrativa escrita, então como separar o ficcional? Talvez esta seja uma tarefa ingrata e impossível pois cada autor coloca sua crença, vivência e experiências em seu relato. Imaginar que este relato pretende exprimir os valores de uma instituição, então a ficção seria um ingrediente essencial na construção narrativa para a criação de uma ideal mítica. Preceitos baseados em ideias míticas ressaltam os ideais atávicos do ser humano e proporcionam a identificação com o imaginário ao transformá-lo em real.

A vida militar reveste-se do mito do herói, do protetor, do líder, do conquistador, do vitorioso, do indivíduo que transcende seus próprios medos em prol de um bem maior e da doação integral da existência em favor de sua comunidade. O relato dos acontecimentos da vida destes vultos, tornam - se fatos históricos e motivam as aspirações e esperanças e minimizam os medos, expressam as ideologias e utopias.

A Historiografia é composta por interpretações dos fatos históricos, sua escrita apresenta as simbologias da época, do olhar de quem escreve e em instituições tradicionais necessita ser atualizada constantemente. Por outro a quebra das ideias positivistas com a percepção de que o passado não é totalmente conhecido, e sim é uma versão dos fatos que ocorreram. As versões da historiografia carregam no seu bojo as concepções da época e as crenças do historiador, criando o imaginário social e as identidades institucionais.

As novas perspectivas e influências emergentes nesse momento possibilitaram a reorientação de enfoques, com o desmoronamento da continuidade, o questionamento de abordagens globalizantes do real, permitindo também o questionamento da universalidade dos discursos, deixando explícito que as análises do presente e do passado eram parciais e datadas. (Matos, Borelli, Schwartz, 2022, p.28).

Muitas vezes representadas por símbolos, alegorias, rituais e mitos, como indica Bronislaw Baczko: (1985, p. 403) "A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas". As narrativas históricas sempre apresentam a interpretação de seus historiadores, neste caso especificamente para criação das patronas e do patrono colocam em evidência as qualidades e feitos destas personagens em detrimento de outras características que possam ser julgadas menos nobres. Nota-se a importância destes relatos na motivação organizacional.

Desde o descobrimento do Brasil surgiram relatos históricos repletos de ficção sobre os atributos do novo território, de seus povos originários, do povo que foi mão de obra escravizada e do colonizador português⁶⁴, cada povo foi colocado em seu “devido lugar”, além da criação dos mitos fundadores da identidade nacional⁶⁵. Capacidade de trabalho, inspiração para seus subordinados além de atributos morais irrefutáveis são características de um patrono, que inspiram a personificação dos atributos militares, como ética, valores e deveres. A própria definição encontra-se no dicionário da língua portuguesa.

64 Deixando suas marcas no patriarcado, e na herança que segundo Holanda, era e é prejudicial ao desenvolvimento brasileiro, ainda hoje vários legados do sistema político português permanecem na república, como o personalismo dos partidos políticos.

65 Segundo Stuart Hall (2014, p.14), a identidade é uma marcação simbólica e relacional utilizando sistemas que marcam as diferenças, podendo ser características, físicas, vestimentas, formas de expressão. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido as práticas e as relações sociais.

A mais autêntica homenagem que se pode prestar aos grandes vultos da Pátria é manter viva a lembrança de seus feitos, interpretar os acontecimentos de que participaram e recolher os dignos exemplos que nos legaram. As magistras lições que emanam de suas incomuns existências constituem a imortal seiva que robustece crenças, revigora forças para a travessia do presente e inspira a busca do futuro. **Patrono.** {Do lat. *patronu*} S.m. 5. Bras. *Chefe militar ou personalidade civil escolhida com figura tutelar de uma força armada, de uma arma, de uma unidade etc., cujo nome mantém vivas tradições militares e o culto cívico dos Heróis.* (Extraído do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Ed Nova Fronteira, 1ª Edição. 1986, p.) (Exército Brasileiro, on line).

Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2003), na história cultural o historiador relata um fato ocorrido, mas ciente que este tem muitas versões, ele utiliza o fato histórico como um caminho, não como uma verdade, então pode destacar as faces que mais se adequam a sua narrativa.

Algumas brasileiras e alguns brasileiros destacam-se por suas atitudes em batalhas ou em favor destas; mais tarde são reverenciados como patronas e patronos sendo mitificados e difundidos pelas narrativas de seus feitos. Esta narrativa cria uma escala de identificação do militar comum, motivando e criando um espírito de corpo.

A identificação pode motivar a escolha da arma⁶⁶, as armas possuem características que influem na rotina e modo de ser de seus integrantes e integram a postura organizacional, pela força da narrativa⁶⁷. Os Patronos, compõe o imaginário⁶⁸ de cada arma do Exército, criados através dos relatos de seus feitos em batalha.

Neste capítulo foi possível apresentar algumas peculiaridades do exército na formação da Nação Brasileira, possivelmente estas ingerências levam alguns integrantes da instituição a acreditarem que conhecem e são os defensores dos anseios da Pátria.

⁶⁶ jargão militar para definir o campo de atuação; a saber: existem armas-base: Infantaria e Cavalaria, a infantaria pressupõe o combatente a pé, já a cavalaria como o próprio nome diz começou com os cavalos e atualmente os blindados, popularmente conhecidos como: “tanques de guerra”, a Artilharia, responsável pelo poder de fogo; a Engenharia que possibilita aos militares a mobilidade, as Comunicações que o próprio nome já indica responsável pela manutenção da estrutura de comunicabilidade entre as várias frações das tropas, o Serviço de Intendência que trabalha na paz e na guerra para a manutenção do homem, pelo atendimento às suas necessidades de sustento, alimentação e fardamento e o Quadro de Material Bélico que trata das atividades gerais de manutenção dos equipamentos bélicos da Força, incluindo suas viaturas.

⁶⁷ segundo Cerateau a narrativa assume força do real, pois retrata o passado, motivando crenças, comportamentos e modos de agir.

⁶⁸ imaginário influi no modo como a instituição é vista e como esperasse o comportamento de seus integrantes.

No próximo capítulo resalta-se duas patronas Maria Quitéria de Jesus primeira mulher a ingressar no EB e Rosa da Fonseca considerada a matriarca da família militar e cruza-se a história destas duas mulheres a de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército para ressaltar as diferenças nas descrições dos feitos e na visão da mulher e do homem.

As patronas e o patrono são uma representação personificada de atributos considerados importantes e fundamentais para a vida na caserna, inclusive inspirando os homens e mulheres comuns a realizar ações necessárias a defesa e manutenção da ordem em detrimento de suas vidas ou desejos pessoais e individuais para criar uma nação.

Capítulo 4 Patronas e Patrono

**“Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender?
que desde o primeiro dia,
ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma.
foi o mundo que a convenceu que ela não tinha.”
Rupi Kaur**

No capítulo anterior foram apresentados fatos sobre a “descoberta” do Brasil, sobre a formação do Exército seus atributos, valores e ética para desta forma possibilitar uma melhor compreensão de peculiaridades da instituição.

Neste capítulo o relato de vida das Patronas e do Patrono tendo como base as narrativas oficiais da Instituição auxiliam a compreensão da construção do imaginário da e do militar.

A História Cultural, assinala que o imaginário criado pela narrativa, molda a identidade e a cultura de uma instituição e cria o conceito gregário necessário a unidade e perenidade. Toda narrativa historiográfica necessita ser contextualizada com seu período e seu autor, pois a crença pessoal e da época é inerente aos relatos. Chartier, ainda, salienta a antinomia presente na cultura, de um lado ela dissemina as ideias vigentes através de representação de outro ela permite a convivência e indiretamente o questionamento da repetição de atitudes.

A partir da década de 1920-30 a história é pensada como história-problema que problematiza os fatos históricos e realça as atividades humanas para decifrar a cultura através da representação da História. O relato da vida das patronas é uma representação cultural com aderência ao momento presente e tira da (in) visibilidade estas personagens para inspirar as indivíduos comuns.

4.1 Maria Quitéria – Patrona do Quadro Complementar de Oficiais “mulher soldado”

Na Bahia, em 1823, a pioneira Maria Quitéria de Jesus, travestida de homem ingressa nas fileiras do exército. Seu engajamento foi tão bem considerado que é condecorada pelo imperador com a Imperial Ordem do Cruzeiro, no grau Cavaleiro.

Mulher, analfabeta, nordestina, baiana. Maria Quitéria de Jesus. Militar, cadete, patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro, heroína da Independência. Soldado Medeiros. Não duas pessoas, mas uma só. Nascida em Feira de Santana [...]. Quando na Bahia iniciaram-se as agitações contra o domínio português, foi despertado na jovem Maria Quitéria um forte instinto de vingança e de lutar por sua Bahia e seu país. Pediu autorização ao seu pai para se alistar no exército, mas teve o pedido negado. [...] Vestindo-se como um homem, roupas emprestadas pelo cunhado [...] alistou-se no Regimento de Artilharia sob o nome de Medeiros (Calmon, 2019, on line).



Figura 34: Maria Quitéria

Fonte: <https://gazetaarcadas.com/2019/08/29/soldado-medeiros-a-heroina-da-independencia/>

Maria Quitéria no ano de 1824, quando no Rio de Janeiro, esteve com a escritora e artista inglesa Maria Graham, a escritora fez um diário de viagem ao Brasil onde retrata este encontro, este material foi publicado em *Journal of a Voyage to Brazil na residence during parts of the Years 1821, 1822 and 1823*. A escritora observa a vestimenta de Maria Quitéria.

Do ponto de vista das performances ... respectivas ao masculino e ao feminino, a sobreposição do saíote xadrez por cima do uniforme militar torna visível a ambiguidade encarnada por mulheres representadas enquanto combatentes ou líderes militares. O contraste da estampa quadriculada com o resto da indumentária e o leve movimento da saia faz ao balançar com a brisa vinda do mar ressaltam essa disjunção. No seu diário de viagem, Graham ironizou o fato de que Maria Quitéria havia se inspirado numa imagem (possivelmente, uma gravura) representando um *highlander* escocês para tornar seu “uniforme militar mais feminino” (Gomes, 2022, p.62).

Graham aponta características físicas de Maria Quitéria que são diferentes das suas representações “...contudo as feições da jovem, especialmente os olhos e a testa, apresentam os mais acentuados traços dos índios.” (Graham, 1956, p.329). A imagem de Maria Quitéria do acervo do Museu Paulista retrata uma mulher de feições europeias.



Figura 35: Estátua de Maria Quitéria na Praça da Soledade em Salvador – BA
 Fonte: <https://averdade.org.br/2016/09/maria-quitéria-pela-independência-do-brasil-pela-libertação-da-mulher/>

A representação de Maria Quitéria retratada acima possui características diversas da anteriormente apresentada na página 91, onde Deodoro aparece à frente de sua tropa e empunha sua cobertura.

Em Salvador ocorreram batalhas pela Independência da Bahia, uma delas no Bairro da Pituba onde funciona o estabelecimento de ensino militar que forma o QCO, no ano 1996 quando Maria Quitéria, primeira mulher a assentar praça⁶⁹ e passa a ser patrona do QCO primeiro quadro em que as mulheres ingressam de forma estruturada; a pesquisadora cursava a Escola de Administração do Exército, estabelecimento de ensino que forma os QCO.

Toda esta repetição de primeira e de mulher remete à dimensão da patrona e do ingresso da mulher no EB, a canção do Quadro Complementar de Oficiais de autoria da então primeiro-tenente QCO Alyne Alves Trindade que foi instrutora em 1996. Destaca a presença da mulher no refrão.

⁶⁹ tornar-se, soldado; alistar-se, sentar praça: Ele assentou praça num regimento fora de sua cidade; (Michaelis, on line).

Canção do Quadro Complementar de Oficiais
Exército Brasileiro

No ocaso de outras guerras
Verdes campos, vastas terras
Hoje venho ressaltar
Bravo que não se olvida
O QCO dá sua vida
Pelo progresso a trilhar

Brilha a nossa História
QCO, vela essa glória
Reflete o passado que se viu
Desempenha a sua missão
Por amor a essa Nação
Homens e mulheres do Brasil

Com afinco e prudência
Somos das letras, das ciências
Prontos a assessorar
Nossa força é nosso brio
Ao construir um país
Somando formas de lutar

Brilha a nossa História
QCO, vela essa glória
Reflete o passado que se viu
Desempenha a sua missão
Por amor a essa Nação
Homens e mulheres do Brasil.

(assobio - 1ª estrofe)

Brilha a nossa História
QCO, vela essa glória
Reflete o passado que se viu
Desempenha a sua missão
Por amor a essa Nação
Homens e mulheres do Brasil.

Brilha a nossa História
QCO, vela essa glória
Reflete o passado que se viu
Desempenha a sua missão
Por amor a essa Nação
Homens e mulheres do Brasil

Esta é a primeira letra de canção de arma, quadro ou serviço do exército, que faz alusão às mulheres, numa alusão à Maria Quitéria quando menciona o reflexo do passado e o amor a nação. A Coronel Alyne é integrante da primeira turma e retornou à Escola para formar novos QCO no ano de 1996. Em todos os contatos que tive com ela naquele ano era uma militar vibrante, ciosa de suas atividades e preocupada com a formação de seus instruídos.

A letra da canção do QCO ressalta a importância da mulher no EB, esta perspectiva de colocar a indivíduo militar na letra é uma inovação como também a referência ao passado.

Mária Quitéria de Jesus, tem sua biografia baseada numa única participação em guerras, mas para uma mulher do século XIX, é um grande feito. Baiana de nascimento, participa das guerras pela liberdade de sua terra natal em 1822, quando o Recôncavo Baiano luta contra o dominador português, pois este se nega a reconhecer a Independência do Brasil, esta motivação de Maria Quitéria a lutar pela liberdade questiona a definição sobre o papel do masculino na defesa da soberania, dos ideais, da família, do território.

A necessidade de efetivos fez com que a Junta Conciliadora de Defesa, ..., conclamasse os habitantes da região a se alistarem para combater os portugueses. Maria Quitéria, uma humilde sertaneja baiana, atendeu ao chamado, motivada pelos ideais de liberdade que envolviam seus conterrâneos. Ante a posição contrária do pai, foge de casa e, com o uniforme de um cunhado, incorpora-se inicialmente ao Corpo de Artilharia e, posteriormente, ao de Caçadores, com nome de Soldado Medeiros (Exército Brasileiro, on line).

Após a batalha, seus feitos militares e sua coragem são reconhecidos e a levam ao Rio de Janeiro para a incorporar no Batalhão Voluntários de D Pedro I, sendo oficialmente a primeira mulher a assentar praça no Brasil.

Recebida pelo Imperador, sua fama de bravura a precede quando chega à corte. D Pedro I admirado concede-lhe o soldo de “Alferes de linha”⁷⁰ e a condecoração de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro”⁷¹.

Ao final da guerra é esquecida e morre em 1853, trinta anos após sua glória como soldado, somente 100 anos após, em 1953, o Exército a homenageia inaugurando um retrato seu em cada organização militar, e como mencionado anteriormente é declarada a patrona do QCO, o primeiro quadro que permite o ingresso da mulher de forma estruturada.

A história de Maria Quitéria é retratada de forma romanceada e com destaque para seus feitos militares, porém ela nos incita a questionar a mulher do século XIX. Não existe relatos

⁷⁰ Atualmente seria o equivalente aos postos de subtenente ou segundo tenente.

⁷¹ Criada em 1 de dezembro de 1822 por Dom Pedro I, menos de três meses após a independência, como símbolo do poder imperial. Abolida pela Constituição de 24 de fevereiro de 1891, atualmente é a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul (Ministério das Relações Exteriores, on line).

da vida de Maria Quitéria desde o final da guerra até sua morte, trinta anos de existência apagados. Naquela época as mulheres eram consideradas um ser secundário, uma alegoria.

Escrever sobre gênero é tornar visível os estereótipos, as assimetrias ainda existentes, a construção, a reconstrução ou redefinição de processos de identidade, as temporalidades diversas, os problemas de geração, as experiências, bem como questionar conceitos e enfoques universais, do universo simbólico, da linguagem escrita, oral, pictórica, simbólica ou imaginária por serem núcleos de um sistema de dominação e de poder (Schwartz, 2017, p.23).

No Carnaval de 2020 o trio elétrico de Cláudia Leite homenageia a heroína baiana, como o Carnaval é uma festa popular e de conhecido destaque na cidade de Salvador, a história encontra a cultura popular.

"É uma forma de homenagear as mulheres e evidenciar suas forças e lutas. Há tanta história, tanta persistência e conquista! Só quero mostrar isso a todos, cantar aos quatro cantos o quão maravilhosas somos. Nós, mulheres, podemos tudo.... No meu carnaval, estou usando três pontos na comunicação: mitologia egípcia, com a deusa Nut (fertilidade e universo feminino), a liderança das mulheres (seus espaços conquistados) e a luta com mulheres corajosas sem medo que buscam seus caminhos e os trilham" (Marie Claire, 2020, on line).

Revisitar a história de Maria Quitéria e atualizá-la no carnaval, demonstra que a cultura seja erudita ou popular caminha para uma abordagem da historiografia feminina para renovar as análises sobre a igualdade de oportunidades e acesso da mulher as rotinas de vida da contemporaneidade.



Figura 36: Cláudia Leite vestida de Maria QuitériaFonte:

<https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/02/claudia-leite-homenageia-maria-quitiera-em-trio-em-salvador.html>



Figura 37: Placa comemorativa colocada em Tanquinho, em 1973, 150º aniversário da Independência
 Fonte: foto de Pedro Calmon Aquino/Cortesia

Ó Tanquinho, cultiva a memória
 De Maria Quitéria a heroína.
 Que seu nome enriquece de glória
 E civismo a teus filhos ensina⁷²

Maria Quitéria tem sua história pouco conhecida na região Sudeste, como percebido durante as pesquisas para esta tese, porém a placa e a estrofe do Hino de Tanquinho, demonstram a preservação da memória da Paladina da Independência, outro nome pelo qual a patrona é conhecida.

4.2 Rosa da Fonseca – Patrona da Família Militar

Nas Forças Armadas e no Exército em particular, a participação e apoio da família, são um diferencial para a execução do trabalho; afinal muitas vezes a atividade pressupõe estar disponível 24 horas por dia e a qualquer momento. Outra possível influencia na família são as constantes transferências e a moradia em vilas militares que ocasionam um sentimento de irmandade entre seus ocupantes. Para valorizar os familiares do militar no apoio que prestam aos integrantes do EB foi instituído o dia 18 de setembro como Dia da Família Militar.

Ao instituir o dia 18 de setembro, data natalícia de Dona **Rosa da Fonseca**, a Matriarca Exemplar, como o Dia da Família Militar, o Exército Brasileiro presta a devida homenagem à família, na figura de Rosa da Fonseca, reconhecendo a importância do espírito de sacrifício e de luta, o qual possibilita aos integrantes da

⁷² Estrofe do Hino da Cidade de Tanquinho, <https://www.tanquinho.ba.gov.br/historia>.

Força Terrestre alcançarem o sucesso pessoal e profissional, com o sentimento de dever cumprido, seja qual for a missão (Exército Brasileiro, on line).

Rosa Maria Paulina da Fonseca foi escolhida para patrona da Família Militar, casada com o Major do Exército Imperial Manoel Mendes da Fonseca com quem teve dez filhos, duas mulheres e oito homens, todos ocupam posição de destaque na vida, na política ou na administração pública.

Emília e Amélia estas são as duas filhas de Rosa da Fonseca, nas pesquisas sobre a Patrona da Família Militar a única menção às filhas são seus nomes. Afinal elas não foram consideradas nem para cuidar da mãe, pois quando os irmãos foram à guerra um deles permaneceu com essa responsabilidade.

A imagem à baixo reproduz um retrato de família onde Rosa é ladeada por seus filhos, somente pelos oito filhos, não existe uma representação de suas filhas.



Dona Rosa da Fonseca, Patrona da família militar brasileira, e seus filhos: Hermes Ernesto da Fonseca; Severiano Martins da Fonseca, 1º Barão de Alagoas; Deodoro da Fonseca, 1º Presidente do Brasil; Pedro Paulino da Fonseca, Governador de Alagoas; Hipólito Mendes da Fonseca, General Dr. João Severiano da Fonseca, Affonso da Fonseca e Eduardo Emiliano da Fonseca. Acervo do Museu Casa de Marechal Deodoro, Alagoas

A partir da seta no sentido anti-horário as fotos dos filhos.

Figura 38: Retrato de Rosa da Fonseca e seus filhos

Fonte: Facebook Brazil Imperial <https://www.facebook.com/BrazilImperiu/posts/2518107948519407/>

Na Guerra da Tríplice Aliança sete de seus filhos seguem para os campos de batalha e por decisão conjunta dos filhos, um deles Pedro Paulino permanece para cuidar da mãe já que à época ela já era viúva. Pedro Paulino, o filho que permanece, era tenente reformado do Exército, literato e estatístico, futuro governador de Alagoas e senador federal por esse Estado.

Rosa no início do mês de setembro de 1866 perde o filho caçula, Afonso Aurélio, com apenas 21 anos e no dia 22 de setembro perde outro de seus filhos, o Capitão Hyppólito. Dois anos depois, em 6 de dezembro de 1868, na célebre Batalha de Itororó, as "Termópilas Paraguaias", a primeira das batalhas da "Dezembrada", outro de seus filhos sucumbe ante o fogo inimigo, o Major Eduardo Emiliano. Nessa mesma Batalha, dois outros filhos, Hermes e Deodoro, foram gravemente feridos, sendo que esse último recebera três ferimentos por tiros de fuzil.

Dois episódios ficam marcados na sua biografia: No primeiro durante as comemorações pela vitória em Itororó, ao ser informada da morte de Eduardo e da situação de Hermes e Deodoro, teria dito: *"Sei o que houve. Talvez até Deodoro esteja morto, mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles"*. Atribui-se a ela também colocar a vitória acima da vida e bem-estar dos filhos, pois acreditava que todos tinham ido defender a Nação e muitas famílias perderam entes.

Conhecida como a "Mãe dos Sete Macabeus", faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 11 de junho de 1873, aos 70 anos de idade.

Após o final da Guerra seus descendentes que retornaram vivos têm destaque na vida política: o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, Proclamador da República, Chefe do Governo Provisório e Primeiro Presidente Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil. Seu neto, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, foi o 8º Presidente da República, exerce seu mandato entre 1910 e 1914. Por último o médico militar, General de Brigada João Severiano da Fonseca, escolhido, em 1962, para ser o Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

A data de seu nascimento, 18 de setembro, é o dia da família Militar.

No dia 31 de março de todos os anos ocorre a promoção por escolha dos generais do EB, em 2023 os promovidos foram saudados pelo Chefe do Estado-Maior do Exército que em um dos trechos de seu discurso ressaltou a importância da família na vida do militar.

Dirijo-me agora aos familiares, que merecem nosso preito de agradecimento e especial destaque. Eles, em algum lugar do passado, passaram a caminhar junto aos senhores nesta longa empreitada. Também foram submetidos a uma vida dura e austera, apoiando-os nos momentos mais difíceis e sofrendo com suas ausências. Da mesma forma, assumiram conjuntamente os votos de dedicação integral e sacrifício. Nossa reverência a todos os seus entes queridos, presentes e ausentes, que, certamente, merecem as mesmas congratulações por essa meritória conquista (Exército Brasileiro, on line).

Duas patronas com histórias tão distintas e singulares que a seu modo contribuíram para a construção da Nação, uma quebrou os tabus da época e travestida de homem pegou em armas, outra manteve o padrão esperado de uma mulher resignada, dona de casa, mãe e esposa. O que estas histórias têm em comum com a do patrono do EB, é um dos questionamentos e porque elas só se tornam patronas no século XX, em um momento em que a participação da mulher cresce de importância para o desenvolvimento mundial como colocado nos objetivos da ONU. O século XX acarretou mudanças sociais com a (des) construção do conceito que considera algumas profissões como exclusiva para homens, neste ínterim acontece a urbanização e a necessidade do recurso financeiro advindo do trabalho delas, outro fator que afetou a sociedade à época e ressaltou a importância do trabalho das mulheres foram as duas grandes guerras mundiais.

O patrono do Exército tem sua trajetória de vida e de militar descrito com todos os detalhes diferente das narrativas das patronas, o relato a história de Caxias visa balizar e comparar com a historiografia de Maria Quitéria e Rosa da Fonseca. Além de ressaltar o caráter da criação de significantes para ressignificar feitos militares.

4. 3 Duque de Caxias – Patrono do Exército Brasileiro

O site do Exército Brasileiro relata os feitos do Duque de Caxias e destaca sua bravura, coragem, abnegação, retidão de caráter e serviço à pátria, não há mácula na história do patrono, a narrativa apresenta a crença e visão institucional focada em motivar os militares e permitir uma identificação para aumentar a unidade e motivação.

Parece que é na tentativa de rearticulação a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, a questão da identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação ... O conceito de “identificação”, ... a identificação é constituída a partir do reconhecimento de alguma origem comum (Hall, 2013, p. 105 e 106).

A representação dos feitos históricos permite uma análise por meio dos personagens e realça aspectos de suas vidas que possam inspirar à sociedade a identificação e a motivação para a realização ou o alinhamento com Imaginário Social pretendido, algumas representações quando historicamente relatadas ressaltam aspectos do feito ou personagem, isto lembra que a história é uma versão relatada de um acontecimento é a mistura a ficção com a realidade.

Assim vale lembrar, que as ideologias, utopias, símbolos, alegorias, rituais e mitos compõe e moldam o imaginário social que por sua vez inspiram as condutas e estilos de vida nas (des) continuidades de uma determinada sociedade.

Em São Paulo na Praça Princesa Isabel existe uma estátua equestre de Duque de Caxias e pelas matérias veiculadas à época é possível perceber que a sociedade paulistana e paulista se uniu em torno da sua construção. Naquele momento o mundo passava por algumas rupturas sociais e havia grupos que se organizaram para criar uma identidade nacional baseada em seus heróis e mitos base da construção do imaginário social. A representação monumental perpetua neste imaginário as figuras baseadas na narrativa dominante, então Caxias representava naquele momento um ideal de república e soberania; vale lembrar que no Brasil era o começo do Estado Novo e mundialmente da II Grande Guerra.

Installada oficialmente a Comissão Pró Monumento ao Duque de Caxias

O ACTO TEVE A PRESENÇA DOS SRS. INTERVENTOR FEDERAL, COMMANDANTE DA II REGIÃO MILITAR E SECRETÁRIOS D'ESTADO — DISCURSO DO GENERAL MAURICIO CARDOSO



Aspecto da reunião realizada, hontem, no Q. G. da 2.^a Região Militar, vendo-se presentes os srs. Interventor Federal, general Mauricio Cardoso, Secretários d'Estado e altas autoridades civis e militares

Figura 39: Recorte de jornal sobre o concurso Pró Monumento à Duque de Caxias São Paulo Antiga on line

Após sua morte, em 1880, homenagens ao Duque de Caxias pulularam em todo o país, com nomes de praças, ruas, cidade (*no Estado do Rio de Janeiro*) e, no caso de São Paulo, uma avenida.

Em 1939 o General Maurício José Cardoso, comandante da 2.^a Região Militar, ao notar não haver nenhum monumento ao Duque de Caxias em São Paulo, teve a ideia de criar um movimento para arrecadar fundos com o objetivo de construir um monumento para o patrono do exército brasileiro. (São Paulo Antiga, on line).

Um concurso internacional, cujo nome não é mencionado, foi organizado para a escolha do monumento em 1941, pois São Paulo não possuía, nenhum monumento à Duque de Caxias, naquela época o culto aos vultos históricos era considerável, tanto que o Presidente Getúlio Vargas comparece a exposição, A Taça “Duque de Caxias” no Jockey Club de São Paulo, criada àquela época permanece até os dias atuais, no mês de agosto como Prêmio “Duque de Caxias”. Estive no Jockey Club de São Paulo diversos anos em agosto no Dia do Soldado. Esta pesquisa ressalta o significado daquele turfe e o quanto era tradicional para o Jockey e para o Exército, embora em uma das vezes um antigo chefe relatou que quando chegou em São Paulo em meados de 1980 já havia este grande prêmio.

Além da prova de turfe, dois times da capital paulista realizaram uma partida para angariar fundos.

Em 1941, Corinthians e Palestra Itália tiveram a iniciativa de fazer um pequeno torneio para arrecadar fundos para o monumento. Era a Taça Duque de Caxias, a ser conquistada após dois jogos (ida e volta) disputados no Estádio do Pacaembu.

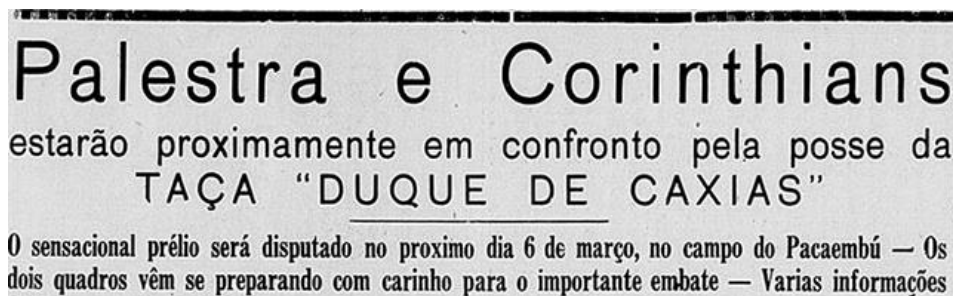


Figura 40: Recorte de jornal sobre a Taça Duque de Caxias
 São Paulo Antiga on line

Com casa lotada nos dois jogos no principal palco paulistano de futebol, o Corinthians sagrou-se campeão ao vencer o adversário por 2 a 1, sendo que no primeiro jogo empataram em 1 a 1 (São Paulo Antiga, on line).

A apropriação do Imaginário Social pela cultura popular permite às mulheres e homens comuns acessarem suas memórias em torno de um ideal. Nota-se que a história contada se encarrega de valorizar as atitudes e pontos necessários a aproximação do imaginário a cultura popular. Perpetuando os mitos e heróis por meio de imagens e monumentos que impressionem.

No período compreendido entre 1939 e 1945 o mundo estava em guerra, o que possivelmente leva os militares a ressaltarem o patrono e seus feitos, por acreditarem que o embate acarretaria o ingresso do Brasil. Na capital federal Rio de Janeiro, já havia um monumento ao Duque, porém São Paulo uma cidade com grande crescimento econômico não possuía referência ao ilustre. A Nação Brasileira ainda em formação carecia de identificação e a criação de um mito, uma figura que pudesse reunir aspectos relevantes e a potencial identificação era necessária. Por isso além da utilização do monumento, foram trazidas manifestações de cultura popular como futebol e turfe⁷³.

“O instrumento clássico de legitimação de regimes políticos no mundo moderno é, naturalmente, a ideologia” (Carvalho, p.9) mas o que é a ideologia senão a disseminação de

⁷³ Jogos de azar como o turfe, permitem a cidadã e ao cidadão comum a perspectiva de um rápido e grande ganho de capital, portanto são populares entre todas as camadas da sociedade. Tendo o turfe inclusive casas filiadas onde é possível realizar apostas de valores diversos.

uma ideia que permeia o imaginário e a representação social, então esta aproximação com a cultura popular torna os regimes políticos próximos ao povo e aos anseios deste.

Ao fazer um paralelo com os dias atuais pode-se pensar que militares estão sempre prontos para o combate como visto em outro trecho do discurso aos promovidos de março de 2023.

Temos que estar sempre em condições de, junto com as nossas Forças coirmãs, a Marinha do Brasil e a Força Aérea Brasileira, garantirmos a autonomia para que a sociedade brasileira decida o rumo de nossa Pátria. Assim, não só devemos estar prontos para entrar em combate, como devemos estar prontos para ganhar a guerra, ser uma Força respeitada pelo nosso povo e temida por aqueles que, porventura, queiram atentar contra a nossa soberania (Exército Brasileiro, on line).

Como nos anos 1940, hoje o Brasil não está em combate com outra nação, mas os militares por formação estão sempre com a percepção de vigilantes para possíveis confrontos. Na formação o imaginário dos militares sobre si próprios os primeiros acreditam serem defensores das vontades e virtudes da Nação e sua soberania.

No concurso o escultor Victor Brecheret foi o vencedor, o escultor Galileo Emendabili, autor do Obelisco do Ibirapuera ficou com a segunda colocação.

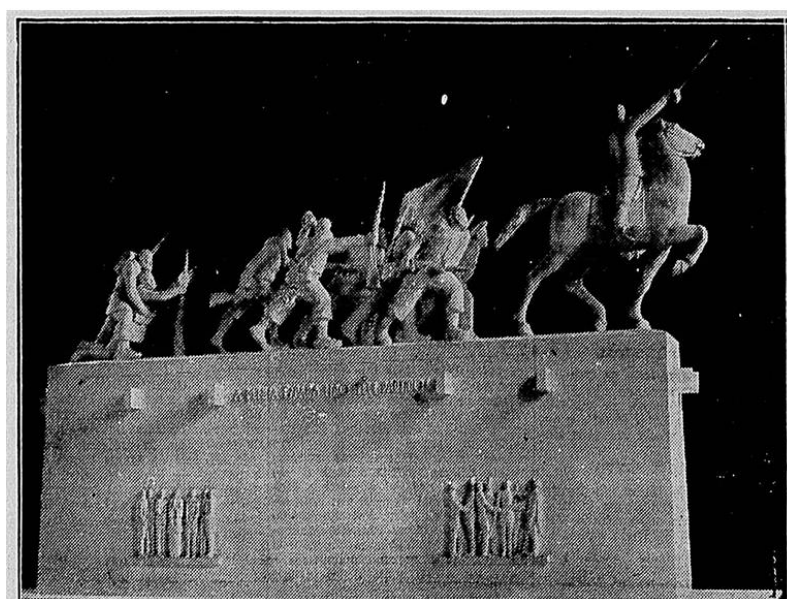


Figura 41: Monumento idealizado por Emendabili, chamado de “Passagem da Ponte”, 2º colocado no concurso

Fonte: São Paulo Antiga on line



Figura 42: Vista da estátua equestre de Duque de Caxias de Victor Brecheret

Fonte: Pinterest

... o monumento é construído com o objetivo de rememorar algo, pela relação que possui com o passado, que é constantemente lembrado ao entrarmos em contato com o monumento. É o caso de esculturas comemorativas, obeliscos, alegorias etc. Enfim, construções que servem como mediação entre algum acontecimento passado e o tempo presente. São geralmente localizadas em locais públicos, e suas funções são rememorar eventos ou pessoas consideradas importantes em determinada situação histórica (Bezerra, 2012, p. 5).

Anteriormente foi apresentada uma imagem do quadro “A Proclamação da República” onde o Marechal Deodoro está à frente de sua tropa comemorando a recém proclamada República, esta estátua apresenta diferenças marcantes com aquele quadro, aqui o cavalo é representado de forma a transmitir uma força, com sua postura de passo em marcha e o Duque de Caxias garboso com sua espada em riste, pronto a comandar sua tropa em batalha; são pontos que num primeiro olhar podem passar despercebidos, porém ao analisar com mais atenção ressaltam a narrativa de Caxias como Patrono do Exército e com características de lealdade e amor à Pátria, capazes de inspirar atitudes por parte de outros homens e mulheres.



Figura 43: Vista lateral da estátua equestre de Duque de Caxias de Victor Brecheret

Fonte: Pinterest

Segundo a Professora Dra. Maria Izilda Matos, em Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Educação, Artes e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie proferida em 2022, os monumentos são processos de construção de memória, provocando identificação e coesão, a mobilização de práticas oficializadas pelo estado e elites. Definem a memória, os cultos a mitos e personagens históricos, tornando-se partes integrantes da cidade.

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação voluntário ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos (Le Goff, 1990, p.536).

Embora o monumento perpetue a representação de uma personagem ou um fato, contrariamente ao que o positivismo pregava, sua representação visual algumas vezes ressalta o relato histórico e afeta as pessoas pela sua grandiosidade, enquanto a narrativa embora valorizada pelo positivismo necessita de uma interpretação para sua assimilação

A infância de Luiz Alves de Lima e Silva, que mais tarde se torna o patrono do exército, pouco retratado, pois a biografia ressalta seus feitos militares para inspirar nas novas gerações atitudes espelhadas na do patrono. O que se sabe é que o menino Luiz esteve sempre próximo da carreira das armas e do imperador D Pedro I. Seu pai, Francisco, apresenta a corte o bebê Pedro, que mais tarde seria o segundo imperador do Brasil. O Marechal Francisco de Lima e Silva, pai de Duque de Caxias integra a Regência Trina Provisória, enquanto seu tio José Joaquim de Lima e Silva participa ativamente dos movimentos pela independência do Brasil na província da Bahia. Era uma família de tradição militar e próxima ao Império. Então o caminho esperado para Luiz era o ingresso na Academia Real Militar, seguindo o caminho de seu pai e tio. Por sua proximidade com o Imperador organiza a Imperial Guarda de Honra e o Batalhão do Imperador, após a Proclamação da Independência.

Aplaca diversas revoltas, como na Bahia onde há um movimento contrário a independência. Como sua família possuía ligações com o Império tem o respeito e confiança do Imperador e deste recebe títulos e comandos sucessivos por ser considerado bravo e competente, características que imaginasse que todo militar deva ter até os dias de hoje, como visto nos atributos da profissão no capítulo dois.

"Caxias simbolizava a revolução subjugada. Essa princesa do Itapicuru havia sido mais que outra algema aflagrada dos horrores de uma guerra de bandidos; tomada e retomada pelas forças imperiais, e dos rebeldes várias vezes, foi

quase ali que a insurreição começou, ali que se encarniçou tremenda; ali que o Coronel **Luiz Alves de Lima e Silva** entrou, expedindo a última intimação aos sediciosos para que depusessem as armas; ali que libertou a província da horda de assassinos. O título de “**Caxias**” significava, portanto: – disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória”, explica o seu biógrafo Padre **Joaquim Pinto de Campos** (Exército Brasileiro, on line).

Continua sua vida militar ilibada e mesmo sem se candidatar é eleito senador pelo Rio Grande do Sul. Porém ao eclodir uma nova guerra no Sul é novamente nomeado presidente da província e Comandante-chefe, agora organiza o exército do sul, a Guerra da Tríplice Aliança, contra o as Forças Paraguias de Solano Lopes, imortaliza a figura de chefe militar de Caxias, o Pacificador, considerado um militar respeitoso com seus oponentes. Esta é a versão oficial conhecida e referenciada, porém como dito é um olhar e interpretação sobre a história; possivelmente difere da ótica dos voluntários da pátria que foram esquecidos pelo império, ou os tantos escravizados que se alistaram e ao voltar a corte continuavam a margem da sociedade.

A guerra constitui um claro exemplo de como a História, sem ser arbitrária, é um trabalho de criação que pode servir a vários fins. Na versão tradicional da historiografia brasileira, o conflito resultou da megalomania e dos planos expansionistas do ditador Paraguai Solano Lopez. Membros da Forças Armadas – especialmente do Exército – encaram os episódios da guerra como exemplos da capacidade militar brasileira, exaltando os feitos heroicos de Tamandaré, de Osório e, em especial, de Caxias (Fausto, 2019, p.178)

Diversos traços e particularidades da América colonial, palco da Guerra da Tríplice Aliança, podem influir na interpretação das concepções correntes da época em estudo e ter um olhar diferente dos eventos e das personagens, porém não é o objetivo desta tese analisar diversas interpretações.

... as questões são dadas pela análise dos significados impressos no tempo da elaboração da obra de arte, podendo lê-la não como um reflexo de sua época, mas como um acesso a formas de sentir e expressar o mundo, implicando não mimesis, mas muitas vezes distorção, transformação ou mesmo oposição frente ao real (Pesavento, 2003, p.113).

Ao finalizar a leitura destas historiografias, o relato de Caxias apresenta maior riqueza de detalhes, o que leva a reflexão da importância conferida as mulheres naquela época e pensando atualmente quais os conceitos e aprendizagem legados as gerações futuras.

Como dito no princípio deste relato, esta é a versão oficial da Instituição Exército Brasileiro, nesta tese busca-se a todo momento ressaltar que as narrativas históricas possuem

componentes ficcionais, levadas pelas crenças pessoais e coletivas de uma sociedade ou por se considerar uma necessidade social na época.

A figura de Duque de Caxias, e seu legado de pacificador e patrono do exército possui controversas, algumas contextualizadas a seguir: até o início do século XX o grande herói militar brasileiro era General Osório. Porém do primeiro golpe militar Brasileiro, a Proclamação da República, ao Tenentismo, teve somente no exército 7 levantes que ocasionaram a indisciplina e a politização e criam a necessidade de uma imagem capaz de unir os militares. Então, em 1925, o Ministério da Guerra instituiu o dia 25 de agosto, nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva, o Dia do Soldado, e, o transformam em exemplo de virtudes militares.

Durante a revolução de 1930, Góes Monteiro, acredita que as Forças Armadas eram a única instituição verdadeiramente nacional e transcende a memória de Caxias de um processo interno de reestruturação do exército para um projeto de reestruturação política.

Neste contexto e mais próximo a esta tese, pode-se pensar na criação do *ethos* militar, a partir da figura do patrono. Caxias quando frequentou a escola militar, e este nem era um quesito para ser militar, a instituição era desmilitarizada, o regime era externato, as regras disciplinares eram as mesmas das escolas civis. Suas primeiras missões são a repressão aos levantes internos, Balaiada, Farroupilha⁷⁴, por exemplo, onde guerreou contra caboclos, índios pretos e pardos, libertos e livres, ou seja, os cidadãos brasileiros.

“Exército de Caxias”, tanto quanto a ideia de pacificação, pertence a uma mesma tradição militar, incompatível com a Democracia. Nas Democracias, o Exército cuida exclusivamente da defesa de inimigos externos. Nunca se envolve em política. Para resolver conflitos e disputas internas, no limite, há polícias, e que não são – vale destacar – militares (Barreto, 2023, on line).

Esta tese contextualiza os trinta anos do ingresso da mulher no EB por meio do concurso para o QCO, então a percepção do detalhamento do relato da vida de Caxias contrasta com os relatos das vidas de Maria Quitéria e Rosa da Fonseca ressaltando diferenças nos modos de vida e realizações cotidianas esperados para mulheres e homens.

⁷⁴ São duas das revoltas que ocorreram no Brasil durante o Período Regencial, ou seja, os anos entre 1831 e 1840 época marcada pela instabilidade política, falta de um governo presente e unificador e má qualidade da condição de vida da população.

Procura-se com isto a reflexão das atitudes necessárias para a igualdade de oportunidades para mulheres e homens. Além de contribuir para que se atente as experiências das comuns retratadas pela História Oral a respeito de um período.

4.3 (In) Visibilidades e (des) conhecimento das Patronas e do Patrono

O estabelecimento da cultura é a representação histórica das narrativas sobre os ângulos escolhidos que trazem um olhar sobre a verdade para as gerações futuras.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando... que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 1978, p.15).

A Representação serve para reproduzir os fatos e através da memória criar o sentido pretendido, é um simulacro afinal “Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir” (Baudrillard, 1991, p. 9) a criação da cultura organizacional em uma instituição perene passa pela simulação e que cria uma escala de valores baseada na história.

Os significados intrínsecos realçam os feitos militares, e estabelecem a identidade da instituição facilmente percebida quando o militar se relaciona na sociedade. “De certa maneira, os arquétipos são um repertório de imagens e temas comuns à experiência humana que se manifestam de forma simbólica no inconsciente coletivo.... O arquétipo é uma história uma narrativa” (Martino, 2014, p.240), as narrativas históricas abrangem a experiência humana, mantem a história e os mitos vivos e constantes na sociedade, além do estabelecimento da ordem social.

Roger Chartier e Carlo Ginzburg trazem o conceito da micro história transformando o procedimento da apuração dos fatos para modelos interacionais ou etnometodológicos⁷⁵, que demonstram as representações culturais vigentes, desta forma os fatos e uma situação em

⁷⁵ esta metodologia permite observar as interações para entender os trâmites da cultura e das aprendizagens na convivência e nas instituições.

particular produziriam o mundo social, como no caso dos feitos das patronas e do patrono, embora relatem a vida de um indivíduo tomam a dimensão de narrativa histórica institucional ao criar a identidade.

O objeto da história não são, portanto, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, independentemente de qualquer influência objetiva, as relações sociais, mas as racionalidades e as estratégias executadas pelas comunidades, parentelas, famílias, indivíduos (Chartier, 2002, p.84).

Michel de Certeau (2011) reflete que a utilização das ficções permite a historiografia produzir modelos para a sociedade ou questionar os existentes criando hipóteses, mas baseando a relação que o historiador mantém com a realidade conhecida. Roger Chartier ressalta, ainda a importância da representação da História, afinal a Cultura é um emaranhado de conceitos incorporados e aceitos como verdade em uma determinada época e que sofre alterações de acordo com as práticas vigentes e dominantes.

... qualquer narrativa que relate “o que se passa” (ou o que se passou) institui algo de real, na medida em que se considera como a representação de uma realidade (do passado). A historiografia adquire esses poderes enquanto ela apresenta e interpreta “fatos” (Certeau, 2001, p. 49).

O relato da vida das patronas e patrono vai além da apresentação de um passado, mas produz uma representação social simbólica da identidade organizacional e participa da produção de narrativas que segundo Michel de Certeau (2011) geram um sistema de comunicação e interpretação dos acontecimentos.

Ao iniciar os questionamentos para esta tese e como primeira aproximação sobre o conhecimento das patronas e do patrono foi feita uma enquete em sala de aula e na sala dos professores e professoras, onde se questionou o conhecimento destas e deste.

Os gráficos a seguir retratam as respostas obtidas sobre o conhecimento das patronas e do patrono. Embora sejam em sua maioria profissionais da área de ensino, Maria Quitéria é desconhecida de mais de 60 por cento.

Conhece Maria Quitéria de Jesus?
19 respostas

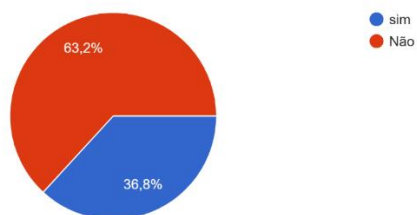


Figura 44: Gráfico conhecimento sobre Maria Quitéria

Rosa da Fonseca é completamente desconhecida como personagem e como patrona.

Conhece Rosa da Fonseca?
19 respostas

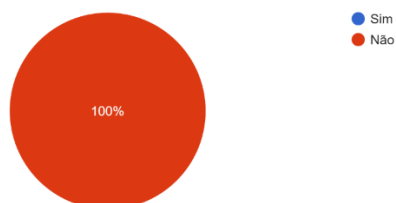


Figura 45: Gráfico conhecimento sobre Rosa da Fonseca

Poucos conhecem o nome do Duque de Caxias, conforme o gráfico abaixo.

Conhece Luiz Alves de Lima e Silva?
19 respostas

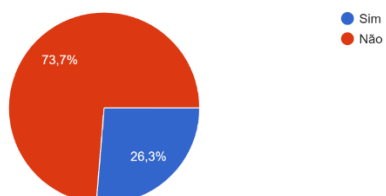


Figura 46: Gráfico conhecimento sobre Luiz Alves de Lima e Silva

Conhece Duque de Caxias?
19 respostas

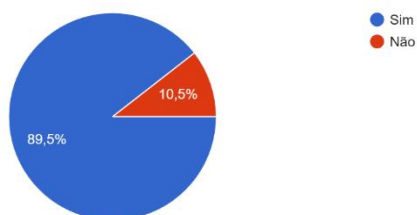


Figura 47: Gráfico conhecimento sobre Duque de Caxias

A apresentação dos gráficos permite perceber o desconhecimento das patronas e até mesmo do nome de Duque de Caxias, que com essa alcunha é até mesmo citação de valor moral ou profissionalismo.

Nesta tese optou-se por não descrever a criação de cada um dos patronos de armas e a forma como seus feitos são relatados e sim problematizar o feminino e o masculino com o entrelaçamento dos relatos anteriormente apresentados das duas patronas (Maria Quitéria, e Rosa da Fonseca) e do patrono (Duque de Caxias).

As biografias ressaltam diferentes prismas do feminino e masculino. Maria Quitéria é a filha arqueira, que após o pai ficar viúvo e se casar pela segunda vez, não se entende com a madrasta, passa algum tempo em atividades externas e aprende a lidar com a natureza e as armas, sem ter sido educada para isso, e sim, tendo aprendido como um ato de rebeldia.

Ao saber da situação de sua província, atual estado da Bahia, que lutava pelo reconhecimento da independência, quer participar desta luta e mesmo sem o consentimento do pai, consegue o apoio da irmã. Uma outra mulher entende o desejo e sentimento de Quitéria, a acolhe e ajuda, importante frisar que no século XIX, as mulheres eram invisibilizadas e talvez somente entre elas conversassem seus desejos e preocupações mais íntimos.

Outro ponto para reflexão é que embora Quitéria seja considerada uma boa combatente, tendo inclusive recebido a Ordem Imperial, ela se retira da vida pública para desempenhar o papel esperado para uma mulher, o casamento e maternidade e sofre um apagamento de trinta anos até seu falecimento.

O relato de Rosa da Fonseca apresenta mais características do patriarcado, ao ressaltar sua condição de mãe dos sete Macabeus sua importância resume-se a renunciar a seus filhos pelo bem da nação. Falta-lhe uma narrativa de sua vida ainda mais quando comparada à Luís Alves de Lima e Silva que tem sua trajetória narrada desde seu pai e tio que já participavam da vida política, resalta sua importância e características não somente em batalhas, também na vida pública, sua vida privada é relatada em segundo plano como somente mais um a fazer. Sua importância cresce enquanto homem de bem e pacificador. Sua participação nos diversos combates para efetivação da soberania, associa sua personagem a atitudes nobres e ao ideal de soberania, além de sua vida pública e participação política serem retratadas até sua velhice,

conforme a narrativa, mesmo quando não se candidata é eleito, talvez por sua conduta ilibada e por atender aos clamores populares.

Estas diferenças nos levam a pensar que as instituições perenes baseiam seus preceitos em ideias míticas, para ressaltar e o imaginário. Na sociedade este imaginário da vida militar é revestido do mito do herói, do protetor, do líder, do conquistador, do vitorioso, do indivíduo que transcende seus próprios medos em prol de um bem maior e social e da doação integral da existência em favor de sua comunidade. Geralmente o masculino.

No século XIX a crença da inabilidade feminina para a carreira das armas era defendida pela ciência, “... pouco a pouco, foram sendo subjetivadas várias indicações que valorizavam a mulher dentro do espaço do lar e da família. O discurso médico infiltrou-se” (Moraes, 2021, p. 45). Era a era dos higienistas que desenvolveram métodos considerados científicos para defender a diferença entre o feminino e masculino ao considerar a estrutura física da mulher e seu tamanho de crânio como impedimentos para o desenvolvimento de habilidades intelectuais e de luta, bem como a necessidade de domar a natureza do feminino por meio de um masculino, geralmente pai ou marido que seria seu tutor.

A partir destas reflexões no próximo capítulo são apresentadas proposições e considerações sobre o tema que apresenta cotidianamente aprendizados e possibilidades diversas sobre a atuação das mulheres na instituição militar.

Proposições e considerações⁷⁶

**“Se uma mulher tem poder,
por que é que é preciso disfarçar que tem poder?
Mas a triste verdade
é que o nosso mundo está cheio de homens e de mulheres
que não gostam de mulheres poderosas.”
Chimamanda Ngozi Adichie**

⁷⁶ Optou-se por trazer as proposições analisadas em conjunto com as considerações, desta forma há algumas ilustrações e citações que contextualizam as análises e achados desta tese.

Nos capítulos anteriores, a História de Si foi entrelaçada com a História Oral das entrevistadas para retratar o ingresso da mulher de forma estruturada na carreira militar, por meio do QCO com início em 1992. Estes relatos ressaltam como estas militares se percebem na instituição EB. A narrativa das comuns permite traçar uma época da história, o relato do marido e do filho da pesquisadora, demonstram nuances da interação da família militar. Ao contextualizar algumas veiculações em mídias oficiais do Exército Brasileiro pode-se observar modificações na forma de retratar as integrantes da instituição.

Fruto dos indícios encontrados durante a coleta das vivências e de informações veiculadas na mídia percebe-se que parte da sociedade anseia por uma participação igualitária no acesso das mulheres a carreira militar. Em outubro de 2023, “A Procuradoria-Geral da República (PGR) ajuizou três Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADIs 7500, 7501 e 7502) no Supremo Tribunal Federal (STF) contra dispositivos legais que limitam o acesso de mulheres a alguns cargos na Aeronáutica, na Marinha e no Exército” (Supremo Tribunal Federal, 2023, on line). No entendimento da PGR o recrutamento por meio de concurso deve ser universal, ou seja, todas as brasileiras e todos os brasileiros terem as mesmas possibilidades e serem classificados pelo desempenho intelectual, psicológico e físico, afinal a Constituição Federal não faz distinção de gênero.

Cada uma das Forças singulares coloca óbices ao ingresso da mulher, porém de forma indireta. A Lei 12.464/2011 não proíbe o ingresso de mulheres em nenhuma área da Força Aérea Brasileira, porém, cita como impedimentos habilidades, atributos e desempenho físico que somente candidatos homens conseguiriam atingir. Na Marinha do Brasil, a Lei 9519/1997 permite ao Comandante definir em quais escolas de formação e cursos e em quais capacitações e atividades serão empregadas oficiais dos sexos feminino e masculino. Além disso, a norma determina que os percentuais dos cargos destinados a homens e mulheres sejam fixados por ato do Poder Executivo. Assim, não há clareza sobre a seleção para ingresso. O Exército Brasileiro, que além de ter o ingresso da mulher problematizado nesta tese e ter sido a última Força a permiti-lo, pela Lei 12.705/2012, regulamenta os requisitos para acesso aos cursos de formação de oficiais e de sargentos de carreira, estabeleceu que o ingresso de mulheres na linha militar bélica seria viabilizado em até cinco anos, ou seja 2017. Porém esta previsão manteve linhas de ensino não acessíveis a mulheres, direcionadas exclusivamente aos homens.

Estas práticas vão em sentido contrário ao ODS 5 da ONU “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” e a recomendação da entidade de um aumento na participação feminina em missão de paz

Aumentar a participação integral, igualitária e significativa nas Forças de Paz da ONU tornou-se uma das principais prioridades do meu departamento”, disse Lacroix que “está ancorado” nas resoluções do Conselho de Segurança sobre mulheres, paz e segurança e na iniciativa Ação para Manutenção da Paz (A4P) do secretário-geral (Nações Unidas Brasil, on line).

Segundo o secretário embora o caminho a percorrer seja longo já é perceptível o progresso da participação feminina e lideranças com perspectivas diversas permitem aprimorar as operações além de maior diversidade nas decisões. Reconhecer a liderança feminina e criar ambientes propícios na Sede e em missões permitirá maior efetividade e igualdade de gênero, ainda segundo o secretário é importante que os países contribuintes reconheçam a paridade de gênero como uma prioridade política.

As Forças Armadas Brasileiras têm aumentado a participação das mulheres indo ao encontro da estratégia de paridade gênero da ONU 2018-2028, que ao final desta década objetiva atingir 25 por cento de participação feminina. Atualmente a participação de mulheres militares brasileiras é de 21,5 por cento, um dos óbices é a existência de vagas em escolas militares com exclusividade para homens, pois algumas missões isoladas, como observador militar necessita que a ou o integrante tenha uma formação na LMB e um posto de oficial intermediário ou superior.

As mulheres que se destacaram possuíam missões ligadas a igualdade de gênero, ou seja, mesmo quebrando barreiras ainda atuam em funções consideradas de acolhimento.

Na MONUSCO, desempenhei a função de conselheira de gêneros na Força de Brigada de Intervenção em Beni, no Congo. Lá tive a oportunidade de ter um maior contato com a população local, em especial as mulheres e crianças, e pude, juntamente com os Pontos Focais de Gêneros dos Batalhões, o Time de Engajamento Feminino e o Conselheiro de Gênero do componente civil, realizar atividades em prol de promover a agenda de Mulheres, Paz e Segurança, principalmente no que tange à integração da perspectiva de gênero na missão, prevenção de violência sexual relacionada em conflito, exploração e abuso sexual, proteção de crianças e promoção da igualdade de gênero”, contou à Diálogo, em um comunicado, a Ten Cel Bastos (Diálogo Américas, on line).

O incremento da participação feminina, ainda acontece por meio de nichos reservados a elas. Ao estudar a inserção da mulher nas Forças Armadas e em especial no Exército Brasileiro percebe-se que a mudança é decorrente das modificações sociais advindas e de uma maior participação feminina na vida pública, mas a atividade de defesa continua a ser costumeiramente pensada como pertencente ao masculino, afinal há valor agregado a imagem de protetor e uma obrigação natural do homem em proteger a mulher, como um ser indefeso e submisso.

A violência de certas reações emocionais contra a entrada das mulheres em tal ou qual profissão é compreensível, se virmos que as próprias posições sociais são sexuadas, e sexualizantes, e que ao defender seus cargos contra a feminilização, é sua ideia mais profunda de si mesmo como homens que os homens estão pretendendo proteger, sobretudo no caso de categorias sociais como os trabalhadores manuais, ou de profissões como a das forças armadas, que devem boa parte, senão a totalidade, de seu valor, até mesmo a seus próprios olhos, à sua imagem de virilidade (Bourdier 2011, p. 115).

Realçar nuances da percepção das militares quanto a sua atuação possibilita refletir sobre uma equidade nas formas de ingresso e na distribuição de missões, portanto a micro-história das vivências e experiências das entrevistadas, permite descortinar a cultura do momento atual, onde a sociedade passa por transformações na representação e no papel social da mulher.

Esta tese por meio da História Cultural, História de Si e História Oral contextualizou nuances dos sentimentos e vivências das pessoas comuns para retratar o momento, porém a atualidade apresenta-se muito volátil a mudanças, questionamento de paradigmas e ideias pré-concebidas portanto, após diversas reflexões esta tese contribui para os estudos sobre o papel da mulher numa abordagem interdisciplinar, não fragmentando os papéis sociais e os possíveis caminhos para uma crescente equidade nas oportunidades e tratamentos. As conquistas dos direitos da mulher são fatos recente na história e ainda carecem de estudos e proposições para sua consolidação na sociedade, por ser um estudo interdisciplinar; com caráter pedagógico, histórico atento aos discursos; as proposições apresentadas consideram que a indivíduo necessita de condições igualitárias aos homens para a plenitude de sua inserção e desenvolvimento.

O ano de 2024 inicia com discussões no Superior Tribunal Federal (STF) a respeito de paridade nas possibilidades de acesso da mulher a carreira militar. Destaca-se a notícia abaixo:

consideraram que as mulheres são aptas a exercer os referidos cargos, como admitem por intermédio da própria norma impugnada, não é plausível estabelecer limites ou restrições ao exercício desse direito fundamental, sob pena da configuração de manifesto tratamento discriminatório”, disse Elizeta na ação (Folha de São Paulo, on line).

A reportagem permite questionar a equidade de oportunidades e acesso dada a mulher nas Forças Armadas e em especial no Exército e os pilares constitucionais para estas decisões. Percebe-se a relutância organizacional para o acesso irrestrito de cinquenta por cento da população. A discussão a respeito do objeto de pesquisa desta tese segue seu próprio caminho num emaranhado de mudanças que a sociedade apresenta desde a metade do século XX. Nota-se, também, que a dificuldade de acesso a mulher não é um caso isolado do Brasil e sim de vários países que no decorrer dos anos viram as mulheres saírem a vida pública.

Além do questionamento trazido com a reportagem a pesquisadora teve contato com alguns livros que descrevem as vivências e experiências de mulheres nas Forças Armadas do Brasil, como o da tenente-coronel Maria das Graças Andrade de Jesus que embora não tenha sido entrevistada relata sua experiência na Missão de Paz no Haiti e destaca que

O ingresso feminino em todas as funções militares era previsto na Carta das Nações Unidas de 1945 (...) e a assertiva de que homens e mulheres deveriam ter os mesmos direitos ao exercerem funções públicas também foi declarada na Convenção sobre os direitos políticos das Mulheres das Nações Unidas de 1953 (De Jesus, 2022, p.108).

A militar por meio de entrevistas e considerações reflete sobre o incremento da participação feminina nas Forças Armadas e em Missão de Paz, percebe-se que o assunto reverbera em pesquisas e depoimentos de militares de diversos países ocidentais em “A guerra de Ashley” há depoimentos de militares norte americanas que ao passarem por treinamentos como membras da Equipe de Apoio Cultural em ligação com mulheres afegãs em apoio as tropas de Forças Especiais, foram hostilizada por companheiros homens que acreditavam que ter militares mulheres em suas divisões seria um fardo, ou seja, elas necessitariam de auxílio para locomoção em terrenos difíceis e seriam alvos dos oponentes, além de não agregarem poder de combate a tropa.

A mulher em questão preparou-se fisicamente para aguentar transportar sua mochila e acompanhar o ritmo de marcha. Ainda assim precisou provar seu valor e ser desqualificada durante o treinamento. “Olha, as mulheres têm uma constituição física diferente dos homens.

Isso é um simples fato. Você vai ser apenas uma responsabilidade” (LEMMON, 2018, p.128). Somente em 2020 o Exército Americano passou a ter mulheres Boinas Verdes como são chamados os e as integrantes das Forças Especiais.

Uma história inesquecível de mulheres soldados rompendo barreiras à ascensão feminina no meio militar. As mulheres que responderam à convocação dos Estados Unidos para servir mostram que nossas forças armadas são mais fortes quando empregam as duas metades da população. Sheryl Sandberg (Lemmon, 2018, contracapa).

Embora citações como a deste livro demonstrem a real possibilidade de mulheres e homens desempenharem atividades em conjunto sem uma divisão por ser mulher ou homem, as permanências ainda são encontradas na sociedade e advêm de ideias consolidadas e representações sociais em constante mudança.

Durante muito tempo, a mulher foi representada na sociedade como um sexo frágil, submisso e com um único papel – a reprodução. Desde a Grécia antiga, grandes filósofos como Aristóteles, já sustentavam essa ideia de submissão da mulher e da superioridade do homem. A partir da institucionalização da família, da propriedade privada e do acúmulo de bens, a sociedade vai ser caracterizada pelo modelo patriarcal e o papel “doméstico” da mulher será cada vez mais afirmado (Mendes; Vaz; Carvalho, 2015).

Com a aceleração da urbanização os papéis sociais foram redimensionados, enquanto na vida no campo as atividades da casa e da criação ficavam por conta das mulheres, a vida na cidade trouxe a necessidade de que todos contribuíssem com o custeio, impelindo a mulher ao trabalho fora de casa, mesmo sem os mesmos direitos que os homens, pois além de ganhar menos eram tuteladas por seus pais e maridos, não possuindo poder de decisão sobre seus corpos, filhos até mesmo sobre o salário que recebiam. Nas classes sociais mais abastadas as mulheres limitavam-se a cuidar do lar.

O cotidiano das mulheres brasileiras no século XIX baseava-se muitas vezes nos afazeres domésticos, ... Muitas mulheres deveriam seguir os ideais católicos de família, onde elas tinham obrigações quando jovens, casadas e até mesmo quando viúvas. Uma característica tanto do pensamento católico, que tentava se impor a todo momento, quanto do pensamento positivista, era acentuar a divisão entre o trabalho externo e a vida no lar. ... a mulher deveria manter-se afastada da vida social e considerar a reclusão no lar como seu único e devido espaço. Dessa forma, muitas delas, principalmente das classes com mais condições financeiras, inicialmente não tinham interesse de instrução e nem de participação política na sociedade, e se por acaso houvesse, essas seriam tidas como mulheres desprezíveis, pois não se enquadravam nos moldes conservadores que a Igreja e muitos juristas recomendavam e faziam

grandes esforços para evitar qualquer alteração na ordem social, qual queriam consolidar cada vez mais no país (Da Cunha, 2014, on line)

O espaço para as mulheres nas Forças Armadas é um território onde mesmo com os avanços ainda há muito a ser conquistado, afinal as legislações garantem direitos iguais às mulheres, porém são ainda conquistas recentes e que vão de encontro às posturas anteriormente aceitas.

As Forças Armadas Brasileiras possuem portarias específicas que regulamentam seus quadros, efetivos, e muitas vezes restringem o acesso das mulheres. Na Força Aérea Brasileira, a Lei 12.464/2011, no seu parágrafo 7º prevê que os testes de habilitação física serão de acordo com critérios previamente definidos e faz diferenciação entre os sexos.

O teste de avaliação do condicionamento físico do processo seletivo avaliará a higidez e o vigor, por meio de exercícios e índices mínimos a serem alcançados, fixados por sexo e definidos em instruções da Aeronáutica, de modo a comprovar não existir incapacitação para o serviço militar nem para as atividades previstas. (Senado Federal, 2011, on line).

Na Marinha do Brasil, a Lei 9519/1997 regulamenta os postos que serão exercidos por militares do sexo masculino.

Art. 9º Os Oficiais da Marinha de ambos os sexos, são iguais em direitos e obrigações nos termos da Constituição, observados os valores, princípios e normas nela estabelecidos.

§ 1º Na conciliação, obrigatória, entre as exigências do preparo do Poder Naval e sua aplicação em situações de guerra e crise, e a observância dos valores constitucionais de proteção do Estado à família, obedecer-se-á ao seguinte:

I - serão ocupados por Oficiais do sexo masculino os cargos, respectivos, do Corpo da Armada e do Corpo de Fuzileiros Navais; (Camara dos Deputados, 1997, on line).

No Exército Brasileiro, que é a instituição estudada nesta tese, a Lei 12.705/2012, estabelece em seu Artigo 7º que: “O ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deverá ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data de publicação desta Lei” (Presidencia da República, 2012, on line). A partir do ano de 2017 há o ingresso da mulher na Linha Militar Bélica (LMB), porém até o ano 2023 a elas só é permitido escolherem entre o Serviço de Intendência ou o Quadro de Material Bélico, em 2024 há, também, a possibilidade de escolha da Arma de Comunicações. O Decreto 3.182/1999,

regulamenta a Lei 9.786/1999, que dispõe sobre o ensino no EB e em seu Art 4º prevê “O planejamento, a execução e o controle da instrução militar no Exército serão regulados em ato do Comandante do Exército” (Presidência da República, 1999, on line).

Desta forma, embora seja permitido o ingresso da mulher os Comandantes podem dirimir sobre quantidades de vagas e carreira serão franqueadas a elas em cada concurso.

Neste ano de 2024 como citado acima a procuradora Elizeta Ramos está a questionar a reserva de vagas para homens nos concursos da LMB, embora haja experiências positivas das mulheres em postos diversos em outras nações pertencentes a OTAN.

O questionamento desta tese sobre os impactos e percepção das integrantes em relação aos caminhos futuros na instituição militar continua em aberto e soma esforços para um acesso mais igualitário das mulheres nas Forças Armadas, em especial no Exército Brasileiro. Embora, esta tese não tenha conseguido perceber como serão estes caminhos, espera-se que trabalhos como este ao discutir as aspirações e percepções de pessoas envolvidas nas situações tragam novas perspectivas de análise no futuro.

O conhecimento do ser humano sobre o mundo a sua volta é uma construção coletiva e compartilhada onde cada pesquisa traz questionamentos e contribui com o entendimento de posturas, modos de vida e costumes. O Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura permite que nesta tese interdisciplinar, múltiplas histórias tracem um panorama do momento atual com a utilização da metodologia da História Oral para retratar a vivência e a experiência do sujeito, neste caso “sujeita”. A História Cultural ressalta e contextualiza a influência dos mitos fundadores nos hábitos, palavras, costumes e representação social; desde a colonização e formação da Nação Brasileira aos dias atuais.

A reflexão sobre o papel social esperado da mulher e suas modificações no decorrer do tempo possibilitam a percepção das mudanças sociais advindas em especial a partir da segunda metade do século XX, onde após a Segunda Guerra Mundial a sociedade empreende ações em busca de uma maior igualdade entre os papéis sociais das mulheres e dos homens. A observação participativa permite a proximidade com a instituição Exército Brasileiro e entendê-la como parte de uma sociedade em constante mudança em especial no objeto desta tese, o papel social da mulher.

O EB esteve presente em diversos momentos da História do Brasil e em alguns seus integrantes acreditavam estar defendendo os anseios da população por esta razão possui uma estrutura sólida e perene com uma identidade propícia a sua própria manutenção. A criação da imagem da instituição perpassa pelas patronas e patronos, mitos capazes de manter o status quo e criar generalizações e padronizações que permitam o mínimo de transformações da cultura organizacional. Estes preceitos tomam fundamental importância para manter os pilares de hierarquia e disciplina e evitar questionamentos de ordens. Desta forma o Exército Brasileiro mantém suas tradições e a crença de seus integrantes em atender os anseios da nação.

Por outro lado, a instituição mesmo com sólidos preceitos baseados na sua identidade não está imune à influência da sociedade em que está inserida e embora suas mudanças sejam lentas e graduais, são uma constante, inserida no contexto de cada época, no século XIX, o positivismo e as teorias higienistas que acreditavam numa diferença de capacidade entre o masculino e feminino, durante o século XX a organização se moderniza como um reflexo da sociedade e ao final daquele século a inserção da mulher, na área de apoio, ou seja, atividades administrativa e de magistério, como nos primórdios da educação feminina. A experiência destes primeiros trinta anos levaram a inserção da mulher na atividade fim da instituição, já no século XXI em 2017, embora ainda não possam atuar em todas as áreas.

A Instituição militar embora tradicional e com características de permanência no tempo têm percebido a necessidade de modernização nos relacionamentos interpessoais profissionais e nas suas posturas frente ao novo, de forma geral no século passado a modernização era mais presente e proeminente na obtenção de novos equipamentos, porém a atualidade ressalta a importância da preocupação com o pessoal militar e seu desenvolvimento. Neste interim os avanços nas rotinas e o incremento das mídias sociais ressaltam a importância do capital humano e da diversidade, inclusive com o ingresso da mulher.

A partir da micro-história das entrevistadas é possível traçar um panorama do momento atual dialogando de forma ampla com a interdisciplinaridade, afinal as vivências e experiências das militares abarcam diversas áreas do conhecimento e podem ser analisadas por prismas diversos que compõe a formação das indivíduos, enquanto militares, mães, filhas, mulheres e partícipes da história de seu tempo. Desta forma esta tese contribui para o estudo, a análise e as

considerações sobre as variadas representações sociais que perpassam pela vida das mulheres neste início de século XXI.

As questões do feminino e suas modificações no decorrer destes trinta anos, foram apresentadas e observadas nas entrevistas de mulheres com idades e tempo de formação diversas e pode-se perceber mudanças significativas a respeito das profissões e expectativas, porém algumas permanências são notadas, afinal todas as entrevistadas ao resolverem ingressar numa carreira militar pensaram o impacto que esta decisão teria para sua família, ou mesmo ingressando na vida militar as mulheres continuaram em carreiras ligadas aos cuidados, como professoras ou enfermeiras em sua maioria. Desta forma as lentes da História Cultural permitem uma análise do momento presente e as representações da mulher na sociedade brasileira que por meio da História de Si ressaltou as vivências e experiências da pesquisadora contextualizando-as com a das entrevistadas, onde a escuta atenta, com base na História Oral trouxe um panorama de um recorte da atualidade.

A mudança de paradigma na instituição militar quanto a inserção feminina necessita de alguns avanços na representação social da mulher pois esta continua a ser percebida como um ser mais delicado e frágil em comparação aos homens, o que pode ser percebido com vagas exclusivamente para eles. Embora, esta tese problematize os trinta anos da mulher no QCO, faz-se necessário refletir sobre os espaços a serem conquistados, pois a necessidade de diversificação dos quadros já é uma realidade social. Este estudo colabora para esta reflexão e a assimilação do trabalho e acessos igualitários para metade da população.

Enquanto estas linhas são escritas há diversos debates sobre o acesso das mulheres a todas as áreas da carreira militar, então a pesquisa aponta caminhos a partir das vivências e experiência de mulheres que integram o quadro onde começa a inserção de forma coordenada das mulheres na Força Terrestre. O debate a respeito do tema mostra-se atual e aparenta estar distante de um desfecho.

Desta forma os questionamentos desta tese contribuem com o conhecimento das expectativas, realidade, dificuldades, entraves, conquistas e realizações com uma análise interdisciplinar da relevância de estudos sobre o papel social da mulher. Acredita-se que este estudo pode agregar a futuras decisões e são uma expectativa de modificações para um futuro com mais igualdade de oportunidades quanto a inserção da mulher em todas as áreas

profissionais. As continuidades históricas permanecem na assimilação do trabalho da mulher, como a responsável pelo cuidado há a necessidade de mudança nos paradigmas estruturantes que somente o tempo e pesquisas similares poderão agregar. O caráter interdisciplinar pode auxiliar esta visão do todo da indivíduo dentro de cada área profissional.

O estudo sobre as mulheres no Exército Brasileiro é um tema onde a pesquisadora se vê representada por pertencer a instituição, poder contextualizar e evidenciar as mudanças que ocorrem desde 1992 e contribuir para uma maior equidade na organização militar e na sociedade, além de a partir desta tese interdisciplinar iniciar-se como pesquisadora da mulher na sociedade e os constantes desdobramentos ocorridos a partir da segunda metade do século XX.

Referências:

ABREU, A. A. GOMES, Â. C. OLIVEIRA, L. L. História e Cultura: Conversa com Carlo Ginzburg. **Estudos Históricos**; Rio de Janeiro, vol 3 n. 6, 1990, p.254 – 263. Disponível em https://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/Hist%c3%b3ria%20e%20cultura_Conversa%20com%20Ginzburg.pdf. Acesso em 13 Mar 2023.

AFFINI, L. P. Novos paradigmas da comunicação no contexto das tecnologias digitais: a produção audiovisual. 2007. Portal **Intercom**. Juiz de Fora, MG. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0654-1.pdf> Acesso em 07 Mar 2021.

ALEKSIÉVITCH, S. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo – SP, Companhia das Letras, 2016.

AGOSTINHO, T. C. Interação e visibilidade no ambiente organizacional. **8º Interprogramas de Mestrado Faculdade Cásper Líbero**. São Paulo, 2014. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Tiago-C%3%A9sar-Agostinho-1.pdf>. Acesso em 21 fev 2021.

BACZKO, B. Imaginação social. In **Enciclopédia Einaudi**, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.

BALDISSERA, R., SÓLIO, M. B. Relações públicas – processo histórico e complexidade. Conexão – **Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 7, p. 87-101, jan./jun. 2005. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/169/160>. Acesso em 21 fev 2021.

BARRETO, A. “**Exército de Caxias**”: **uma tradição a ser mantida?**. Le Monde diplomatique Brasil. Disponível em <https://diplomatie.org.br/exercito-de-caxias-uma-tradicao-a-ser-mantida/>. Acesso em 19 ago 2023.

BARROS, J. D’A. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4862954/mod_resource/content/1/Roger%20Chartier%20-%20Hist%C3%B3ria%20Cultural%20entre%20pr%C3%A1ticas%20e%20representa%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em 21 Abr 2023.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.

BENELLI, S. J. **A Instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar**. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 21, n. 3, p. 237-252, Dec. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300008&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300008>.

BERNARDES, M. R. LOPES, G. T. As enfermeiras da força expedicionária brasileira no front italiano. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo. 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0080-62342007000300015>. Acesso em 01 Maio 2023.

BEZERRA, R. Z. Objetividade histórica, autenticidade e restauração dos monumentos históricos: algumas considerações. **I Encontro Nacional da associação Nacional de Pesquisa**

e **Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2010, on line. Disponível em <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-747-1-SP.pdf>. Acesso em 01 Nov 2022.

BETTINI, L.P. SCHWARTZ, R. B. **Gênero de diversidade: Questões Históricas- Jurídicas Culturais**. Cadernos CERU, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 250–268, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/214922>. Acesso em: 9 abr. 2024.

BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Campinas, Papiros, 2005.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL, **Decreto nº 88.513, de 13 de Julho de 1983** - Publicação Original. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-88513-13-julho-1983-438402-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 07 Abr 2023.

BRASIL. Presidência da República, **DECRETO Nº 93.188, 1986.**, on-line, Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d93188.htm#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20Cada%20comando%20militar,operacionais%20\(G%20Cmdo%20Op\)%3B](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d93188.htm#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20Cada%20comando%20militar,operacionais%20(G%20Cmdo%20Op)%3B). Acesso em 02 Fev 2023.

CAETANO, I. F. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. 2017. On line . Disponível em https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf. Acesso em 15 Jan 2024.

CALDAS, A. L. **Primeira Versão**, Ano II, Nº140, Vol IX -- Porto Velho, RO. EDUFRO. Março/2004

CALMON, V. **Soldado Medeiros, a heroína da independência**. Gazeta Arcadas. Disponível em <https://gazetaarcadas.com/2019/08/29/soldado-medeiros-a-heroína-da-independência/>. Acesso em 27 Abr 2022.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **LEI Nº 9.519, de 26 de novembro de 1997**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1997/lei-9519-26-novembro-1997-365382-normaatualizada-pl.html>. Acesso em 22 FEV 2024.

CAMARGO, W. **Mulheres nas Forças Armadas: desenvolvimento histórico-jurídico da participação feminina na defesa nacional**. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/72412/mulheres-nas-forcas-armadas-desenvolvimento-historico-juridico-da-participacao-feminina-na-defesa-nacional>. Acesso em 27 Dez 2020.

CARNEIRO, M. T. **República, identidade nacional e anti-semitismo (1930-1945)**. R. História, São Paulo, n.129-131, p. 153-163, ago-dez/93 a ago-dez/94. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18726/20789>. Acesso em 15 Abr 2022.

CARRION, A. M. **Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial: consequências e contribuições para a evolução do Exército Brasileiro.** 2010 Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/11909/1/106268_Alexandre.pdf Acesso em 15 Abr 2022.

CERTEAU, M. **Psicanálise – Entre ciência e ficção.** Belo Horizonte, Autêntica Editora 2011.

CHADWICK, L. SACADURA, P. **Mulheres mal representadas na segurança e defesa, dizem embaixadores da NATO.** Disponível em <https://pt.euronews.com/my-europe/2023/03/09/mulheres-mal-representadas-na-seguranca-e-defesa-dizem-embaxadores-da-nato>. Acesso em 25 Out 2023.

CHARTIER, R. **À Beira da Falésia.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHAUÍ, M. **Brasil Mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.

COSTA, E. V. **Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue. A rebelião dos escravos de Demerara em 1823.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

DAROZ, C. C. O 7º Corpo de Voluntários da Pátria. **EB revistas.** 2017. Disponível em <http://ebrevistas.eb.mil.br/ADN/article/view/1311/1259>. Acesso em 23 Out 2022.

DA CUNHA, K. D. As mulheres brasileiras no século XIX. Anais do Encontro Nacional do GT- Gênero/ANPUH. Vitória, ES. 2014. Disponível em: https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina_dias_da_cunha.pdf. Acesso em 22 Fev 2024.

DA SILVA, C. R. Famílias de militares: explorando a casa e a caserna no Exército brasileiro. **Rev. Estud. Fem.** 21 (3) • Dez 2013. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000300006>. Acesso em 20 Fev 2024.

DATAFOLHA, Instituto de pesquisas, **Brasileiros veem Forças Armadas como instituição mais confiável,** 2019. Disponível em <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/04/1987746-brasileiros-veem-forcas-armadas-como-instituicao-mais-confiavel.shtml>. Acesso em 07 Mar 2021.

DE CARVALHO, J. M. **A formação das almas - o imaginário da República do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2017.

DE JESUS, M. A. **A trajetória das mulheres militares – Uma experiência em Missão de Paz no Haiti.** Brasília – DF: Tagore Editora, 2022.

DEL PRIORE, M. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história.** Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro v. 10, n.19, p.7-16, Dec.2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2009000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Abr 2022. <https://doi.org/10.1590/2237-101X010019001>.

DEL PRIORE, M. **Sobreviventes e guerreiras.** São Paulo – SP: Editora Planeta, 2020.

DIÁLOGO AMÉRICAS. **Brasil aumenta presença de mulheres em missões de paz da ONU.** On line. Disponível em <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/brasil-aumenta-presenca-de-mulheres-em-missoes-de-paz-da-onu/>. Acesso em 15 Jan 2024.

DUARTE, S. Militarismo a influência do mito na formação da identidade e imagem dos exércitos. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Dez 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2121-1.pdf>. Acesso em 21 Fev 2021.

DUARTE, S. O Gênero feminino no Exército, uma questão de cidadania. In ORESTES, Isabel Silveira, DE BRITO, Antonio Iraildo Alves (Orgs). **Cartografias mestiças e outros processos.** Editora Paulus. 2021. p.269-279. Disponível em https://www.paulus.com.br/loja/cartografias-mesticas-e-outros-processos_p_6773.html. Acesso em 27 Abr 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Armas, quadros e serviços.** Sem data. Disponível em <http://www.eb.mil.br/armas-quadros-e-servicos> . Acesso em 27 Abr 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Concurso de Admissão à Escola Preparatória de Cadetes do Exército – 2020.** Sem data. Disponível em <http://www.espcex.eb.mil.br/index.php/concurso>. Acesso em 27 Abr 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO **A história da mulher no exército.** Sem data. Disponível em <http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/> Acesso em 27 Abr 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Manual de Fundamentos EB20-MF10.101 O Exército Brasileiro.** 1ª Edição, 2014. <https://www.eb.mil.br/documents/10138/6563889/Manual+-+O+Ex%C3%A9rcito+Brasileiro/09a8b0d2-81d0-4a69-a6ea-0af9a53eaf45>

EXÉRCITO BRASILEIRO. **O Exército no período de 1822 a 1824.** Disponível em http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=/asset_publisher/view_content&_101_assetEntryId=1539555&_101_type=content&_101_urlTitle=o-exercito-no-periodo-de-1822-a-1824&inheritRedirect=true. Acesso em 15 Abr 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Patronos.** Disponível em: <https://www.eb.mil.br/patronos>. Acesso em 20 Jul 2020. Acesso em 14 Abr 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO **Vade-Mecum de CERIMONIAL MILITAR DO EXÉRCITO (VM 3)** 1ª Ed 2000. Disponível em <https://www.pm.mt.gov.br/documents/2459523/3696574/Vade-Mecum-03-2000-Cerimonial-Militar-Recepcao-de-Autoridades.pdf/265c1c33-684f-4a32-b43f-b99bdb97f605#:~:text=Honras%20Militares%20s%C3%A3o%20homenagens%20coletivas,s egundo%20o%20estabelecido%20no%20Art.> Acesso em 21 Mar 2023

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10)** 1ª Ed 2002. Disponível em <http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/cerimonial/vade-mecum/106-valores-deveres-e-etica-militare>. Acesso em 14 Abr 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Manual de Campanha Comunicação Social**. 1ª Ed, 2009, Disponível em: http://www.eb.mil.br/c/document_library/get_file?uuid=f1b88ec0-e848-40c6-ac50-a009a8f22017&groupId=11425 . Acesso em 21 fev 2021.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Diretriz de comunicação social do exército para o ano de 2021**. Disponível em port-c_ex_1336_dtz_com_soc_eb_2021.pdf . Acesso em 13 Mar 2021.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Revista Verde-Oliva**, Ano XXXII Nº 187 Jan/Fev/Mar de 2006, Centro de Comunicação Social do Exército, Brasília/DF. Disponível em <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206402bb5357736>. Acesso em 26 Mar 2023.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Revista Verde-Oliva** Ano XLII Nº 230 Edição Especial - Dez 2015 Centro de Comunicação Social do Exército – Brasília/DF. Disponível em :
Fonte: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/00123820652f95406b50f>. Acesso em 26 Mar 2023.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Manual de Campanha, Ordem Unida**. 4ª Edição, 2019. Comando de Operações Terrestres – Brasília/DF. Disponível em <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/5091/4/EB70-MC-10.308%20%E2%80%93%20Ordem%20Unida%2C%204%C2%AA%20Edi%C3%A7%C3%A3o%2C%202019%20-.pdf>. Acesso em 04 Out 2023.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Boletim do Exército 51 de 2022**. Disponível em http://www.sgex.eb.mil.br/sistemas/boletim_do_exercito/boletim_be.php. Acesso em 07 Abr 2023.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Ordem do Dia 19 de Abril – Dia do Exército**. Disponível em https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/znUQcGfQ6N3x/content/id/16578019. Acesso em 19 Abr 2023.

FAIMBERG, H. Método "a escuta da escuta". **Rev. bras. Psicanál.** São Paulo. v. 44, n. 3, p. 33-41, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 out 2023.

FARIA, R. M. Cidadania e Recrutamento Militar no Brasil Império, **XXIX Simpósio Nacional de História**. Brasília, 2017, Disponível em https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1489620810_ARQUIVO_CidadaniaerecrutamentomilitarnoBrasilImperio-artigo.pdf. Acesso em 23 Out 2022.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 14ª Edição. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

FÉLIX, L. O. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Edipuf, 1998. FOLHA DE SÃO PAULO, **Exército alega fisiologia e defende veto a mulheres em funções de combate**. São Paulo, 22 de Jan de 2024. Disponível em : <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/01/exercito-alega-fisiologia-e-defende-veto-a-mulheres-em-funcao-de-combate.shtml>. Acesso em 22 jan 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes.1999

FREYRE, G. **Nação e Exército**. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro. 2019.

IBERÊ, R. Passos para o Mito: Uma introdução ao pensamento de Roland Barthes. **Intercom**. Goiânia, 22 a 24/05/2019. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0635-1.pdf>. Acesso em 17 Jul 2020.

GAMA, M. G. A fabricação da imagem social da empresa. **IV SOPCOM**. Anais.... Minho: Universidade do Minho, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo. Editora Schwarcz. 2008.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro falso, fictício**. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

GOMES, N. Y. **Teatro da memória, teatro da guerra: Maria Quitéria de Jesus na formação do imaginário nacional (1823-1979)**. Dissertação (Estudos brasileiros). Universidade de São Paulo. 2022.

GRAHAM, M. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estadia nesse país durante os anos de 1821,1822,1823**. São Paulo. Editora Nacional, 1956.

HALL, S. **Da diáspora, Identidade e Mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG. 2013.

HERMOSO, B. Jürgen Habermas: “**Não pode haver intelectuais se não há leitores**”. 2018, **El País** Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html. Acesso em 21 Mar 2021.

JOSSO, M. C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 dez. 2020.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1990.

LEÃO, G. S. RODRIGUES, Poliana Jardim. Ensino de História: a imagem como fonte documental. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal, RN 22 a 26 de julho de 2013. Disponível em https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364760748_ARQUIVO_EnsinodeHistoriaimagemcomofontedocumental.pdf. Acesso em 14 abr 2024.

LEIROZ, F. Ego-escritos: possíveis alternativas de produção teórica. XI Congresso Internacional **ABRALIC**. on line. São Paulo. 2008. Disponível em <https://abralic.org.br>. Acesso em 06 Mar 2023.

LEMMON, G. T. **A Guerra de Ashley – Mulheres soldados das operações especiais no campo de batalha**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Rocco, 2018.

MCCANN, F. D. **Soldados da Pátria – História do Exército Brasileiro 1889-1937**. 1ª Reimpressão, São Paulo Companhia das Letras, Rio de Janeiro Biblioteca do Exército. 2009.

MARCHANY, W. G. Por que o aumento da presença das mulheres nas Forças Armadas brasileiras é importante para a paz mundial? **Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME**: Rio de Janeiro. 2022. Disponível em <https://ompv.eceme.eb.mil.br/geopolitica-e-defesa/geopolitica-e-capacidades-nacionais-de-defesa/557-aumento-presenca-mulheres-forcas-armadas-brasileiras-importante-paz-mundial>. Acesso em 17 Mar 2024.

MARTINO, L. M. S. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, A. V. **Visões do feminino, a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. on line. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/jnzhd/pdf/martins-9788575414514.pdf>. Acesso em 16 Jan 2023.

MARTINS, I. B. **Mulheres Militares Conquistas e Desafios**. Curitiba, PR: Editora Appris, 2015.

MATOS, I. S., BORELLI, A. SCHWARTZ, R. M. P. B. **Quebradeiras e coco babaçu: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor**. São Paulo. E-Manuscrito. 2022.

MENDES, R. S.; VAZ, B. O.; CARVALHO, A. F. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Revista Gênero e Direito**. Paraíba, v. 4, n. 3, p.88-99, 2015.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Gabinete do Ministro. 2020. **Portaria Nº 1.232, de 18 de março de 2020**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%201232-20-MD.htm. Acesso em 21 Fev 2021.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Escola Superior de Guerra**. Disponível em <https://www.gov.br/esg/pt-br/a-esg>. Acesso em 03 Mar 24.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Forças Armadas preparam mulheres para missões de paz da ONU**. online. Disponível em <https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/forças-armadas-preparam-mulheres-para-missoes-de-paz-da-onu>. Acesso em 18 Jan 2024.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, **Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul**. Disponível em <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cerimonial/ordem-nacional-do-cruzeiro-do-sul>. Acesso em 03 Mar 2024.

MORAES, Dênis. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997. Disponível em <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17283>. Acesso em 20 Nov 2022.

MORAES, M., **Maternidade uma análise sociocultural**. Curitiba, PR. Appris Editora, 2021.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL, **Empoderar mulheres em operações de paz continua a ser a principal prioridade, diz chefe das Forças de Paz da ONU**. Março de 2021. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/123480-empoderar-mulheres-em-opera%C3%A7%C3%B5es-de-paz-continua-ser-principal-prioridade-diz-chefe-das>. Acesso em 29 Dez2023.

NUNES, J. F., **Tobias Barreto e o Projeto de Lei Nº129/1879: Uma proposta acerca da educação feminina**. Universidade de Tiradentes, Aracaju, SE, 2012. Disponível em: https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/1022/DISSERTA%C3%87%C3%83O-TOBIAS-BARRETO-E-O-PROJETO-DE-LEI-N%C2%BA129_1879.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 29 jan 2023.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural, Reflexões**. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2003.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Casa Civil, **Decreto 93.188, de 29 de agosto de 1986**. Disponível em: [/http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d93188.htm#:~:text=A%20For%C3%A7a%20Terrestre%20\(F%20Ter,%2C%20privativo%20de%20oficial%2Dgeneral](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d93188.htm#:~:text=A%20For%C3%A7a%20Terrestre%20(F%20Ter,%2C%20privativo%20de%20oficial%2Dgeneral). Acesso em 03 Out 2023.

RÉMOND, R. O Contemporâneo do contemporâneo. In **Ensaio de ego-história**. AGULHON. Maurice. CMAUNIJ, Pierre. ES DUBY, Georg. GIRARDET, Raoul. PERROT, Michelle. LE GOFF. Jacques. RÉMOND, René. NORA, Pierre (Orgs). Ed Almedina, Portugal. 1989. ps, 287-341.

REVISTA MARIE CLAIRE. fevereiro de 2020. Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/02/claudia-leitte-homenageia-maria-quiteria-em-trio-em-salvador.html>. Acesso em 03 Dez 2022.

REZENDE, E. S. Um ensaio de ego-história. Revista **SUSTINERE**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 144-153, jan-jun, 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.12957/sustinere.2016.24636>. Acesso em 01 Maio 2023.

ROSA, A. R., BRITO, M. J. “Corpo e Alma” nas Organizações: um Estudo Sobre Dominação e Construção Social dos Corpos na Organização Militar”. **Rev. adm. contemp.** vol.14 ano.2 Curitiba abr. 2010. *Disponível em* <https://doi.org/10.1590/S1415-65552010000200002> . *Acesso em 20 Jun 2020*

ROSA, A. P. Midiatização de imagens: entre circulação e circularidade, 2009, **Intercom Sul**. X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul Blumenau, SC. Anais [...]. <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1012-1.pdf>

ROSENTHAL, G. História de vida vivenciada e história de vida narrada A interrelação entre experiência, recordar e narrar. Dossiê: Narrativas - teorias e métodos • Civitas, **Rev. Ciênc.**

Soc. 14 (2) • May-Aug 2014 Disponível em <https://www.scielo.br/j/civitas/a/5SY8P9tjdsVTMJdvTBkcLxH/>. Acesso em 03 set 2023.

SANTANA, W.; BUENO, M. M. Anos dourados: em busca da liberdade e justiça social. **Cadernos de História**, v. 23, n. 39, p. 9-19, 13 dez. 2022. Disponível em <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/29046/21311>. Acesso em 09 Abril 2023.

SÃO PAULO ANTIGA. **Monumento ao Duque de Caxias**, on-line. Disponível em <https://saopauloantiga.com.br/monumento-a-duque-de-caxias/>. Acesso em 20 Jul 2023.

SCHWARTZ, R. M. P. B. **Beijing, muito mais que palavras. A Quarta Conferência sobre a mulher da Organização das Nações Unidas – ONU**. Curitiba PR, Editora Appris, 2017.

SCHWARTZ, R. M. P. B. Fotografia como registro/documento: pesquisas, métodos e análises. In SCHWARTZ, RMPB. MELLO, PC. DUARTE, SLP. SANTANA, WE. **Territórios da Pesquisa**. São Paulo, SP. Pomello Digital, 2023.

SENADO FEDERAL. Senado Notícias, **Símbolos nacionais representam a identidade de uma nação**. Fonte: Agência Senado on line. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/09/17/simbolos-nacionais-representam-a-identidade-de-uma-nacao-diz-consultor>. Acesso em 02 Out, 2022.

SILVA, M. G., FOSSÁ, M. T. A comunicação e a cultura organizacional no processo de construção da responsabilidade social. **8o Intercom Sul**. Passo Fundo, RS: Anais [...]. Universidade de Passo Fundo, maio 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0057-1.pdf> . Acesso em 22 mar 2021.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Normas que restringem participação de mulheres nas Forças Armadas são questionadas no STF**. On line. Disponível em <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=517380&ori=1>. Acesso em 15 Jan 2024.

STARLING, H. M. e PELLEGRINO, A. **Independência do Brasil – As Mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo, 2022.

TAYLOR, C. (Org.) **Multiculturalismo**. Lisboa. Instituto Piaget, 1998.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1998.

TREVISAN, R. Org, **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**, Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/teatro>. Acesso em 03 Abr 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO, editora **Confira o conceito de "esfera pública"**. de acordo com Giddens e Sutton. 2016. Blogs. Disponível em <http://editoraunesp.com.br/blog/confira-o-conceito-de-esfera-publica-de-acordo-com-giddens-e-sutton-> Acesso em 22 mar 2021.

VEIGA, E. **Como batalha do Século 17 acabou ressignificada como fundação do Exército Brasileiro.** BBC News, Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c84mjm9488no>. Acesso 19 Abr 2023.

Apêndices

Apêndice 1 – Questionário de pesquisa – modelo



QUESTIONÁRIO DE PESQUISA MODELO

“O feminino em questão – 30 anos do ingresso de forma estruturada da mulher no Exército Brasileiro” – Problematização do ingresso das mulheres no Quadro Complementar de Oficiais e a trajetória dessas integrantes, conquistas, sonhos, óbices e integração a uma instituição predominantemente masculina.”

1. Qual sua turma de formação?
2. Quais foram as motivações para ingressar na carreira militar?
3. Se militar da reserva, em que posto se deu?
4. Se militar da ativa, quais suas aspirações?
5. Se pertencente a primeira turma de mulheres como foi sua recepção na escola e no quartel ao qual foi designada?
6. Se desempenhou missão no exterior como foi a escolha, os óbices, a vida familiar?
7. Se de magistério como foi a recepção dos alunos, principalmente para as militares que ingressaram nos anos 90 do século XX?
8. Como foi / é a reação das pessoas civis ao serem informadas da sua profissão?
9. Quais cursos gostariam de ter feito/fazer e que não tiveram acesso por ser QCO?
10. Como imaginam o desempenho das tarefas diárias das mulheres de arma?
11. Caso sejam professoras da EsPCEEx ou AMAN como foi o ingresso das alunas e aspirantes na linha militar bélica?

Observação:

Haverá outras a depender da interação na entrevista

- (1) Quando e como iniciou a percepção de que a segurança é atividade exclusiva masculina?
- (2) Como foi estruturado o ingresso do feminino na carreira no Exército Brasileiro?
- (3) Qual as motivações para o ingresso da mulher?
- (4) Como esta ação foi percebida pelos integrantes da instituição e pela sociedade?
- (5) Como as integrantes se percebem na Instituição?
- (6) Como é a integração a uma instituição predominantemente masculina?
- (7) Os óbices a as conquistas nos primeiros 30 anos?

Apêndice 2 – Termo de Consentimento



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO⁷⁷

Eu, _____ portador da cédula de identidade no. _____, emitida pela ____ na data de _____, naturalidade _____, residente à _____, cidade de _____, UF _____, assino este TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO referente a minha participação na etapa de coleta de dados, a partir da técnica de entrevista, na pesquisa “Tradições e rituais – 30 anos da mulher no EB” – Problematização do ingresso das mulheres no Quadro Complementar de Oficiais e a trajetória dessas integrantes, conquistas, sonhos, óbices e integração à uma instituição predominantemente masculina.”

realizada por Sílvia Lúcia Pereira Duarte, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura – Doutorado da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Confirmo que recebi, da autora da pesquisa, claras e completas explicações sobre os procedimentos de pesquisa, e tive todas as perguntas satisfatoriamente respondidas.

Tenho ciência de que posso, a qualquer momento, interromper ou encerrar minha participação na pesquisa, e retirar a autorização de uso das informações, sem qualquer prejuízo para mim ou para a pesquisadora. Sei também que não há nenhum tipo de despesa, remuneração ou compensação financeira, a qualquer título, referente à participação no estudo.

Estou ciente que nenhum dado pessoal, ou informação que permita minha identificação, constará na pesquisa, em qualquer relatório, artigo científico ou similar dela derivado.

ASSINATURA: _____

LOCAL E DATA: _____, ____ / ____ / ____

Dados e contatos da Pesquisadora:

Sílvia Lúcia Pereira Duarte - Celular: [REDACTED] - e-mail: [REDACTED]

⁷⁷ As cópias devidamente assinadas encontram-se com a pesquisadora para resguardar o anonimato das entrevistadas.

Apêndice 3 – Termo de Consentimento com autorização para divulgação de dados pessoais e uso de imagem



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO COM AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE DADOS PESSOAIS E USO DE IMAGEM⁷⁸

Eu, _____, portador da cédula de identidade no. _____, emitida pela _____ na data de _____, naturalidade _____, residente à _____, cidade de _____, UF _____, assino este TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO referente a minha participação na etapa de coleta de dados, a partir da técnica de entrevista, na pesquisa “Tradições e rituais – 30 anos da mulher no EB” – Problematização do ingresso das mulheres no Quadro Complementar de Oficiais e a trajetória dessas integrantes, conquistas, sonhos, óbices e integração à uma instituição predominantemente masculina.” realizada por Sílvia Lúcia Pereira Duarte, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura – Doutorado da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Confirmo que recebi, da autora da pesquisa, claras e completas explicações sobre os procedimentos de pesquisa, e tive todas as perguntas satisfatoriamente respondidas.

Tenho ciência de que posso, a qualquer momento, interromper ou encerrar minha participação na pesquisa, e retirar a autorização de uso das informações, sem qualquer prejuízo para mim ou para a pesquisadora. Sei também que não há nenhum tipo de despesa, remuneração ou compensação financeira, a qualquer título, referente à participação no estudo.

Autorizo, ainda, a divulgação de meus dados pessoais e imagem na presente pesquisa e em material posterior derivado dela, como por exemplo relatório, artigo científico, livro ou similar.

ASSINATURA: _____

LOCAL E DATA: _____, __ __ / __ __ / __ __

Dados e contatos da Pesquisadora:

Sílvia Lúcia Pereira Duarte - Celular: [REDACTED] -e.mail: [REDACTED]

⁷⁸ As cópias assinadas encontram-se em poder da pesquisadora.